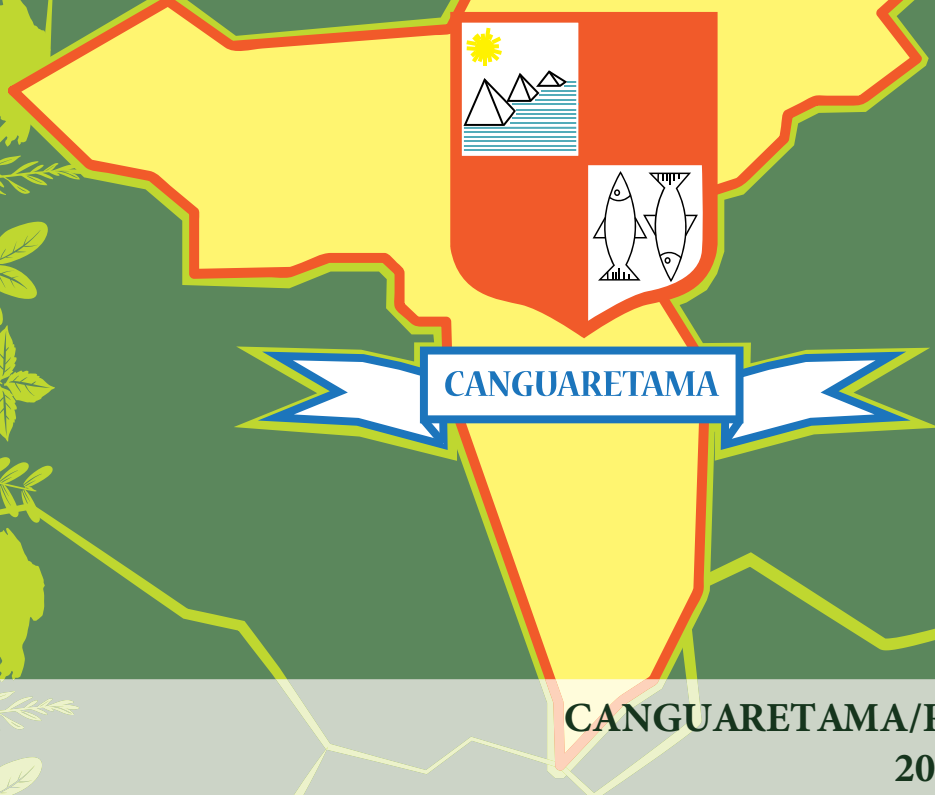


THIAGO ANTONIO DE OLIVEIRA
ORIENTAÇÃO: MARCIO MONTEIRO MAIA

ABUNDÂNCIA DE VALE COM MATAS À VERDEJANTE CANGUARETAMA/RN



CANGUARETAMA/RN
2016

THIAGO ANTONIO DE OLIVEIRA

ABUNDÂNCIA DE VALE
COM MATAS À VERDEJANTE
CANGUARETAMA/RN



NATAL/2016

Presidente da República Michel Temer
Ministro da Educação José Mendonça Bezerra Filho
Secretária de Educação Profissional e Tecnológica Eline Neves Braga Nascimento

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Rio Grande do Norte**

Reitor Wyllys Abel Farkatt Tabosa
Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação Marcio Adriano de Azevedo
Coordenadora da Editora do IFRN Darlyne Fontes Virginio
Conselho Editorial André Luiz Calado de Araújo
Dante Henrique Moura
Jerônimo Pereira dos Santos
José Yvan Pereira Leite
Maria da Conceição de Almeida
Samir Cristino de Souza
Valdenildo Pedro da Silva

Todos os direitos reservados

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha elaborada pela Seção de Processamento Técnico da Biblioteca Sebastião
Fernandes do Campus Natal Central do IFRN.

O48a Oliveira, Thiago Antonio de.
Abundância de vale com matas à verdejante Canguaretama/RN /
Thiago Antonio de Oliveira. – Natal: Editora do IFRN, 2016.
187 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-8333-266-4

1. Canguaretama – Rio Grande do Norte. 2. Canguaretama -
História. 3. Rio Grande do Norte - História. I. Título.
CDU 94(813.2)

DIAGRAMAÇÃO

Rômulo França
Eriwelton Carlos M. da Paz

DIAGRAMAÇÃO

Eriwelton Carlos M. da Paz

REVISÃO DE CONTEÚDO

Fernanda Magna Marinho

REVISÃO LINGUÍSTICA

Karla Jisanny Azevedo da Silva

CONTATOS

Editora do IFRN
Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol.
CEP: 59015-300
Natal-RN. Fone: (84) 4005-0763
Email: editora@ifrn.edu.br

Edição eletrônica: E-books IFRN
Prefixo editorial: 8333
Disponível para download em:
<http://memoria.ifrn.edu.br>

INCENTIVANDO, PELA SUA OUSADIA...

O presente livro, obra elaborada por meio de pesquisas de campo, junto com relatos de memórias e acervos bibliográficos específicos do município de Canguaretama/RN, garimpados pelo próprio autor, traz um arcabouço de informações relevantes para aqueles que sentem necessidade de conhecer melhor o seu local de origem, e para aqueles curiosos para adentrar um pouco mais na história, nos aspectos geográficos e nas questões econômicas pontuais deste município.

A obra foi realizada no intuito de aproximar a população do RN, ao leque de questões sobre a criação de nossos antigos engenhos e questões religiosas, perpassadas pela fé de um povo e marcadas nas capelas do litoral sul.

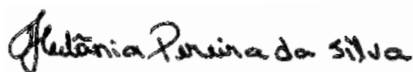
Este livro segue mais um caráter descritivo do assunto (coletânea de caracterização), porém, traz ainda, pincelada de entendimentos das marcas da invasão Holandesa neste estado e dessas marcas dos maus tratos de um povo que foi exemplo de fé e de exploração econômica em um solo, além de sagrado pela religiosidade, abençoado pela fertilidade que aqui foi encontrada.

Terras férteis que incentivaram a ganância de exploradores externos, alimentados pelo ideal de riqueza imediata, por meio do cultivo da tão disputada cana-de-açúcar, e, pela ganância de dominação de povos considerados raças inferiores, aqui sendo explorados e incentivados a lutarem entre si, contrariando princípios de povos que já possuíam seus modos de vida.

O material aqui apresentado tem por finalidade trazer um resgate da história de criação do próprio município, da organização territorial que envolveu a criação dos engenhos, seu ápice e seu declínio, e da força de um povo que obteve pela fé a bravura necessária

para a sua sobrevivência. Mas principalmente, tenta inserir a cultura de uma maior valorização desse município, mostrando que este foi palco de lutas e de riqueza, pautadas em ciclos econômicos de destaque em nosso estado, perdidos na memória de um povo, que nem ao menos conhece a importância dessas terras.

É uma obra de um autor iniciante, que tenta construir sua história, baseada num olhar de pesquisador, morador local e curioso do referente tema, com intuito de seguir passos maiores na área discutida, sendo incentivado, pela sua ousadia de antecipar a vontade de tornar-se especialista nesta temática e de conseguir reconhecimento trilhando o caminho da pesquisa e de uma educação livre, consolidada na teoria institucional e alicerçada, além “muros” da simples sala de aula.



Helânia Pereira da Silva
Docente na EAJ

DEM SURPREENDER E INOVAR...

Em busca de evidências que denotem uma nova realidade histórica para o município de Canguaretama/RN e motivado em possibilitar a disseminação do conhecimento em uma população ansiosa para desbravar os longínquos segredos oriundos nos primórdios de sua fundação.

Ainda muito jovem, porém talentoso e perspicaz, o ex-aluno de administração no IFRN-Campus Nova Cruz, hoje, aluno de informática no IFRN-Campus Canguaretama, além de ser pesquisador, poeta, escritor e no futuro, um historiador e produtor cultural, com outras especializações, enfim, o garoto, Alemão ou Gringo, paralelamente a outras literaturas que circundam o elenco histórico-cultural do município de Canguaretama/RN, vem surpreender e inovar por meio da singular publicação intitulada: *ABUNDÂNCIA DE VALE COM MATAS À VERDEJANTE CANGUARETAMA/RN*.

Ao fazer uso de relevantes argumentos e preciosos detalhes, o autor traz à tona o cenário repleto de informações, novas descobertas e um vasto acervo técnico-cultural que, em conjunto, prestigia a todos os leitores com a enigmática resposta ao “quebra-cabeça” acerca da formação do primeiro núcleo populacional de Canguaretama/RN à elevação como cidade de mesma toponímia, e também a consolidação como territórios independentes de Pedro Velho/RN, Baía Formosa/RN, Vila Flor/RN e Montanhas/RN. Enfim, esse jovem curioso e pesquisador por vocação procura e persiste em encontrar nesses territórios um pouco da sua história quase totalmente ignorada.

Ao vislumbrar esta obra, estaremos dando início ao ponto de partida através de uma prazerosa viagem no tempo e no espaço a partir da fundação de Canguaretama/RN, em que serão agraciados os

nomes de importantes personalidades que deram suas contribuições para a história dessa terra.

Além deste considerável legado, esta obra vem contemplar aspectos vitais para a enigmática conjuntura histórica do município, entre os quais, a construção da Praça Augusto Severo, os mistérios sobre a edificação da Igreja Matriz de N. Sr.^a da Conceição, uma crônica dos Massacres do Período Holandês, textos poéticos sobre os mesmos, o polêmico ensaio Ctrl C, Ctrl V: Massacres do Período Holandês e os fabulosos engenhos.

Reavivaremos a influência da forte religiosidade do nosso município, ao abordar as capelas de São Geraldo, N. Sr.^a das Candeias, N. Sen. dos Navegantes, Santa Cruz e São Caetano e conheceremos em parte o rico folclore do município, e, por fim, um pouco de uma das maiores fontes econômicas do município de Canguaretama/RN, as salinas.



Erivan Oliveira Ferreira da Silva
Escritor e professor

Consagro esta obra:

ao ilustríssimo e digníssimo Sr. **Dagoberto Câmara**; por ter sido a primeira pessoa a me ceder e ainda passar preciosos dados sobre o município de Canguaretama/RN, a Prof. Mrs. **Helânia Silva**; pela incomparável e imprescindível colaboração nessa obra, a minha família, **Gilberto Oliveira** , **M^a José Noberto**, **Marina e Ricardo Noberto**; por me apoiarem e *In memoriam* de **Otávio de Araújo Lima**; uma grande fonte histórica e amigo.

Gratulo:

ao Prof. Dr. **Márcio Maia**; em razão da orientação ímpar, ao escritor e professor **Erivan Ferreira**; pela cooperação singular, a **Manoel Oliveira**, **Fernanda Marinho** e a **Executive: Soluções Empresariais**; que gentilmente cederam suas habilidades profissionais, a **Camila Justino**; pela belíssima poesia “Pessoas diferentes”, a **Larissa França**; em virtude da amizade em momentos turbulentos.

As Sras. **Diva Francelina** e **Joselita Lima**; pelas informações sobre a capela da Santa Cruz, ao Sr. do Engenho Pituaçú, **Eduardo H. Gomes de Carvalho**; pelas tardes ricas de estórias sobre o seu engenho, ao Dr. **Hermano Almeida**; pelas informações sobre o extinto Engenho Cruzeiro, ao Sr. **Antônio Correia**; por ser uma biblioteca ambulante sobre a cidade de Montanhas/RN, ao filho do “Rei do Sal”, o Sr. **Elias Calazans**;

Ao **IFRN-Campus Canguaretama** e a **Editora do IFRN**; pela extrema paciência e compreensão e pôr fim a todos (as) aqueles (as) que ajudaram de forma direta ou indireta na elaboração da presente obra.

PESSOAS DIFERENTES

Camila Justino¹

*Nossa história é muito louca
Somos polêmicos
Somos semelhantes
Temos apenas uma diferença
Somos homem e mulher
Que se completa
Que sofre
Que luta por um espaço
Que não é compreendido nesse
Mundo onde estamos condenados
A sentença dos padrões
Somos heróis ou bandidos?
O que há de errado em “nóis”?
Por sermos a originalmente gente
Como somos excluídos
E não temos mundo
Cometemos um crime
Formamos o nosso próprio mundo
Por isso roubamos atenções
E matamos as regras estipuladas
Obrigatoriamente nas nossas vidas
Porém hoje somos bandidos para
No futuro sermos herói.*

1 Camila Justino Miguel da Costa, atualmente discente do técnico integrado em Administração vespertino do IFRN-Campus Nova Cruz, além de ser uma excelente poetiza.

SUMÁRIO

CAP. I. CIDADE DE CANGUARETAMA/RN	15
SÍNTESE HISTÓRICA	17
NÚCLEO POPULACIONAL DO ENGENO CUNHAÚ	19
MISSÃO DE GRAMACIÓ	21
VILA FLOR	24
POVOADO DO URUÁ	27
VILA DE CANGUARETAMA	29
CANGUARETAMA/RN	34
DESMEMBRAMENTOS	37
PRAÇA AUGUSTO SEVERO	45
IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	51
MASSACRES DO PERÍODO HOLANDÊS	58
CTRL C, CTRL V: MASSACRES DO PERÍODO HOLANDÊS	87
CAP. II. ENGENHOS	97
DESCRIÇÃO	99
INSTALAÇÕES	99
ORGANOGRAMA DO ENGENHO	100
CUNHAÚ	101
ILHA DO MARANHÃO	106
MURIM	109
JUNCAL	111
PITUAÇÚ	113
ANGELIM	116
PAUL	117
CATUZINHO	119

MANGUEIRA.....	121
CRUZEIRO.....	123
CAP. III. CAPELAS	127
CONCEITO	129
ETIMOLOGIA DA PALAVRA	129
SÃO GERALDO	130
NOSSA SENHORA DAS CANDEIAS	132
NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES.....	135
SANTA CRUZ	137
SÃO CAETANO	141
CAP. IV. FOLCLORE	145
SIGNIFICADO	147
LENDAS.....	147
MITOS	147
DEMÔNIO DO OUTEIRO.....	149
PAI DO MANGUE.....	151
COMADRE FULOZINHA.....	152
ÍNDIA DO CATU.....	154
A RESSUSCITADA DO CUNHAÚ	155
BALEIA ENCANTADA.....	160
CORONEL DENDÊ ARCO VERDE	161
TESOURO DO HOLANDÊS.....	166
GRUTA DO BODE.....	168
CAP. V. SALINAS.....	171
DEFINIÇÃO.....	173
ANTECEDENTES HISTÓRICOS	173
ERA DO SAL.....	174
A PRODUÇÃO DO SAL ATRAVÉS DE FOTOGRAFIAS	180
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	185
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	191

SELF-MADE MAN
(Autor desconhecido)



CAPÍTULO 1

CIDADE DE CANGUARETAMA/RN

Oh Vila! Diga teu nome,
Também te quero chamar...

Tu és Vila da Penha
Canguaretama ou Uruá.

(Autor desconhecido).

SÍNTESE HISTÓRICA

A cidade de Canguaretama/RN, cujo significado na língua geral, tupi, seria: CAA; Vale, GUA; Matas; RETAMA, abundância, ou seja, Vale das abundantes matas, mas poderá ser Terra dos Esqueletos, referência ao Massacre do Cunhaú, mas qual seria o real significado da toponímia ao ver do Coronel Dendê Arco Verde, o idealizador do nome.

Tem a sua principal entrada pela BR 101, altura do KM 64, ao sul da capital Natal/RN, com a distância em linha reta de 67 km, a sua área territorial é de 245,529 km², sendo 1,6578 km² no perímetro urbano, a sua população foi estimada em 2014 em 33.323 habitantes, sendo então o décimo quinto mais populoso do RN e o primeiro da Microrregião do Litoral Sul, se limita a norte com Goianinha/RN e Vila Flor/RN, a sul com Mataraca/PB e Mamanguape/PB e Pedro Velho/RN, a leste com o Oceano Atlântico e Baía Formosa/RN e a oeste com Espírito Santo/RN.

De acordo com o IBGE (1948): “O território do atual município de Canguaretama/RN pertencia inicialmente ao Engenho Cunhaú, depois pertenceu à povoação de Vila Flor pela Carta Régia de 03 de maio 1755 e da Resolução do Conselho do Governo de 11 de abril de 1833, a sua sede foi transferida, a esse topônimo. Mas por força da Lei Provincial, n° 367, e 19 de julho de 1858, a sua sede foi transferida para o Povoado do Uruá, elevada a Vila de Canguaretama, designação que passou também a comuna. A Lei provincial n° 955, de 16 de abril de 1885, elevou a categoria de cidade a sede do Município de Canguaretama, que, na “Divisão Administrativa de 1911”, aparece constituído de três distritos, Canguaretama, Vila Flor e Baía Formosa. No quadro de divisão administrativo relativo

a 1933, contido no “Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio”, o Município em apreço apresenta-se formado por um só distrito - o da sede -. Dá-se o mesmo nos quadros de divisão territorial datados de 31-XII-1936 e 3-XII-1937, como também no anexo ao Decreto-lei estadual nº 457, de 29 de março de 1938, retificado pelo decreto-lei estadual nº 474, de 26 do mês seguinte. Em cumprimento ao Decreto-lei estadual nº 603, de 31 de dezembro de 1938, que fixou a divisão territorial do estado, a vigorar no quinquênio 1939-1943, o Município de Canguaretama passou a abranger mais um distrito, o de Flor, instituído com parte de território do seu distrito-sede. Desse modo, na citada divisão, figura composta por 02 distritos: o da sede e o de Flor, assim permanecendo na divisão territorial do estado, vigente no quinquênio 1939-1943, instituída pelo Decreto-lei estadual nº 268, de 30 de dezembro de 1943”.

NÚCLEO POPULACIONAL DO ENGENO CUNHAÚ



Fonte: GINANI FILHO, 2014.

Figura 1 – Engenho Cunhaú.

O Engenho Cunhaú² foi o primeiro engenho real³, construído na Capitania do Rio Grande, edificado na ribeira de Piquery do rio Cunhaú, fundado pelo mameluco Jerônimo de Albuquerque Maranhão “O Conquistador do Maranhão”, que nasceu a 1548, na Vila de Olinda, terceiro filho varão do Fidalgo português Jerônimo de Albuquerque, o Torto⁴, com a brasileira Maria do Espírito Santo Arco Verde⁵, antes, Muirá-Ubi, Tindarena ou Tabira, filha do cacique tabajara Tuixaua Ubira Ubi⁶. (WILSON, 2015).

Jerônimo de Albuquerque Maranhão casou-se com Catharina Pinheiro Feijó, da “Casa dos meirinhos môres do Reino”, em data

2 A toponímia “Cunhaú” é originária da língua geral, ou seja, tupi, que significa “água de mulher”, que vem através da junção dos termos kunhã (“mulher”) e ‘y (“água”).

3 Para a fabricação do açúcar, instalavam-se os engenhos junto a um curso d’água, que servia de força motriz para a moenda. (ANÔNIMO, 2015).

4 Essa alcunha foi adquirida por ter ficado sem um olho, devido uma flechada que levou.

5 Receberá o nome de Maria do Espírito Santo em graças à festa de Pentecostes que se celebrava no dia do seu batismo e casamento e o Arco Verde em lembrança a descendência indígena.

6 Em português lusitano, Arco Verde. (PAIVA; 2015).

ignorada, com quem teve Antônio e Matias de Albuquerque Maranhão, em períodos desconhecidos. (CASCUDO, 2008)

Passou em 02 de maio de 1604, em forma de sesmaria, as 500 braças², que abrangia o Engenho Cunhaú, para os filhos, e, nesse momento iniciou-se a Casa de Cunhaú. (GINANI FILHO, 2014).

Segundo Maranhão (2001):

Em 1630, a Capitania das Índias Ocidentais encomendou ao espião Adriano Verdonk um relatório da propriedade, que informava: a três milhas de Caramaratuba existe um engenho, que produz anualmente de 6 a 7 mil arrobas de açúcar e possui uma população de 60 a 70 homens com suas famílias; meia milha deste engenho corre um rio, de três milhas de longo e meia milha de largo onde as barcas carregam açúcar de 100 a 110 cada uma pra levar a Recife e na volta trazia muito gado e farinha. [...]

Passadas as turbulências que caracterizou o início da ocupação holandesa de novembro de 1634, ao redor da Capela, da Casa Grande, viviam pacatamente 70 famílias, inteiramente dedicadas aos seus trabalhos na lavoura e na moagem da cana, sendo assim o primeiro núcleo populacional do futuro município de Canguaretama/RN e da região, hoje conhecida por Litoral Sul.

Devido à Carta Régia de 03 de maio 1755, e da Resolução do Conselho do Governo provincial de 11 de abril de 1833, a sua sede foi transferida à Vila Flor. (IBGE, 1948).

MISSÃO DE GRAMACIÓ⁷



Fonte: <http://igrejacatolicadeVilaflor.blogspot.com.br/> Acesso em: 01. jul. 2015.

Figura 2 – Capela de N. Sr.^a do Desterro.

Para converter os gentios (pagãos não batizados ao catolicismo) os jesuítas⁸ receberam da Coroa Portuguesa, em 1596, a responsabilidade de catequizá-los, no processo de colonização na América, Ásia e África que desde o início dedicaram exclusivamente a catequizar os índios.

Para cumprir essa tarefa, os autointitulados “Soldados da Igreja” iniciaram em várias partes das colônias, a organização fortemente influenciada pela organização militar e pela disciplina, nas chamadas missões⁹. (BRANDÃO, 1999).

Nas palavras de Brandão (1999, p. 23-24):

Os conflitos ocorridos desde a Retirada dos Holandeses ao Terço dos Paulistas¹⁰ provocaram muitas mortes e sofrimentos aos in-

7 Na língua geral, tupi, seria: “Onde a caça é cercada”.

8 Esta ordem religiosa ficou conhecida por Companhia de Jesus, foi fundada em 1534 por Inácio de Loyola, logo após a Reforma Protestante (século XVI), como uma forma de barrar o avanço do protestantismo no mundo. Os primeiros jesuítas chegaram ao Brasil no ano de 1549, com a expedição de Tomé de Souza.

9 Também chamadas de reduções, local de conversão dos indígenas ao cristianismo.

10 Grupo de homens cujo interesse era escravizar os índios.

dígenas e aos portugueses. Sabendo disso, o capitão-mor do Rio Grande, Bernardo Vieira de Melo, separou um pedaço de terra em 1700, para os indígenas viverem aldeados em missões. Esse fato visava à aculturação¹¹ dos indígenas ao invés da preservação deles.

Todos as missões jesuítas que se fundaram na sesmaria do Cunhaú nasceram e se expandiram sob a heráldica dos Albuquerque Maranhão e se sedimentaram, economicamente, em função do açúcar e do gado e de muitos outros produtos, como o milho, o feijão e principalmente da farinha de mandioca, que eram exportados para as províncias da Paraíba e Pernambuco. (BARRETO, 1985).

Distante de cerca de 12 léguas, ao sul da cidade do Natal e a poucas léguas do Engenho Cunhaú e da confluência da ribeira do rio Gramació com o Cunhaú, seria fundada a Missão de Gramació. Essa missão possuiria uma légua quadrada, doada em 9 de novembro de 1677, por Matias de Albuquerque Maranhão, dono do Engenho Cunhaú, contudo desde 1661, já possuía um cruzeiro plantando por um missionário capuchinho.

A Missão de Gramació foi fundada provavelmente em 23 de setembro de 1700, pelos Carmelitas do Carmo da Reforma Turonense, do Convento do Recife, para evangelizar os índios daquela região. (BARRETO, 1985).

Do ano de 1743 a 1745, foi construída a capela¹² na invocação de Nossa Senhora do Desterro, cujos trabalhos estiveram a cargo do frei André de Sacramento, que doou à capela a missão três anos antes de seu término:

11 Fusão de culturas decorrente de contato continuado.

12 Tombada pela Fundação José Augusto em 23 de fevereiro de 1985. Atualmente usada para celebrações religiosas tradicionais. (FJA, 2015).

No anno de 1743, o Governor, do Sup. Pe. notor. P. F¹³. André do Sacramento principou esta Igreja e acabou em janeiro de 1745. Reedificada na adm. De Francisco Xavier de Matos, no ano de 1843. (BARRETO, 1985).

Segundo as tradições locais, haveria dentro dessas paredes os escravos mortos que foram utilizados como tijolos para melhorar a estrutura da capela.

Em 03 de maio 1755, foi elevada a Vila, sob a toponímia de Vila Flor, em obediência à proibição da língua geral, Tupi, e a expulsão dos jesuítas de suas missões.

VILA FLOR



Fonte: <http://jotamaria-Vilaflor.blogspot.com.br/>
Acesso em: 01 jul. 2015.

Figura 3 – Casa da Cadeia e Câmara da Vila Flor.

A criação da Vila ocorreu pelo Alvará Régio de 03 de maio de 1755, que além da expulsão dos jesuítas dos povoados indígenas, visava à elevação ao predicamento de Vila todas as missões existentes na Província, também nesse alvará foi proibida a língua geral, tupi, sendo assim a antiga Gramació, elevada à Vila Flor, em obediência às instruções que impunham sobre designações de comunas portuguesas. (BARRETO, 1985).

Segundo Câmara Cascudo, “nos veios de Portugal, inteiro, indeformável e lá continua como Vila Real, Vila do Conde, Vila Nova de Gália, Vila Nova de Cerveira”.

Não seria, portanto, uma homenagem ao Conde de Vila Flor, Dom Antônio de Souza Manoel Menezes, que deixou o governo de Pernambuco no ano anterior.

A Vila se localizava ao norte com a Villa de Goyaninha e Villa de Mipibu, ao poente com Villa Nova do Príncipe, ao sul com a Província da Parayba, e as suas principais

povoações eram: Crumatá, Pernambuquinho, Tamantanduba, Tibau e Cunhaú.

A Vila Flor foi instalada simbolicamente em 07 de outubro de 1758, quando foi colocado um pelourinho¹⁴ feito de pedra e cal próximo à Casa da Câmara e Cadeia, mas oficialmente foi em 10 de outubro de 1762, com a presença do Dr. Miguel Carlos Caldeira de Pinto Castelo Branco que viera de Pernambuco em obediência à Carta Régia, após a instalação da Vila, a administração da mesma estava a cargo de Francisco Xavier de Matos.

Em dezembro de 1839, recebeu a visita do Bispo de Pernambuco, Dom João da Purificação Marques Perdigão, prelado de Olinda, cuja Diocese estava subordinada eclesiasticamente à Província do Rio Grande, sobre essa visita, diz Cascudo (2008, p. 96):

O Bispo de Pernambuco, Dom João da Purificação Marques Perdigão hospedou-se a 14 de dezembro de 1839, no Engenho Tamantanduba, pertencente ao tenente-coronel André de Albuquerque Maranhão Cavalcanti.

A Vila Flor era um feudo territorial do Coronel Dendê Arco Verde, Senhor do Cunhaú, no momento, após o seu suicídio em 26 de julho de 1857, começara a aterrorizar os moradores da Vila com as suas aparições em certas horas da noite, montado no seu alazão enfeitado de moedas de prata.

Com a transferência da sede da Vila Flor para o Povoado do Uruá¹⁵, pela Lei provincial, nº 367, de 19 de julho de 1858, a an-

14 Também conhecida por Picota, era uma coluna de pedra ou madeira colocado no centro da Vila ou cidade, onde eram punidos e expostos os criminosos, e também servia como símbolo de sua autonomia política-administrativa.

15 A denominação vem do recolhimento de vários moluscos de água doce encontrados na região, os quais os indígenas chamaram de “Uruá”.

tiga sede foi alienada a um processo de abandono e decadência, a capela de N. Sr.^a do Desterro foi se transformado em ruínas, a Casa da Câmara e Cadeia da Vila Flor¹⁶ teve sua última seção em 22 de junho de 1858, depois a mesma foi quase totalmente destruída.

Em cumprimento ao Decreto-lei estadual n° 603, de 31 de dezembro de 1938, que fixou a divisão territorial do Estado do RN, a vigorar no quinquênio 1939-1943, o município de Canguaretama/RN passou a abranger mais um distrito, o de Vila Flor, junto ao território da sua sede. (IBGE, 1948).

Em 31 de dezembro de 1963, por meio da Lei Estadual n^a 3.052, do governador Aluizio Alves, a Vila foi desmembrada de Canguaretama/RN, com instalação em 01 de fevereiro de 1964, com o território de 69 km², permanecendo a toponímia Vila Flor, o interventor do desmembramento foi o Sr. João Antonio de Oliveira Fagundes, e o principal interessado nessa autonomia era Paulo Barbalho, deputado estadual de Goianinha/RN, que queria um feudo eleitoral para si, mas não alcançou o objetivo de se reeleger, e seu primeiro prefeito foi o Sr. Micanor Freire de Lira. (BARRETO, 1985).

16 Foi tombada pelo IPHAN, em 16 de junho de 1964 e restaurada em novembro de 1980, num investimento da ordem de Cr\$3.538.016,00 cruzeiros, hoje, algo próximo de R\$ 12.866,00 reais E hoje encontra-se em processo de formação de um museu. (BARRETO, 1985; FJA, 2015).

POVOADO DO URUÁ



Fonte: http://pt.wikisource.org/wiki/No%C3%A7%C3%B5es_Elementares_de_Archeologia/I. Acesso em: 01.jul. 2015.

Figura 4 – Vasos de barro.

Teve sua fundação após a morte de André de Albuquerque Maranhão (Andrezinho do Cunhaú), mártir da Revolução Pernambucana de 1817, que morreu na madrugada de 25, para 26 de abril de 1817, na pior cela da Fortaleza dos Reis Magos, e, após a sua morte, suas propriedades foram confiscadas por ordem do Provedor da Fazenda Real. Assim, muitos trabalhadores saíram do engenho e alguns escravos fugiram.

Essas pessoas formaram vários povoados em muitas regiões próximas, entre eles, o próprio Uruá, distante, cerca de duas léguas da Vila Flor.

A renda desse povoado no século XIX era a fabricação de vasos de barro, cuias ornadas, cestinhas de palhas e cordas de embiras. (BARRETO, 1985).

Sobre esse arraial diziam: “Era um pobre arraial, onde não havia sequer um templo religioso ou capela capaz de suprir os deveres religiosos”.

Enquanto era apenas o Povoado do Uruá, o lugar estaria somente habitado por índios, negros e trabalhadores oriundos do

Cunhaú. Nesse momento, o frei Serafim de Catânia¹⁷, ao passar na região pregando, plantou um cruzeiro no “Largo da Conceição” e colocou o nome de Penha, a futura Vila, mas pela Lei Provincial nº 468, de 27 de março de 1860, a toponímia foi somente ratificada para a freguesia.

Pela Lei provincial, nº 367 de 19 de julho de 1858, foi elevada ao predicamento de Vila, sob a toponímia de Canguaretama¹⁸.

17 O frei Serafim de Catânia era da Ordem dos Franciscanos, chegou a Recife a 11 de setembro de 1841; foi um tradicional missionário do nordeste brasileiro, foi o primeiro padre da Igreja de Ceará-Mirim, em 21 de fevereiro de 1885, e faleceu em Catânia, na Ilha da Sicília, (Itália) a 14 de maio de 1887. (CASCUDO, 2008, p. 86).

18 Esse nome foi escolhido por André de Albuquerque Maranhão Arco Verde (Coronel Dendê Arco Verde), Senhor do Engenho Cunhaú e do Povoado do Uruá.

VILA DE CANGUARETAMA



Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/94898072>. Acesso em: 01 jul. 2015.

Figura 5-Bueiro do engenho Juncal.

O Padre da Vila Flor no momento anterior a transferência ao Povoado do Uruá, era José de Matos Silva¹⁹, que se tornou influente chefe político da região com grande prestígio junto aos presidentes da província pelas suas seis atuações consecutivas na Assembleia Provincial, pelo Partido Conservador, e teria um acordo com o tabelião local, o Sr. Galdino Alvares Pragana, para com a realização dos seus projetos políticos e tinha provavelmente como irmão, o Capitão Anacleto José de Matos, autoridade municipal da Vila Flor.

O Padre Matos, segundo Barreto (apud CASCUDO, 1955):

[...] Quem enfrentasse o Padre José de Matos, - o Vigário Matos, levasse dois sacos, um para encher e outro para esvaziar. [...] Só se pronunciava o seu nome com ódio ou com admiração. Não havia indiferença para sua inquieta e borbulhante política. Em Vila Flor, durante anos,

¹⁹ Nasceu a 18 de maio de 1817 em Aracati/CE e faleceu a 19 de março de 1879 em Assu/RN.

dizia-se com a raiva que ele secava, como o cavalo de Atila, a relva onde pisasse.²⁰

Em 1857, teve uma discussão com Sebastião Policarpo de Oliveira²¹, proprietário do Engenho Juncal, filiado ao Partido Liberal, figura de prestígio e conceituada na área rural da Vila Flor por ser representante da família Fagundes, segundo Barreto (apud NESTOR LIMA, 1930):

O Senhor do Juncal, que dali sai só se locomove, com o seu séquito²² de escravos metidos em libre²³ de cores berrantes e em animais ricamente ajaezados²⁴ para impressionar a população lá residente.

O Padre Matos, por conta da desavença com Policarpo, tomou a deliberação de mudar a sede da Vila Flor para o Povoado do Uruá, distante 12 quilômetros, visando fazer uma represália política para desprestigiar o adversário. (BARRETO, 1985).

Mas há teorias que essa transferência ocorreu pelo fato de que essa nova localidade teria um comércio forte e uma grande quantidade de engenhos de açúcar.

Encaminhou posteriormente um projeto de lei a Comissão de Constituição e Poderes da Assembleia Provincial²⁵, composto pelos deputados: Pe. Francisco de Paula Soares da Câmara, Antônio Basílio Ribeiro Dantas Firmino José Dória, Dr. Tarquínio Bráulio de Souza Amaranto e Francisco Bezerra Cavalcanti da Rocha. O projeto foi

20 Referência à frase do rei huno Átila: “A relva não volta a crescer onde pisa meu cavalo”.

21 Nascido no século XVII, no Engenho Paul, e possivelmente foi dono do Engenho Angelim.

22 Conjunto de pessoas que acompanham, por um dever oficial ou por cortesia.

23 Tipo de capa sem mangas, com aberturas nas cavas, por onde passam os braços e na frente, onde é presa apenas no colarinho, deixando aparecer à veste inferior, na sua parte do peito.

24 Enfeitado, adereçado.

25 Equiparado, hoje em dia a Assembleia Legislativa Estadual.

enviado com restrições ao presidente da Província, o Dr. Antonio Machado da Costa e Doria²⁶, que foi vetado em 29 de abril de 1857, e a resposta enviada ao vigário em 08 de junho de 1857, nos termos:

Não sanciono a presente lei, porque a julgo inconveniente e de alguma sorte odiosa. Quanto à transferência da sede do Município de Vila Flor para o Uruá, é sabido que esta povoação não tem uma casa decente em que possa funcionar a Câmara, ao passo que na antiga Vila existe um edifício próprio, com acomodações suficientes para a Cadeia e Casa da Câmara, sendo neste gênero um dos melhores existentes na província do Rio Grande, na presente década. A isto acresce que Vila Flor goza desta categoria há muitos anos, e hoje não é prudente desautorizá-la sem uma utilidade pública, contrariando hábitos antigos, e despertando rivalidades, que sempre trazem desagradáveis consequências. Se Uruá se vai tornando um povoado importante, e há esperança de que a de florescer para o futuro, não é a categoria de Vila que lhe há de dar o crescimento, e é melhor a criação de uma nova Vila, quando for necessário, do que a transferência irrefletida e precedida, mais em atenção ao que se pode ser, do que ao, que e realmente é a povoação que se trata. As mesmas razões militam contra a transferência da Matriz, sendo como é certo que na povoação de Uruá nem ao menos há uma Casa de oração, em que

26 Teria sido indicado pelo imperador Dom Pedro I, assumindo a cadeira em 01 de abril de 1857.

se pode celebrar, senão uma solenidade ao menos, com alguma decência, os atos religiosos, além do que o projeto para suprir esta falta, onera da Província com uma despesa de dois contos de reis, para a construção de uma Capela, sendo muito de supor que estas despesas acarretaram outras para o futuro, e o que é pior, todas em pura perda.

Mas o vigário não desistiu do projeto e não demorou muito para ser substituído o Dr. Costa Doria que saiu em 18 de maio de 1858, assumindo inteiramente o vice, o Dr. Otaviano Cabral Raposa da Câmara, entrando em 18 de junho de 1858, o Dr. Antonio Marcelino Nunes Gonçalves, que visitou a Vila Flor, onde encontrou o vigário que apresentou o projeto que foi aprovado sem qualquer restrição.

Antes da ratificação oficial do projeto, ocorreu em 22 de junho de 1858, a última sessão ordinária da Casa da Cadeia e Câmara da Vila Flor, na qual foi presidida por Felix Antonio Ferreira Albuquerque acompanhada pelos vereadores, Henrique de Oliveira Coelho e Marinho Muniz, também com a presença do frei Serafim de Catânia, que estava a pregar na área.

A sessão debatia sobre qual nome escolher para a Vila, então o frei induziu os vereadores a aprovarem o nome Penha, aprovado sem qualquer problema, mas durou só 27 dias, sendo vetado pelo presidente da Província.

Pela Lei provincial, nº 367, de 19 de julho de 1858²⁷, oficialmente o projeto foi sancionado, sendo agora transferida a sede da

27 Essa data foi o real dia de fundação e emancipação politico-administrativa do território hoje conhecido por Canguaretama/RN, porque com a criação da vila, o povoado adquiriu a sua autonomia político-administrativa, passando assim a constituir uma câmara de vereadores, com direito de cobrar impostos, e baixar “posturas” que eram espécies de leis municipais, e recebia ainda um “juiz de fora”, pelourinho e cadeia pública.

Vila Flor para o Povoado do Uruá, que foi elevado ao predicamento de Vila, mas excluindo Penha e escolhido Canguaretama. A sua instalação como Vila foi em 18 de agosto do mesmo ano na primeira seção da Câmara da Vila de Canguaretama.

Em 1860, os Srs. Francisco Antonio Alves Teixeira (Chico Marinheiro), José Maria Jorge de Azevedo, Manoel Antonio de Medeiros (fundador do Engenho Pituaçú), José Abodim, Antonio Raphael e Joaquim Picapau, entre outros, se fixaram na Vila, onde edificaram pequenos estabelecimentos comerciais. (SILVA, 2014).



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=447447698755705&set=pb.100004714357944.2207520000.1436531616.&type=3&theater>. Acesso em: 01 jul. 2015.

Figura 6 - Imagem de N. Sr.ª da Conceição.

A Vila tinha crescido e por isso havia uma discussão de qual nome vigorar.

Alguns queriam o nome Penha, atribuído por Serafim de Catânia, na época do Povoado do Uruá, que foi usando por menos de um mês, que era plenamente justificável e procedente pela “secular devoção à Nossa Senhora da Conceição”.

Outros queriam a permanência do nome Canguaretama, aprovado pelo presidente da Província.

Essa discussão provocou a celebração de um acordo, que previa que o nome Penha seria para os atos da Igreja Católica e Canguaretama para os assuntos cíveis e administrativos.

Tal duplicidade de toponímia para a mesma Vila originou insatisfações de ponta à ponta que serviu até mesmo de manifestações pitorescas e espirituosas como a quadra que ficou popularizada:

Oh, Vila! Diga teu nome,
Também te quero chamar...
Tu és Vila da Penha
Canguaretama ou Uruá.

(BARRETO, 1985, apud CASCUDO, 1955).

Nesse período já havia sido totalmente edificada a primeira casa de alvenaria da Vila de Canguaretama, iniciada em meados de 1877, sendo então o sobrado²⁸ de João Evangelista Pessoa.

O acordo de divisão toponímica assinado no início da Vila acabou 25 anos depois, devido à lei nº 955, de 16 de abril de 1885²⁹, sancionado pelo presidente da Província, o Dr. Francisco Altino Correia de Araújo, que elevou a Vila à cidade de Canguaretama/RN, tendo como autoria do projeto, o deputado Francisco Gomes da Rocha Fagundes. (BARRETO, 1985).

Na data de 02 de fevereiro de 1926, foi inaugurada próxima a capela de São José, a Praça dos Artistas, com o descerramento de um obelisco³⁰, projetado pelo artista João Assis, em comemoração aos 53 anos da fundação da Sociedade dos Artistas, fundada naquela mesma data em 1873, sendo até então a primeira agremiação operária no estado do RN.

Em 1930, a cidade de Canguaretama/RN era constituída pelas Ruas André de Albuquerque, cortando a cidade de norte a sul, com

28 Figura atualmente na esquina da Rua Grande com a André de Albuquerque, no local se encontram as lojas: Pink, Sol & Lua, Ótica Oceano, entre outras.

29 Atualmente é a data comemorada como sendo o aniversário de emancipação político-administrativa do território do atual município de Canguaretama/RN, mas está equivocada, pois a real data de autonomia foi no dia em foi criada a Vila de Canguaretama e não no dia em foi elevada a cidade de Canguaretama/RN, como foi o dia de 16 de abril de 1885.

30 Aparentemente não é tombado pelo IPHAN, nem pela Fundação José Augusto, muito menos por lei municipal de Canguaretama/RN, atual.

outros nomes, à poente com a Av. Pinheiro Machado³¹, que liga o centro da cidade até a estação da Penha, a Rua Fabrício Maranhão³², e ao sul, para os antigos engenhos. (BARRETO, 1985).

Hoje em dia, alguns moradores e visitantes insistem em dizer o nome Penha, ao se referir à cidade, contudo é errôneo, mas justificável devido à preservação do nome e da transmissão pela tradição religiosa/popular, aliada a essa confusão toponímica, pois na época em que a Estação³³ Ferroviária de Canguaretama recebia visitantes pelos seus trilhos, era conhecida por Penha e os visitantes ao se deparem com o respectivo nome, associavam-no ao do município, que, assim, passaram a chamar o local dessa forma.

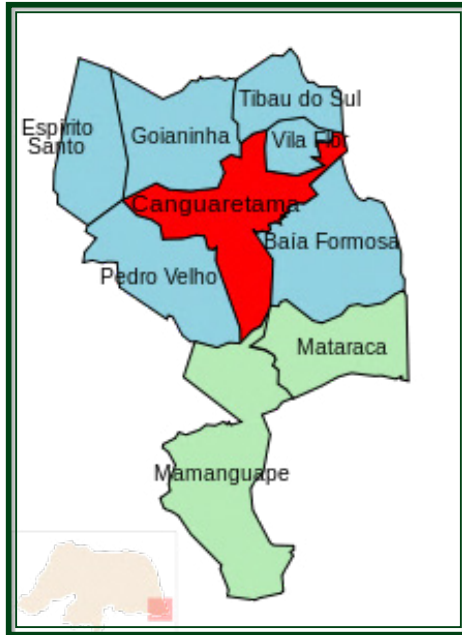
Contudo, a real toponímia desse município norte-rio-grandense é Canguaretama, na época da Vila e permanecendo na elevação como cidade.

31 Possivelmente a atual R. Princesa Isabel e Av. João Gomes de Torres.

32 Provavelmente as atuais R Lindolfo Sales e Alexandre Mulatino.

33 Criada pela Lei Provincial n°. 682 de 08 de agosto de 1873, fazia a linha Natal-Nova Cruz e de algumas cidades na Paraíba, a fundação da estação em Canguaretama foi em 31 de outubro de 1882. Desde 07 de outubro de 2006 é tombada pela Fundação José Augusto, sendo que hoje em dia não é utilizada para fins histórico-culturais. (FJA, 2015).

DESMEMBRAMENTOS



Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Canguaretama>. Acesso em: 01 jul. 2015.

Figura 7 - Atuais limites de Canguaretama/RN.

O município de Canguaretama/RN abrangia em sua jurisdição administrativa os territórios que pertenciam ao Engenho Cunhaú, que media ao menos 12 mil hectares ocupando o vale do rio Curimataú³⁴.

Essas terras eram usadas para o cultivo da cana-de-açúcar e seriam ideais para a instalação de 08 engenhos devido à existência do necessário a sua instalação, pois esse território em sua maioria pertencia aos Albuquerque Maranhão e a outras famílias de grande influência, que conseguiram com a criação das vilas um feudo eleitoral para si.

34 A denominação vem da língua geral, ou seja, tupi, da palavra curimatã-u ou quirimbatã, que seria rio das curimatãs, tipo de peixe de água doce.

O primeiro povoado a ser desmembrando do município de Canguaretama/RN é o atual município de Pedro Velho/RN.

A povoação dessa área foi iniciada onde teria sido a aldeia dos índios Paraguaiais, na margem esquerda do rio Curimataú e essa terra pertencia ao que tudo indica a Cláudio José Piedade, que comprou da família do Cunhaú.

Em 1861, foi fundado o povoado de Carnaúba e Cuité, pela família Afonso, que edificou no local em 1862, a Capela de Santa Rita de Cássia³⁵, que assim iniciou as práticas religiosas locais. Próxima a ela, começou a se edificar várias casas, como a de Claudino Martins³⁶ à distância de dois quilômetros da capela, e próximo a esse povoado, existia o povoado do Engenho Tamatanduba³⁷, de José Paulo Tamatanduba.

Os representantes dessas famílias acabaram aceitando a proposta feita pelo deputado republicano, Fabrício³⁸ Maranhão³⁹, que queria elevar os povoados à Vila de Cuitezeiras⁴⁰, cujo interesse era conseguir um feudo eleitoral para a sua família.

A Vila de Cuitezeiras foi criada através da lei nº04, de 10 de maio de 1890, com instalação em 17 de janeiro de 1891, ratificada

35 Ainda existe, mas agora está em ruínas, e aparentemente não são tombadas pelo IPHAN, nem pela Fundação José Augusto, muito menos por lei municipal de Pedro Velho/RN, atual.

36 Para muitas pessoas do município, é considerado como fundador da Vila. (FONSECA, 2006).

37 Ainda existir a capela desse engenho que aparentemente não é tombada pelo IPHAN, nem pela Fundação José Augusto, muito menos por lei municipal de Pedro Velho/RN, atual.

38 Nascido a 16 de setembro de 1852, em Natal/RN, não foi governador do RN como os irmãos, por não ter tido conseguido transferir a capital do estado para Canguaretama/RN. Devido a sua saúde fraca, pegou um trem na estação da Gruta do Bode para a capital do estado, pois não queria que ninguém o visse doente e depois foi para o Rio de Janeiro, onde confessou: “Ninguém deixa a política, é deixada por ela” e morreu em 19 de abril de 1924.

39 Os seus antecessores e descendentes não são originados diretamente nem ao menos indiretamente da antiga Casa do Cunhaú, são verdadeiramente do tronco de Amaro Barreto e por casamento dos Albuquerque Maranhão do Cunhaú. (CASCUDO, 2008, p. 136).

40 Referência à planta cuieira ou cabeceira, muito comum na região.

pelo presidente, Joaquim Xavier da Silveira Junior, possuía uma área territorial de 238 km²; seu primeiro intendente foi o Sr. João José da Silva, que assumiu em 11 de novembro de 1892. Tratava-se de uma vila pequena com 30 fazendas de gado, 02 engenhos de açúcar, 02 descarçadores de algodão, um cemitério⁴¹, as casas de Alexandrino Martins, Joaquim da Luz, Manoel Bezerril, José Galvão de Lima⁴².

Na noite do dia 13 de maio de 1901, veio a tragédia e tudo mudou bruscamente. O rio Curimataú alagou a sua várzea, destruindo a Rua da Cruz, que ia do cruzeiro⁴³ até a Vila e bloqueou a linha do trem de onde provinha 80% da renda da Vila. Parte da população fugiu da enchente dentro da resistente capela, e a enxurrada levou metade do lugarejo. Depois da enchente, a capela ficou quase totalmente intacta, restando as paredes, algumas casas, o obelisco da sepultura da esposa de Fabrício Maranhão, uma árvore da espécie de baobás africana, a Sumaumeira, conhecida por Pau Grande⁴⁴, e alguns moradores continuaram morando nas suas ruínas.

A sede da Vila foi transferida para um chapadão, nas terras de Fernando Pedrosa, pelo intendente, Manuel Lopes Teixeira, sendo ratificada pela lei estadual n° 181, de 04 de setembro de 1902. Assim, a vila ficou conhecida por Vila Nova de Cuitezeiras, onde

41 Nesse cemitério só se sepultava brancos e os outros eram enterrados em outro lugar. Segundo as tradições locais, em baixo do obelisco do cemitério dos brancos está a cova da mulher de Fabrício Maranhão, que não é tombada pelo IPHAN, nem pela Fundação José Augusto, muito menos por lei municipal de Pedro Velho/RN, atual. (FONSECA, 2006).

42 Estas famílias estão entre as primeiras que chegaram e se estabelecerem na Vila de Cuitezeiras ainda no início de 1860 e depois as primeiras que foram para a Vila Nova de Cuitezeiras.

43 Segundo um mito local, ao colocar uma pedra na sua base pode-se fazer um pedido.

44 Dizem que é tombada, mas não se sabe se é por uma lei de Pedro Velho/RN, pela Fundação José Augusto ou pelo IPHAN.

nela foi construída uma igreja consagrada a Francisco de Assis e a freguesia foi criada em 11 de fevereiro de 1903.

O povo generalizou o nome Vila Nova, que mais tarde em virtude da lei estadual nº 261, de 02 de novembro de 1908, foi mudado para Pedro Velho, em homenagem à memória do republicano Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, primeiro presidente do PRRN.

A elevação à cidade foi pela Lei nº 13, de 19 de outubro de 1936, de autoria do deputado estadual Sandoval Wandelerley o então governador do estado, o Dr. Mario Leopoldo Pereira Câmara, decretou:

Art. 1º - Fica elevada a cidade e desmembrado do município de Canguaretama o povoado de Cuitezeiras, com os limites seguintes: uma linha reta de oeste para leste desde os limites do município de Nova Cruz até as nascentes do Piquiri, seguindo depois o curso deste rio até encontrar a linha do telégrafo nacional, a leste esta mesma linha telegráfica até os marcos da estrada nos limites do estado da Paraíba, ao sul do rio Guajú, que separa o Estado do Rio Grande do Norte da Paraíba, a oeste os antigos limites do município de Canguaretama com Nova Cruz.

Art. 2º - Ficam revogadas as disposições em contrário⁴⁵.

O segundo a ser desmembrado foi o atual município de Baía Formosa/RN, que seria o aldeamento indígena Aretipicaba, o bebedouro dos papagaios.

45 Baseando-se em: Barreto (1985), Fonseca (2006) e Galvão Neto (2005) e o sítio CC (2015).

Seu povoamento foi pela baía, a única do RN, onde foi construído um pequeno porto. Próximo a ele no morro dos Marajás foi plantado um cruzeiro para orientar os pescadores a voltarem à costa. Em meados do século XIX, era usada por grandes famílias de fazendeiros para recreação, entre elas, a Casa de Cunhaú.

Em 02 de julho de 1877, o Sr. do Engenho Estrela, João de Albuquerque Maranhão Cunhaú, alegou ser o dono da baía porque segundo ele fazia parte da herança de sua mulher⁴⁶.

Os moradores não concordaram, ocorrendo no dia 10 de agosto a “Matança de Agosto”, na qual os 14 pescadores residentes armados com facas e cacetes e comando de Francisco Magalhães, fizeram uma verdadeira batalha em prol das terras, morreram seis, e, possivelmente também morreu o filho de João Cunhaú, o pequeno André Junior. O Sr. do Engenho Estrela ganhou a batalha, mas quatro dias depois foi preso, com mais trinta e cinco jagunços, acusados do art. 192 do Código Criminal do Império do Brasil⁴⁷.

Em novembro de 1892, o povoado ficou conhecido por Baía Formosa, onde foi construída a capela⁴⁸ de Nossa Senhora da Conceição, pelo Padre Moises Ferreira Nascimento. O cruzeiro foi plantando pelo Padre José Gilmar de Andrade em 1975. Nas dunas ainda poderá existir em frente à capela de Nossa Senhora das Areias, um cruzeiro⁴⁹ que é milagroso e próximo, uma capela consagrada à

46 Sua esposa Luiza Antônia Albuquerque Maranhão Arco Verde, falecida a 23 de abril de 1883, está sepultada no atual cemitério Campo Santo, localizado em Canguaretama/RN, que aparentemente não é tombado pelo IPHAN, nem pela Fundação José Augusto, muito menos por lei municipal de Canguaretama/RN, atual.

47 Na grafia original: “Matar alguém com qualquer das circunstancias agravantes mencionadas no artigo dezaseis, numeros dous, sete, dez, onze, doze, treze, quatorze, e dezasete. Penas - de morte no grão maximo; galés perpetuas no médio; e de prisão com trabalho por vinte annos no mínimo”.

48 Subordinada atualmente à Paróquia de Canguaretama/RN.

49 Aparentemente não é tombado pelo IPHAN, nem pela Fundação José Augusto, muito menos por lei municipal de Baía Formosa/RN, atual.

Nossa Senhora do Rosário⁵⁰. Na “Divisão Administrativa de 1911”, o povoado pertencia a Canguaretama/RN, como simples distrito.

Em 31 de dezembro de 1958, pela Lei estadual nº 2.338 e instalação em 17 de janeiro de 1959, de Dinarte de Medeiros Mariz, foi desmembrada de Canguaretama/RN, permanecendo o nome Baía Formosa, possuído uma área de 290 km² e criado também o Termo Judiciário de Baía Formosa, subordinada, à comarca de Canguaretama⁵¹, sua emancipação se deu por uma jogada da oligarquia Maranhão para desestabilizar José de Carvalho e Silva⁵², prefeito de Canguaretama/RN.

O terceiro a ser desmembrado foi o povoado de Lagoa de Montanhas, pertencente ao município de Pedro Velho/RN.

A sua povoação oficial se remonta desde 04 de dezembro de 1754, data na qual o Padre José Vieira Afonso recebeu um lote de terra às margens do Rio Curimataú, iniciando assim a povoação da Lagoa das Queimadas. A escolha do nome “Lagoa” é devido a uma lagoa que proporcionava sempre um clima agradável e ameno, a ponto de ser considerada por muitos como a Suíça do Agreste. O nome “Queimadas” seria devido a queima inicial dos aceiros para iluminação, e, nesse momento surgiu as primeiras famílias do povoado, a Pinheiro, Tiago, Pereira, Bonfim, entre outras.

Mas se acredita que antes mesmo dessa povoação já havia um grupo pré-histórico vindo do Lajedo de Soledade, a prova é uma pintura de um aparente sol com um burro que data possivelmente

50 Edificada em 1920, e inaugurada a 1971, com a missa do Padre Canindé. (BARRETO, 1985).

51 Criada pela Lei provincial de Nº 641 de 14 de dezembro de 1871 e instalação em 11 de abril de 1872, seu primeiro juiz foi o Dr. Joaquim Tavares da Costa Miranda. (SILVA, 2014).

52 Baseando-se em: Barreto (1985), Cascudo (2008), Galvão Neto (2005) e IBGE (1948) e o sítio Baía Formosa (2015).

de 03 a 10 mil anos atrás, além da possibilidade que próxima haja esqueletos humanos e/ou de animais pré-históricos⁵³.

As atividades econômicas ocorreram depois da propagação das ideias do Capitão-mor Antônio Vaz Condiz, “que incentivou a pecuária, longe do litoral, pois prejudicaria a plantação da cana-de-açúcar, se fosse perto dos engenhos”, contudo teve um aumento da renda a partir da fertilidade de suas terras, e, em 1882, houve a instalação da linha férrea no povoado que agora era Lagoa de Montanhas.

Foi desmembrada de Pedro Velho/RN, em 08 de janeiro de 1962, pela Lei nº 2.727, pelo Projeto de Lei do Sr. José Galvão Tavares; tabelião local, que foi aprovada pelos deputados: Marcílio Furtado, Dari Dantas, Magnus Queres, Álvaro Mota, depois enviada para a sanção do governador Aluizio Alves, mas somente sancionada em 20 de julho de 1963, contudo a real fundação foi na primeira data.

Os indicados para a administração da cidade foram: Pedro Gomes, chefe da estação da cidade, mas recusou por estar aposentado, depois, João José Moreira, que rejeitou por ser analfabeto, recomendou José Galvão, que tomou posse em 20 de julho de 1963, exercendo o cargo por um ano, cinco meses e dez dias.

A primeira eleição direta para prefeito e vereador foi em 15 de novembro de 1964, os candidatos a prefeito foram: Cícero Firmino de Lima e Genival Coelho de Azevedo. O primeiro ganhou com 889 votos, os vereadores foram: Abílio Luiz da Silva, Antonio Francisco Dias, José Correia Lima, José Galvão Tavares, Jorge Freire, José de Jockê e João Francisco da Silva⁵⁴.

53 Atualmente, o local é conhecido por Gruta da Pedra Sabina, distante cerca de 06 km do centro de Montanhas/RN, entre os sítios de São Miguel e Riachão dos Clementinos, aparentemente não é tombada pelo IPHAN, nem pela Fundação José Augusto, muito menos por lei municipal de Montanhas/RN, atual.

54 Baseando-se em: Barreto (1985), Correia (2014) e Galvão Neto (2005) e os sítios: Medeiros (2015), Montanhas (2014) e Saleté (2014).

O último a ser emancipando foi a Vila Flor, atual cidade de mesmo nome, devido ao esforço do Sr. João Fagundes e a sanção do governador Aluizio Alves, ratificado pela lei estadual nº 3.052, de 31 de dezembro de 1963 e instalação em 01 de fevereiro de 1964, com área territorial de 69 km²:

Do Engenho Catuzinho até alcançar a estrada que liga Canguaretama/RN, a Barra do Cunhaú; daí acompanhava a estrada até os limites a leste da propriedade Cana Brava; a norte até alcançar os limites da Juncal, até os limites com Goianinha, em direção a oeste do rio Catu⁵⁵.

Seu primeiro prefeito foi o Sr. Micanor Lira, sucedido pelo Sr. João Fagundes.

55 Baseando-se em: Barreto (1985).

PRAÇA AUGUSTO SEVERO



Fonte: <http://betel-canguaretama.blogspot.com.br/2009/09/desfile-civico-em-canguaretama.html>. Acesso em: 01. jul. 2015.

Figura 8 - Praça em 1985.

No fim do século XIX, já tinha um largo⁵⁶ ao fundo da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, conhecido possivelmente por “Largo da Matriz” ou “Conceição”. Foi nesse período que houve nele, a única construção: o cruzeiro da Igreja Matriz, plantado provavelmente pelo frei Serafim de Catânia, no período de 1857, quando era simplesmente o Povoado do Uruá.

A primeira festa foi em 04 de março de 1888, em comemoração à abolição da escravatura em Canguaretama. Dois meses e nove dias antes da Lei Áurea, ela foi animada por 03 bandas que executavam hinos cívicos e dobradas marciais. Essa festa foi prestigiada pelo Dr. Lourenço Justiniano Tavares de Holanda; juiz da comarca, Cap. Antônio da Rocha Fagundes; juiz suplente, Padre Manoel Januário Bezerra Cavalcanti; vigário da freguesia, Tenente Miguel Porfírio de Souza Caldas; delegado local, Cap. Prudente Gabriel da Veiga Pessoa; tabelião público e Fabrício Maranhão; presidente da

56

Seria certa extensão no sentido perpendicular ao comprimento.

Câmara municipal, e outros representantes das cidades de Natal/RN, Goianinha/RN, São José de Mipibu/RN e Nova Cruz/RN. Falaram vários oradores exaltados à importância do acontecimento e em seguida, foi lavrada a ATA, redigida pelo aeronauta Augusto Severo de Albuquerque Maranhão e depois assinada pelos presentes.

Em 18 de novembro de 1889, foi festejada nela a Proclamação da República. Esse evento se restringiu à classe abastarda da época no recinto da Câmara Municipal, entre os quais, Lindolfo Campos, Celso Augusto, Francisco de Paula, Urbano Joaquim de Oliveira, Adelino Maranhão, Augusto Severo, Tertuliano da Costa Pinheiro e outros. A sessão da Comarca foi presidida pelo juiz Francisco Altino de Correia de Araújo e secretariado por Francisco Xavier Teixeira de Carvalho, que lavrou a ATA, e, após essa comemoração, o Juiz e outros membros da Comissão Proclamadora determinaram a emissão de duas cartas sobre o assunto. Uma para o Governo Provisório Central e a outra para o presidente da província do RN, mandado a mudança do regime que havia sido proclamado.

O largo passou a ser conhecido no início do século XX, por “Augusto Severo”, pois ocorreu em 12 de maio de 1902, a primeira e única apresentação do dirigível “PAX” em Paris/FRA, onde estava Augusto Severo, nascido em Macaíba/RN a 11 de janeiro 1864, irmão de Pedro Velho, Fabrício e Alberto Maranhão.

Em algum momento entre a passagem dos anos de 1893 a 1910, foi erguido um palacete⁵⁷. Próximo à praça, também plantaram 09 palmeiras imperais, árvores que eram o símbolo das obras da oligarquia⁵⁸ Maranhão. Devido o pedido do intendente do município,

57 Atualmente é a sede do Poder Executivo de Canguaretama/RN, e aparentemente não é tombado pelo IPHAN, nem pela Fundação José Augusto, muito menos por lei municipal de Canguaretama/RN.

58 Termo originado da palavra grega “*oligarkhia*” cujo significado literal é “**governo de poucos**”, seria enfim, um **sistema político** no qual o poder está concentrado em um **pequeno grupo** pertencente a uma mesma família; partido político ou grupo econômico.

o Sr. Fabrício Maranhão, que estava a pensar em utilizar o palacete como Sede Administrativa do estado do RN, pois visava transferir a capital do estado para Canguaretama/RN, após sua vitória como governador, mas não conseguiu ser governador como os irmãos Pedro Velho e Alberto Maranhão.

Em 07 de outubro de 1930, houve a comemoração da vitória de 1930, mesmo que o centro do acontecimento tenha sido novamente a Câmara Municipal, tendo assumido o governo do município o Sr. Joaquim Fontes Galvão que transmitiu ao Sr. Gorgônio da Nóbrega Filho, que jurou:

Juro cumprir fielmente todas as ordens que lhe for me dada pelo governo revolucionário do Rio Grande e por minha própria consciência, pelo bem do progresso e felicidade do povo do município.

Em seguida, foi lavrada uma ATA, assinada pelos Srs. Theodosio Ribeiro de Andrade, Joaquim Maranhão, João Gomes Teixeira, Antônio Bezerra Cesar e Andrade, Alberto Bezerra Marinho. No dia seguinte, em virtude de um despacho de telégrafo assinado pelo Coronel Luiz Tavares Guerreiro, presidente da Junta Governativa do Estado, foi nomeado o “Prefeito provisório”, o Sr. Jorge Callafange, sendo este, em menos de 48 horas, o terceiro prefeito revolucionário de Canguaretama/RN.

No final dessa década, houve a retirada do cruzeiro, mandada pelo prefeito Octavio de Araújo Lima, cuja intenção era construir um coreto, aprovado pelo Decreto-Lei, nº 01, de 14 de dezembro de 1938, sendo que a obra foi orçada em 3:800\$00 contos de réis⁵⁹, e, sabendo disso, o dono do Pituaçu, Manoel Gomes, doou uma área de terra pertencente ao engenho, no lugar conhecido por Alto da

59 Em valores atuais seria algo próximo de R\$ 1,381.18 reais.

Estação⁶⁰, para plantar o cruzeiro, que foi levado provavelmente em 24 de janeiro de 1939, em uma bela e festeira procissão organizada pelo Padre Ambrósio Silva e há quem diga que embaixo do cruzeiro foi enterrada uma cápsula do tempo⁶¹, relatando o acontecimento.

Os tijolos para a obra do coreto foram trazidos do Engenho Bom Passar em Goianinha/RN, de Agenor Lima, irmão de Octavio, a estrutura do coreto serviu de base para as “Praças do futuro” e embaixo dela havia uma pequena abertura, a qual vivia alguns moradores de rua, entre os quais: Dorelo, Caranguejo e Bandinha, também plantou na praça uma acácia de ouro trazida da Europa.

Entre 01 a 03 de outubro de 1945, ocorreu o I Congresso Eucarístico Paroquial, organizado pelo Padre Paulo Herônimo e Antônio Barros, em comemoração ao tricentenário dos Massacres do RN⁶².

Durante o Congresso paroquial, o prefeito, o Sr. José de Carvalho e Silva, fez a doação da capelinha de São Geraldo, situada na propriedade do Engenho Torre, de sua posse, desmembrando-a em favor da Paróquia de Canguaretama, que, assim, foi escolhida como símbolo do evento.

Partiu 03 de outubro de 1945, da cidade do Natal/RN, num trem especial, a comitiva governamental do Estado do RN, com o Sr. Georgiano Avelino, interventor; o Dr. Dioclécio Duarte, secretário geral; o Comandante Luís Tavares Guerreiro, presidente do conselho administrativo; o escritor, Luís da Câmara Cascudo; o representante do IHGRN, o jornalista Veríssimo de Melo; e o fotógrafo José Galvão.

Em 1949, foi construída uma nova praça, graças à rivalidade de José Carvalho e Silva, deposto pela Câmara Municipal, que tinham

60 Atual Praça Aline Gomes ou vulgarmente, Cruzeiro.

61 Recipiente especialmente preparado para armazenar objetos ou informações com o objetivo que eles possam ser encontrados pelas gerações futuras.

62 Seriam os Morticínios do Cunhaú e Uruaçu, ocorreu também à revitalização da sua estória, bem como, a necessidade de beatificação dos portugueses massacrados.

auxílio de Octavio Lima. O coreto perdeu a cobertura e a praça⁶³ foi bem mais elaborada com jardins e árvores.

A televisão foi colocada entre 1963 a 1968, por Geraldo Carvalho Villarim, em frente a ela havia uma passarela em círculo, que recebeu um piso a seu pedido para as festas de fim de ano e permaneceu até o mandato de João Wilson.

Em 06 de março de 1964, o exército marchou nela e acompanhou no largo vazio atrás da Igreja, a guarnição composta por 20 homens bem armados e equipados. Na sua estadia provocaram muitas agressões físicas e um clima de terror e pânico ao prender pessoas inocentes, o que ocasionou muita insegurança.

Em, 07 de julho de 1964, ocorreu a grande enchente do Curimataú e também em Nova Cruz/RN, essa última no encontro dos rios Curimataú e Bujari. A enchente em Canguaretama/RN destruiu o armazém de Abel Vieira da Silva, maior comerciante da época. Há quem diga que essas enchentes sempre ocorriam nos anos de final 04, ou seja, a cada dez anos, e houve boatos que ela foi ocasionada em Canguaretama/RN, pela evasão da imagem da Matriz do seu altar.

No segundo mandato de João Gomes de Torre, que foi em pleno regime militar, este mandou tirar todas as árvores da praça alegando que elas tinham sido emprestadas de um inseto conhecido por “Lacerdinha”, sobrando apenas a acácia de ouro e uma solitária palmeira. Foi isto que começou com os tradicionais desfiles cívicos das escolas e suas bandas na cidade em homenagem ao dia de 07 de setembro de 1822, o primeiro ocorreu em 1970, sendo o caminho do INCRA o palanque.

63 Ela poderia ser classificada em uma dessas formas: Praça-jardim: espaços nos quais a contemplação da formação vegetal e a circulação de pedestres são priorizadas. Praça-seca: espaços históricos ou largos. Praça-azul: a água possui papel fundamental.

Em 1985, chega o Centenário da elevação de Vila de Canguaretama à cidade de Canguaretama/RN, que, nesse momento ímpar, a cidade se encontrava sob a gestão de Juarez Francisco Rabelo, que mandou construir novamente uma praça. Entretanto, para tal, foi necessário destruir a antiga, o que deu o atraso da inauguração que estava planejada para 16 de abril de 1985. Os festejos ocorreram durante todo o mês de dezembro, depois de uma confusa e apressada obra. As duas algarobas foram retiradas para construir um calçadão que deu um ar de modernidade na praça.

Em setembro de 1999, a Câmara de Vereadores aprovou o Projeto de Lei⁶⁴ que mudava o nome da Praça de Augusto Severo para Nossa Senhora da Conceição, e, ao ser apresentado o projeto, argumentou-se que ela deveria ser denominada com uma figura histórica local. Nesse caso, a padroeira da cidade, em vez de Augusto Severo, figura histórica de Macaíba/RN. Nessa seção legislativa estavam: Joselito Jerônimo, Carlos Adelson, Nilson Ferreira, entre outros, mas ao ser mandada ao prefeito ele a vetou.

Nos dias de hoje, continua sendo a mais antiga e bela Praça⁶⁵ de Canguaretama/RN, com relativas mudanças desde a sua última modificação.

Tendo como referência: (BARRETO, 1985; CÂMARA, 2012; CARVALHO, 2014; GALVÃO NETO, 2005; JÁCOME BARRETO, 2015; SILVA, 2014; VELOSO MARANHÃO, 2015; SOVERAL, [s.n.d.]).

64 Proposto pelos vereadores: Mucio Martins de Castro e Carlos Adeldo de Araújo.

65 Aparentemente não é tombada pelo IPHAN, nem pela Fundação José Augusto, muito menos por lei municipal de Canguaretama/RN, atual.

IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO



Fonte: <http://arquiocesedenatal.org.br/pa-roquia-de-nossa-senhora-da-conceicao-12.html>. Acesso em: 01. jul. 2015.

Figura 9 – Atual feição da Igr. Matriz de Canguaretama/RN

A lenda mais antiga e conhecida sobre a igreja é a da baleia encantada. Ela conta que dorme embaixo da Matriz um animal aquático e no momento que um indivíduo evadisse com a imagem de Nossa Senhora da Conceição de seu altar-mor, ela acordaria de seu sono encantado para achá-lo, e, para isso, inundaria todo “Vale de Canguaretama”, até encontrá-lo.

Dizem algumas pessoas que essa Matriz está entre as maiores do RN e que foi construída para ser Catedral do estado do RN.

Atualmente, a Igreja⁶⁶ Matriz de Nossa Senhora da Conceição possui uma capacidade mínima de 400 fiéis, seu patamar tem uma área de 1.200 m², o fronte tem 20 metros de largura, 43 de comprimento e 22 de altura em relação à rua.

Ela nasceu com a Vila pela Lei N° 367, de 19 de julho de 1858, seu fundador e primeiro Padre foi José de Matos Silva, mas a criação

66 Aparentemente não é tombada pelo IPHAN, nem pela Fundação José Augusto, muito menos por lei municipal de Canguaretama/RN, atual.

da freguesia só foi pela Lei Provincial nº 468, de 27 de março de 1860, sob a toponímia da Penha, em atendimento ao pedido do frei Serafim de Catânia.

Foi o próprio Padre Matos que organizou a construção da capela sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição e ainda em 1858, ela foi feita de óleo de baleia e pó de ostra⁶⁷, após a sua transferência para Assú/RN em 1860, foi demolida para fazer uma capela maior.

Após a saída de Matos, veio o Padre Manoel Januário Bezerra Cavalcanti que demoliu a capela e com a ajuda de 2.000\$000 contos de réis⁶⁸ dos cofres do Tesouro Real, ergueu outra maior.

Quando chegou o mês de março de 1864 o Pa. era João Luiz Lopes Pereira Barbosa Pinto, ele que abençoou os “voluntários da pátria”⁶⁹ que foram para a Guerra do Paraguai⁷⁰.

Muitas pessoas de Canguaretama/RN, Barra de Cunhaú e Baía Formosa/RN, foram para essa Guerra, entre elas: David Napomuceno, José e Raphael Ludovico, mas boa parte dos que foram eram pessoas pobres. O único Canguaretamense que teve maior destaque foi José de Costa Vilar, que teria sido Tenente Coronel da Guarda Nacional e capitão do 28ª batalhão de voluntários da pátria, somente este sobreviveu à guerra. (GALVÃO NETO, 2005, apud FAGUNDES [s.n.d]).

67 Esse material teve como benfeitoria aos clérigos, a obtenção de uma lenda que explanava que a imagem de Nossa Senhora da Conceição era protegida por uma baleia encantada protetora. Essa lenda foi divulgada na região porque era comum o sumiço de imagens sacras, devido a esses serem feitas de metais e/ou pedras preciosas.

68 Em valores atuais seria algo próximo de R\$ 72.727,27 reais.

69 Denominação das Unidades militares criadas a 07 de janeiro de 1865, pelo Império do Brasil.

70 Ocorrido em dezembro de [1864](#) a março de [1870](#), na fronteira com o Paraguai.

Entre 1866 a 1875, a igreja tinha como Padre Joaquim Lopes de Oliveira Galvão, que, após a sua saída, apareceu o missionário José Maria Antônio Ibiapiana. Esse missionário surgiu na cidade em 1875, e organizou a primeira reforma geral da Igreja Matriz, por não ter conseguido a transferência da mesma para a parte alta da cidade⁷¹, não concretizando por causa da influência dos marinheiros⁷².

Não conseguido a transferência da igreja, mandou construir o cemitério⁷³, e a igreja foi reformada, mas sobre essa reforma não se têm muitos detalhes. Contudo, sabe-se que até o fim da reforma dela, passaram-se vários padres, mas seus trabalhos foram finalizados em 1900, sob a administração eclesiástica do Padre João Francisco Soares Medeiros.

O altar-mor foi reconstruído sobre a ordem do Padre José Mendes e a primeira imagem de Nossa Senhora da Conceição foi levada a barco até a capela de Nossa Senhora dos Navegantes, no distrito de Barra de Cunhaú-Canguaretama/RN. Devido o pedido de um tal Sr. Emídio, a imagem seguinte da matriz foi um presente de José Parente Viana, que a trouxe de Paris em 1850, sendo uma imagem sacra diferente das tradicionais, pois seu manto não é totalmente azul, e sim, um manto dourado. Nesse período do lado esquerdo, foi construída uma capela dedicada à imagem de Nossa Senhora do Rosário, que foi pedida pelo Padre Moisés Ferreira do Nascimento.

No período que o Brasil entrou na 2ª Guerra Mundial, no mês de junho chegou o Padre Antonio Barros, que pediu a construção da Casa Paroquial.

As feições dos anos 60 foram comandas pelo Padre Matias Patrício Mendes que retirou o coro dos altares laterais do lado direito

71 Seria atualmente o bairro Projeto Crescer.

72 Alcinha dada aos portugueses na época.

73 Conhecido hoje por Campo Santo.

e esquerdo, que abrigavam, respectivamente, as imagens de São João Batista e de São Sebastião, além de ser retirado o altar do Sagrado Coração de Jesus na capelinha do lado esquerdo e da direita, a imagem de Nossa Senhora do Rosário que tinha sido pedida pelo Padre Moisés Ferreira do Nascimento no início do século do XX.

No ano do Golpe de 1964, estava o Padre Patrício Mendes, que possivelmente ajudou que as 16 imagens da Morte de Nossa Senhora fossem tombadas pelo IPHAN⁷⁴. As imagens são feitas de madeira, laminadas a ouro e estofadas com apuro. Portanto, uma imagem que certamente foi trabalhada por um: “Escultor de primeira ordem, do maior valor, só pela raridade da composição, como pela fatura de cada uma das peças”.

Em 07 de julho de 1964,⁷⁵ ocorreu uma das piores enchentes da História da cidade, ocasionada pelo transbordamento do rio Curimataú com vários açudes da região, que alargou inúmeras ruas da cidade trazendo muito sofrimento à população, que em sua maioria era muito pobre, sendo a igreja utilizada como abrigo para essas pessoas.

Antes da chegada do próximo pároco, a igreja se encontrava sem pároco, então a irmã Ana Elizabeth, juntamente com o Sr. Ailton Bulhões, organizaram uma campanha para adquirir em Campina Grande/PB, o sacrário⁷⁶ e a mesa cerimonial, ricamente decorado com temas evangélicos, feitas pelo artista plástico Geraldo Heleno da Silva em 1978.

Nos anos 80, a escadaria foi reformada, ganhando mosaicos e rampas nas laterais traseiras, e, também nessa época, o antigo

74 Tombadas pelo IPHAN em 17 de dezembro de 1964. (FJA; 2015)

75 Passaram-se 10 anos e em 07 de julho de 1974, ocorreu outra enchente talvez por causas naturais, mas outros atribuíam à enchente pela evasão da imagem de Nossa Senhora da Conceição de seu altar.

76 Tabernáculo, [cofre](#) usado para guardar a [Eucaristia](#).

cruzeiro da matriz plantado no Alto da Estação, foi trocado por um de concreto, já que o original estava em deterioração e há histórias que por não estar necessariamente no centro da futura praça, foi centralizando e assim perdendo a localização da provável cápsula do tempo lá enterrada.

Nesse mesmo período, estava o Padre Manoel Nunes Rodrigues, que ordenou a construção de altar de pedra para Nossa Senhora no lado direito da matriz, quando chegou o Padre Gilvan Miguel Pereira, que pediu nichos⁷⁷ para abrigar outras imagens de santos.

De 05 a 08 de outubro de 1995, ocorreu o II Congresso Eucarístico Paroquial em comemoração aos 350 anos dos morticínios de Cunhaú e Uruaçu. Foram realizadas várias celebrações religiosas tanto na Matriz como na Capela do Cunhaú, além de apresentações cênicas alusivas ao Massacre de Cunhaú e um seminário com o Monsenhor Assis Pereira, acerca do processo de beatificação da Causa dos Mártires.

Após a missa de 08 de outubro, houve uma seção solene do IHGRN, presidida por, Enélio Petrovich, na qual foram entregues medalhas a personalidades que se destacaram no I e II Congresso Paroquial e finalizando o evento, ocorreu o descerramento de três placas, comemorativas no interior da Matriz, imortalizando o evento.

Em 2005, entrou o Padre Francisco Flavio Herculano do Nascimento que mandou reformar todas as capelas da cidade e terminou de construir a igreja de São Sebastião, no Projeto Crescer e também fechou por um ano a Igreja Matriz para reformá-la, pois a única reforma geral feita nela foi a do Frei Ibiapina, ainda no início do século XX.

⁷⁷ **Cavidade aberta** em uma parede, para colocar **imagens sacras, urnas, estátuas etc.**

Em 22 de fevereiro de 2013, entra o Padre José Pereira da Silva Neto que atualmente é o vigário em exercício no município, o qual celebra todo domingo na Matriz, uma missa às 7h e outra, às 19h.

Tendo como referência: (BARRETO, 1985; CÂMARA, 2012; CARVALHO, 2014; GALVÃO NETO, 2005; JÁCOME BARRETO, 2015; SILVA, 2014 e SOVERAL, [s.n.d.]).

RELAÇÃO DOS PADRES DA MATRIZ	
Padre	Período
José de Matos Silva	1858 — 1860
Manoel Januário Bezerra Cavalcanti	1860 — 1864
João Luiz Lopes Pereira Barbosa Pinto	1864 — 1865
Joaquim Lopes de Oliveira Galvão	1866 — 1875
José Maria Antônio Ibiapina	?
Bento Maria Pereira Barros	1880 — 1886
Manoel Januário Bezerra Cavalcanti	1886 — 1888
João Francisco Soares Medeiros	1898 — 1908
Francisco Almeida	1908 — 1909
Misael Justiano de Carvalho	1908 — 1909
Leôncio Fernandes da Costa	1909 — 1911
Luiz Adolfo Paiva	1911 — 1912
Manoel Maria de Vasconcelos Gadelha	1912
José Mendes	1912 — 1915
Severino Leite Ramalho	1913 — 1915
Esmerino Gomes da Silva	1915
Leôncio Fernandes da Costa	1915 — 1916
Benjamim da Costa	1916 — 1921
Leôncio Fernandes da Costa	1922 — 1924
José Barbalho	1930 — 1931
Antônio Anacleto Brandão de Oliveira	1930 — 1931

RELAÇÃO DOS PADRES DA MATRIZ	
Padre	Período
Leôncio Fernandes da Costa	1931
Benjamim da Costa Sampaio	1931 — 1933
Leôncio Fernandes da Costa	1933 — 1934
Antonio Avelino da Silva	1934 — 1935
Jorge O'Grady de Paiva	1934 — 1936
Ambrosto da Silva	1935 — 1937
Bionor Aranha	1936 — 1937
Carlos Frank	1937 — 1939
Martinho Stensel	1939 — 1940
Francisco Sales Wosney	1940 — 1942
Pedro Luiz	1942
Antonio Barros	1942 — 1947
Antonio de Melo Chacon	1947 — 1948
João Teodoro Werbew	1948 — 1951
Benjamim da Costa Sampaio	1951
Alcides Pereira da Silva	1951 — 1983
Raimundo Gomes Barbosa	1953 – 1955
José Amorim Souza	1955 – 1958
Patrício Mendes	1964 — 1968
Luiz Teixeira de Almeida	1968 — 1969
José Pedro da Silva	1969 — 1974
José Zilmar de Andrade	1974 — 1984
Tarcísio Pereira Rodrigues	1985 — 1987
Manoel Nunes Rodrigues	1987 — 1993
Gilvan Miguel Pereira	1994 — 2005
Francisco Flavio Herculano do Nascimento	2005 — 2013
José Pereira da Silva Neto	2013 — ...

MASSACRES DO PERÍODO HOLANDÊS⁷⁸



Fonte: OLIVEIRA; 2015.

Figura 10 - André de Soveral, Ambrósio Ferro e Mateus Moreira.

O reino de Portugal estava sendo governado pelo monarca espanhol, Felipe II, desde 1556 e que devido ao seu laço de parentesco com Dom Sebastião, que morreu sem deixar herdeiro direto ao trono, tornou-se rei de Portugal em 1580, como Filipe I.

As relações dos holandeses para com os portugueses eram bastante pacíficas, mas diante do domínio espanhol, estavam abertas à possibilidade de invasão da sua colônia mais rica na América, por isso em 1631, os holandeses, tentaram conquistar a Capitania do Rio Grande, mas não conseguiram a derrota dos portugueses.

Já na Capitania de Pernambuco, na região próxima à Vila Formosa de Sirinhaém⁷⁹, foi edificado um reduto⁸⁰ nas margens do rio Formoso, instalado pelas ordens do Capitão-mor da Paraíba,

78 Narrativa ficcional, com base em referências conceituadas do ramo.

79 Atual município de Sirinhaém/PE.

80 Localizado hoje no município de Rio Formosa/PE, o rio continua com o mesmo, e, no local onde foi o forte plantaram um cruzeiro, em honra aos que morreram na Batalha do Reduto.

Matias de Albuquerque Maranhão, que queria a proteção dos 13 engenhos ali edificadas.

O forte teria somente uma bateria, 02 peças de seis libras, tinha também 20 soldados, comandados pelo ex-capitão de milícias do povoado, Pedro de Albuquerque.

No amanhecer do dia 7 de fevereiro de 1633, na expansão holandesa em direção ao Rio São Francisco, o general Sigismund Van Schkoppe, com uma tropa de 600 homens, atacou o Forte do Reduto, pois ouvira falar que ele tinha menos de 100 homens e uma bateria de duas peças.

Resguardados pela escuridão, os navios aproximaram-se, a tropa saltou sem que lhe fosse disparado um tiro, o general Van Schkoppe, ao clarear do dia, mandou começar o fogo, uma chuva de balas, apenas uma, seria o bastante para produzir o terror nos soldados! Antes de acabar de nascer o dia, aquilo estaria liquidado!

De repente, algo inesperado ocorreu, os olhos do general brilharam surpresos ao ver dos paredões a resposta às balas holandesas.

Redobrou o fogo, que durante cerca de mais de uma hora, só se bradavam o estrondando de arcabuzes e dos canhões.

Durante uma hora, os holandeses não puderam dar um passo para conquistar o forte e a cada segundo iam perdendo gente.

O general Schkoppe franziu a testa e mandou cessar o fogo, não valia a pena perder homens quando, por palavras, talvez conseguisse a rendição do inimigo.

Os soldados do forte estavam a sustentar o combate, pois desconheciam a superioridade das forças atacantes, quando soubessem que ali estavam seiscentos homens, dezenas de canhões e munições para dias, se entregariam, sentindo inútil a resistência.

Dissera Van Schkoppe:

– “O capitão Pedro de Albuquerque devia ser informado disso para que não estivesse perdendo tempo e soldados em combater”.

Nessa hora estendeu-se uma bandeira branca e depois foram enviados dois mensageiros. Van Schkoppe ficou em silêncio até meia hora após o envio dos mensageiros.

– *“O capitão Pedro de Albuquerque manda dizer que, em vez de seiscentos, podíamos ser um milhão, porque ele só dará a praça de guerra quando lá dentro não houver mais um homem vivo para empunhar uma arma”*. (Disse um mensageiro).

O general franziu as sobrancelhas, o sangue lhe veio ao rosto.

– *“Fomos enganados! Em vez de menos de cem homens lá dentro deve haver um exército! Fogo!”* (Gritara Schkoppe).

O combate recomeçou mais intenso e feroz.

Por volta do meio-dia, o tiroteio foi pouco a pouco esmorecendo no forte. Um disparo agora, outro depois, outro muito depois. Eram cerca de duas horas da tarde quando não se ouviu mais tiro.

Uma dúvida brilhou inquietamente nos olhos de Schkoppe que estava pensando:

– *“O que era aquilo? Alguma cilada? E cessem o fogo. E avancemos. Teria aquela gente conseguido fugir? Por onde, se estava feito o cerco completo? Por que aquele silêncio?”*

De espada nua em mão, tomou a frente das tropas e avançou até às muralhas do forte.

Ao chegar à primeira porta, chegou a uma rampa que levava a um corredor, e, ao passá-lo ninguém avançou, devido aos vinte corpos tombados no chão. O rosto do comandante tingiu-se de vergonha, pois era o militar cheio de glórias, que levou um dia para vencer vinte homens. Nesse momento, um punhado de soldados apareceu ruidosamente na larga plataforma e bradou Schkoppe:

–“Silêncio! E tirem os capacetes e se curvem aos verdadeiros heróis da Batalha do Reduto!

Os soldados ficaram parados, mudos e surpresos pelas suas 80 baixas vindas feitas por simplesmente 20 homens, em seguida houve a rendição do engenho de Romão Perez, onde foi organizada uma resistência com cerca de 60 homens. Após a derrota dos portugueses, estes mataram 23 índios, esse massacre ficou conhecido como Rendição de Sirinhaém.

A conquista definitiva da Capitania do Rio Grande foi em 08 de dezembro de 1633, com uma expedição composta de onze navios e 800 homens e a rendição quatro dias após dos portugueses da Fortaleza dos Reis Magos, que estava sob o comando de Pero Mendes de Couveia, a Capitania passou a ser dos holandeses.

Em 15 de dezembro de 1633, provavelmente houve a posse do primeiro capitão-mor holandês da capitania, com o sargento-mor George Garstman Von Warve. Nesse momento, houve a mudança do nome da fortaleza para Forte Keullen, em gratidão ao comandante Van Ceulen, responsável pela conquista do Forte e também o nome Natal foi rebatizado para Nova Amsterdã em homenagem à capital da terra flamengo⁸¹.

Com a conquista desse ponto estratégico, houve a oportunidade dos holandeses de conquistarem a capitânia da Paraíba e a destruição da resistência pernambucana. Esse território foi anexando ao domínio flamengo que ia desde Sergipe a Pernambuco, o qual foi conhecido por Nova Holanda.

Distante cerca de seis léguas do Forte Keullen, havia o Engenho Potengi⁸², situado na margem direita do rio Potengi, que pertencia

81 Seria a parte sul do reinado borgonhês, em suma, o território da atual Holanda.

82 Atualmente, é conhecido por Solar Ferreiro Torto, e, em 15 de julho de 1988, foi tombado pela Fundação José Augusto, sendo hoje a sede do Poder Executivo de Macaíba/RN.

a Francisco Rodrigues Coelho, sesmeiro daquela data desde 1611, e devido à conquista holandesa, esse engenho abrigou 60 pessoas importantes da capitânia.

No poder, os holandeses garantiram a religião católica não só de lei, mas também pela força e concordaram com o comércio pacífico aos moradores do Rio Grande, mas sobre o acordo de que o transporte seria somente feito pelos seus navios e os que não aceitassem seriam expulsos e seus bens confiscados.

Após a estabilização dos invasores em Nova Amsterdã, a principal preocupação dos invasores era assumir o quanto antes as fontes econômicas do Rio Grande, que possui dois engenhos de grande porte: o Potengi e o Cunhaú⁸³, este último, localizado na ribeira do Piquery do rio Cunhaú, distante cerca de doze léguas da capital.

Por estar mais próximo do Forte, o Potengi, foi atacado em 14 de dezembro de 1633, pelas ordens do major Cloppenburg e direção de Vaz Pinto, Provedor da Fazenda Real. Esse engenho já não representava muito pra economia do Rio Grande, pois estava encravado em terras pouco férteis, quase de “fogo morto”⁸⁴.

Essa campanha possuía 30 homens e estava sendo auxiliada pelos capitães Falior e Corneluisvon Uxsel, que deixaram o Forte Keullen em 03 grandes botes à vela que iam rio Potengi acima. Até o engenho, eles desembarcaram no local conhecido por “Passagem do Potigi”, os moradores ali presentes, no entanto, não estavam desprevenidos, pois utilizaram primitivas técnicas de guerrilha, sendo que mataram cinco holandeses.

O comandante Calabar convocou então o grande chefe Janduí, e fez a guerra. Mataram o dono do engenho, sua mulher, seus filhos

83 Localizado no município de Canguaretama/RN, pertencente agora à família, Araújo Lima.

84 Desativado.

e as outras pessoas ali alocadas, e, além dessa invasão, ocorreu outra em 08 de março de 1634.

Ocorreu num sábado de abril 1634, a primeira tentativa de conquista do Fortim Barra do Rio Cunhaú⁸⁵, que inicialmente, era um reduto quadrangular e duplo, na encosta da Falésia do Pontal, circundado de uma paliçada, construída por volta de 1550, por marinheiros de Dunquerque⁸⁶, enquanto durava a construção de outro navio, já que o anterior foi estragado num encalhe.

Na época de 1634, esse reduto, foi adaptado pelos portugueses para proteção do Engenho Cunhaú, distante cerca de quatro léguas do local, para isso, dispunha-a de muros de 2,5 metros de altura, uma bateria de 10 peças de seis libras, 02 arcabuzes de forquilha⁸⁷, 11 barris de pólvora, grande quantidade de balas e uma guarnição de 27 homens.

A primeira campanha de invasão estava a cargo do comandante Smient, mas foi mal sucedida, devido aos latidos da cachorrada, que alertou à guarnição do fortim.

O comandante do fortim, o capitão Álvaro Fragoso de Albuquerque dirigiu-se ao local, após ser avisado por cavalos velozes que continha a mensagem sobre a invasão. Ao chegar ao fortim, o inimigo já havia escapado do ajuste de contas.

Passou-se seis meses da primeira tentativa de invasão, quando ocorreu a segunda, dessa vez durante a madrugada de 21 para 22 de outubro de 1633, agora com o auxílio do conselheiro Stachouwer, rico homem de negócios, comandante das forças do mar e do Coronel

85 Atual Pousada do Forte, localizado no distrito da Barra do Cunhaú-Canguaretama/RN, de sua estrutura original não restou nada, só que o proprietário da área, fixou dois canhões em alusão ao fortim.

86 Cidade portuária no norte da França, localizada no departamento do Nord, região de Nord-Pas-de-Calais, situada a 10 km da fronteira com a Bélgica, tem cerca de 70.000 habitantes.

87 Arma de fogo portátil disparado por pólvora que se apoiava sobre uma forquilha para atirar.

Cristóforos Arciszewshi, militar brilhantíssimo, que vinha por terra com uma tropa de 228 soldados e 50 índios, que não conseguira chegar para a invasão.

Houve crueldades inomináveis, “levando tudo a ferro e fogo” o capitão Fragoso, um frade capuchinho e mais 11 homens foram mortos, 13 homens foram presos e só conseguiram fugir 03 soldados.

Os despojos, que devem ter sido 09 caixas de açúcar e 36 pipas de vinho e outras mercadorias, foram transportadas para um barco que saiu a pique do rio Cunhaú para o Forte Keullen.

Quando saíram para tomar o rumo do Forte Keullen, o barco que estava o Coronel Arciszewshi, naufragou e no desespero de perder tudo quanto tinha saqueado, resolveu juntar os objetos de maior valor e se jogar ao mar, ao nadar para a praia, foi ficando cada vez mais fraco e os objetos caíam de suas mãos, um a um, o último objeto caiu da mão a poucos metros da areia. Depois seu corpo foi jogado para fora d’água, vivendo então, como um zumbi condenado a não entrar na água até devolver o que roubou, para se redimir dos pecados, porém sua oferta só era feita às mulheres, pois os homens não o veem, nem o escutam.

Ao abordar as mulheres, ele mostra seu tesouro e pede que elas façam segredo do caso por três dias, as moças descuidadas sempre deixam escapar que viram o holandês, assim continua a ver seu principal tesouro a “Corrente do Pontal” até o dia que se encerre a sua penúria.

Por sua posição estratégica a meio caminho da Paraíba, o engenho Cunhaú só foi tomado em novembro de 1634, sendo que pertencia a Antônio e Matias de Albuquerque Maranhão, mas somente Antônio se encontrava no engenho, que fugiu para Portugal antes da invasão, proporcionando aos invasores a conquista definitiva do Rio Grande.

No dia 23 de janeiro de 1637, chegou ao Brasil Holandês o Conde João Mauricio de Nassau-Siegen, nesta jornada marítima viera também o delegado Jacob Rabe, um alemão do condado de Wander.

Rabe ia com frequência as paragens do Cunhaú, sempre acompanhado de seus amigos soldados e liberando os ferozes índios, semeando por toda parte ódio e destruição, ele era casado com a índia Domingas, a sua ligação com os índios locais. Assim o clima no engenho se tornou tenso, pois ele era conhecido pelos colonos pela arrogância e petulância.

Em 15 de junho de 1637, o engenho foi vendido ao capitão-mor George Garstman e ao seu conselheiro político Balthasar Wijntges por 60.000 florins, com uma área de 500 braças², 30 escravos negros e 20 juntas de boi. Depois foi comprada pelos flamengos Willem Beck e Hugo Graswinckel, mas em agosto de 1642, Matias Bequel, Coronel da burguesia do Recife, comprou a parte de Hugo Graswinckel.

Em 1645, o Cunhaú pertencia ao português, Gonçalo de Oliveira, que o adquiriu por suas ligações de amizade com os holandeses.

Já na capitania da Paraíba, antiga Itamaracá, os índios das terras de Pilar, atacaram em 20 de março de 1645, o engenho São Tiago Maior⁸⁸, de André Dias de Azevedo, que foi morto com os seus trabalhadores, Francisco Lopes de Abreu, Lourenço Siqueira, Domingos d'Abre, Domingos Leitão, Cosmo Afonso Pinheiro, entre outros. Só escapou da morte, a filha de André Dias, por ser uma jovem muito bonita, que foi enviada para a Fortaleza de Santa Catarina, para ser a combina⁸⁹ do capitão-mor Paul Linge.

88 Atual Engenho São Felipe ou Puxi de cima, localizada na cidade de Cruz do Espírito Santo/PB.

89 De acordo com o mito da “Mulher de Branca”, haveria existido uma mulher na Fortaleza de Santa Catarina que faleceu decorrente às constantes torturas feitas pelo capitão-mor, ao que tudo indica seria a filha do Senhor de São Tiago Maior, atualmente a sua alma pode ser vista, mas somente os homens a veem.

Voltando à sesmaria do Cunhaú, a vida parecia ter voltado à normalidade no engenho depois da invasão holandesa, ao redor da Capela, da Casa Grande, viviam pacatamente 70 famílias, inteiramente dedicados aos trabalhos na lavoura e na moagem da cana.

No sábado de 15 de julho de 1645, o delegado Rabe, foi ao Cunhaú acompanhado de 200 soldados desertores, bem armados que davam a impressão que uma guerra havia começado, e ainda nativos de grupos diferentes que formavam um único pelotão que era liderado momentaneamente pelo índio Jerereca.

Ao fazer contato com a população, Rabe pediu calma e pregou a paz, pois estaria procurando por escravos fugitivos da capitania da Paraíba e também trazia instruções vindas do capitão-mor da Fortaleza de Santa Catarina, o comandante Paul Linge.

Por isso, ordenou que todos os colonos, deviam comparecer à reunião marcada para a manhã seguinte na capela, e, ainda mandou dois amigos fixarem um documento na porta da igreja, com duvidosas determinações do Supremo Conselho Holandês.

Na manhã seguinte, domingo de 16 de julho de 1645, chovia muito, por isso, nem todo mundo apareceu à capela devido aos caminhos encharcados.

Enquanto isso, na capela já estava o Padre André de Soveral, que comandava as badaladas do sino da missa de Nossa Senhora do Carmo. A presença dele encorajou o povoado a comparecer, os que chegavam limpavam os pés e entravam se benzendo, nenhum trazendo arma, e, em sua maioria, eram homens adultos e mulheres com crianças.

Enquanto Rabe não aparecia para a reunião, a missa foi iniciada dentro de uma expectativa enorme.

A missa foi iniciada com os ritos tradicionais, e, passado algum tempo, o Padre levantou a hóstia e o cálice, profetizado:

– “Credimus in unum Deum Patremomnipotentem. Factoremcaelietterrae, VisibiliumomniumetinvisibiliumConditorem. Et in unumDominumIesumChristum, Filium Dei unigenitum. Et exPatrenatum ante omniaseacula”⁹⁰.

Chegou Rabe, que parecia muito nervoso e irritado, porque a intenção dele não era conversar com ninguém, pois estava ali para saquear o engenho e amedrontar os colonos meramente por prazer, e mandou os aliados fecharem as portas da capela e depois atacar os presentes.

Os 70 fiéis aflitos se afastaram quando o indígena Jerereca avançou contra o altar e ameaçou o pároco com gritos e gestos.

Mostrando a cruz e falando na língua dos nativos, o Padre advertiu vigorosamente:

–“Aquele que tocar em mim ou nas imagens do altar terá os braços e as pernas paralisados!”.

O índio hesitou diante da cruz e depois baixou a arma, recuando lentamente, mesmo sob as ordens Rabe:

–“*Mate o Padre!*”.

O Padre André de Soveral, de 73 anos, então cheio de coragem, dirigiu a palavra a Rabe:

– “*Por que não fazes tu mesmo, crente infiel, por acaso tens medo do castigo de Deus?*”.

Rabe não deu ouvido e ordenou:

– “*Matem todos. Não quero nenhum vivo!*”.

Excitado, Jerereca mostrou seus dotes de guerreiro e saltou arredio sobre o velho capelão desferindo os golpes mortais, o vigário ainda tentou se erguer apoiando-se pelas paredes da capela depois de morto, foi feito em pedaços.

90 Em português seria “Creio em um só Deus, Pai Todo-Poderoso, Criador do Céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Único de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos”.

Sobre o corpo de Domingos Carvalho dividiram as moedas de ouro que encontraram com os colonos, as crianças que escaparam foram levadas pelos indígenas, que despedaçaram os seus corpos.

Após o massacre, as casas foram invadidas e saqueadas, onde ocorreram ataques com punhaladas, flechadas, tacapes, bordoadas e facões, morrendo a maioria.

Na Casa Grande, alguns se salvaram, pois ao escutaram os gritos da capela que ficara do lado direito, escaparam pelo telhado a caminho das matas desconhecidas.

Apenas Gonçalo de Oliveira e alguns escravos de confiança foram poupados, pois administravam o engenho.

No dia 25 de julho, o governo holandês no Recife soube do terrível acontecimento em Cunhaú, organizado pelo delegado Jacob Rabe e para remediar a situação, mandara uma intimação ao capitão Willem Jansez, chefe da aldeia de Pirary⁹¹, distante duas léguas de Cunhaú, para que ele e os seus 30 homens fossem ao engenho e de lá prender e transportar Rabe até Recife, para os devidos esclarecimentos, e, também mandou outra, para Jodocus Stetten, chefe da Mina de ferro do Cunhaú⁹², que possuía 20 homens para assim compor uma tropa de 50 soldados.

O delegado Rabe ao ver a tropa, ficou ao lado das ruínas da capela e bradando pediu satisfação:

– “*O que faz aqui, Jansez?*”.

Respondeu Jansez:

91 Atualmente é conhecida como Fazenda Pirary pertencente a um tal Dr. Ítalo Azevedo, localizada em Pedro Velho/RN e aparentemente não é tombada pelo IPHAN, nem pela Fundação José Augusto, muitos menos por lei municipal de Pedro Velho/RN, atual.

92 Atual Gruta do Bode, ou, Sete Buracos, localizada na BR 101, altura do KM 158, sentido João Pessoa/PB-Natal/RN, aparentemente não é tombada pelo IPHAN, nem pela Fundação José Augusto, muitos menos por lei municipal de Canguaretama/RN, atual.

– “Um crime grave ocorreu nessa sesmaria: vários colonos foram assassinados. Sabe que não pode agir assim, Rabe. A Companhia quer que se apure o fato...”.

Mas retruca Rabe

– “Colonos que conspiravam contra nós, o feiticeiro dos Janduis, me avisaram e eles não erram”.

Interviu grossamente Jansez:

– “Não importa quem você matou. Terá que ser julgado por isso. Ninguém tem o direito de tirar a vida de nenhum seja ela católico ou calvinista. A capitania precisa dessa gente trabalhando. A guerra é de vital importância, eu sei; foi por ela tomamos esse território. Mas basta não vim discutir política e sim cumprir uma tarefa oriunda do Conselho da Companhia das Índias Ocidentais que são belas claras, que você me acompanhe até Recife e que dispensasse os seus índios e soldados e que devolvesse todas as armas que possuía”.

Em tom de arrogância, disse Rabe:

– *“Por que não tenta me prender e pegar as minhas armas”.*

Em seguida as tropas trocaram alguns tiros, mas a tropa de Rabe fugiu com medo de represália do governo holandês.

O alemão Rabe foi preso e levado à Recife e durante todo o mês havia se ocupado nessa viagem, decorrido algum tempo volta ao Rio Grande, e apesar da insubordinação, o seu prestígio como delegado continuou forte, pois os holandeses ainda precisavam dele para controlar os indígenas, mesmo sendo desobediente, continuou livre, mas respondendo diretamente pelos seus atos a partir de então.

Os colonos que conseguiram fugir de Cunhaú e arredores que não conseguiram se refugiar na fronteira com a Paraíba, paragem onde se armavam, procuraram abrigo nas terras de João Laustal, que ficava a meio caminho entre Cunhaú e Natal, devido este ser o

sogro do capitão-mor do Forte Keullen, e, por isso, transmitia confiança e atraía os colonos sobreviventes.

João Laustal era natural do Reino de Navarra e se tornou sesmaria da data de número 15, doada em 01 de março de 1601, pelo Capitão-mor João Rodrigues Colaço e posteriormente recebeu outras datas. Ele era casado com Luzia Casa Maior, com quem teve Beatriz e Luiza Laustal Casa Maior, casadas respectivamente, com o sargento-mor George Garstman, capitão-mor do Forte Keullen e o escabino⁹³ Manoel Rodrigues Pimentel, acusado da morte de um holandês em Ceará.

Esse sesmeiro ergueu uma Casa-Forte⁹⁴, construída com as pedras dos rios próximos e a cal feita de conchas de moluscos, além do óleo de baleia para dar adesão à argamassa. Possuía um partido de planta retangular demais de 23m de comprimento por 11,69m de largura e paredes de mais de 3m de altura e espessura de 70 cm e ainda contava com a presença de seteiras na parede externa até o interior, devido a essa construção, logo se transformou em um pequeno arraial fortificado, abrigando as famílias oriundas do Cunhaú e arredores da insegurança na capitania, inclusive com seus escravos.

93 O cargo de escabino, em diferentes épocas e lugares, assumiu diversos significados: em Paris, no século XVII, o termo designava um magistrado, no Antigo Regime Francês, o preboste dos comerciantes - chefe da municipalidade parisiense- era responsável pelo abastecimento da cidade, pelas obras públicas, pelo recolhimento de impostos e pelo controle do comércio fluvial, era auxiliado por quatro escabinos. Em Lyon e Marseille, correspondia ao atual conselheiro municipal. Na atualidade Bélgica e Luxemburgo, possuem os escabinos que são membros eleitos do órgão colegiado representativo de um município, tendo funções legislativas e também executivas, pois atuam como auxiliares do burgomestre, tipo de prefeito.

94 Hoje, possivelmente as ruínas da Casa de Pedra de Pium, cuja propriedade pertence a um tal de Dr. José Arno, que se localiza entre as divisas dos municípios de Nísia Floresta/RN e Parnamirim/RN, aparentemente foram tombadas em 17 de fevereiro de 1990, a nível estadual, mas se não ocorrer o quanto antes a sua restauração, perderemos essa construção do século XVII.

A água desse arraial vinha de uma lagoa no meio de umas dunas, perto de falésias de tonalidades róseas, muito íngremes, que mediam mais de 20 metros de altura. Esse curso⁹⁵ d'água era utilizado como rota de escoamento dos produtos da sesmaria de João Laustal, sua principal fonte de renda.

A concentração nessa sesmaria, alertou Rabe, que já se encontrava no Rio Grande, há certo tempo, quando houve a chegada do mês de setembro e com uma pequena força de tapuias e mais de 30 soldados desertores ocuparam o arraial.

Ao entrar no arraial, gritou que queria as armas dos locais.

Tentando negociar dissera Laustal:

– *“Precisamos dessas armas, pois os indígenas estão a nossa volta querendo nos atacar”*.

Retruca Rabe:

– *“Os brasileiros estão só irritados com a atitude que você teve ao reunir o povo e se armar. Não farão mal a vós, pois estão do meu lado, não precisa ter medo. E também o governo exige a deposição das armas, apenas isso. Entreguem as armas!”*.

Rebate Laustal:

– *“Nós não somos contra o governo, mas sem armas não há como se defender neste país. Os brasileiros não dão trégua... e além do mais sabemos o que aconteceu em Cunhaú e na Paraíba, não seremos vítimas da mesma forma”*.

– *“Então serei obrigado a usar a força para toma-las”*. (Disse Rabe).

– *“Que venha, sabemos quem é você e se Garstman estivesse aqui você não teria coragem de fazer isso”*. (Retruca Laustal).

95 Havia nele o porto de João Laustal, depois, Porto Seguro e atualmente, por Porto de Tabatinga que é localizada na atual Lagoa de Arituba e aparentemente não é tombada pelo IPHAN, nem pela Fundação José Augusto, muitos menos por lei municipal de Nísia Floresta/RN, atual.

– “Não peça isso Laustal. E Garstman é um fraco! Depois que casou com sua filha passou a confiar demais nos portugueses. Por causa disso chegamos a essa situação” (Disse Rabe).

– “Vá embora, Rabe! Aqui não há nada para você e esses malditos índios que lhe acompanham”. (Retruca Laustal).

– “Não enquanto não acabar com essa raça de portugueses que tramam contra nós. Arrancarei um a um dessa terra”. (Retruca Rabe).

– Eu sou francês, Rabe, está esquecido?

– Você é um católico igual aos outros...

– *Guarde seu ódio para quem o merecer e saia da minha propriedade e leve toda sua gente imunda.* (Disse Laustal).

Surgiu a noite, a conversa acabou e os indígenas quebraram o silêncio, com gritos para amedrontar os colonos, e, após várias tentativas de aproximação sem sucesso, Rabe ordenou o grande ataque e, depois de muita luta, a casa foi invadida e incendiada.

Os 16 colonos foram barbaramente assassinados, pois lutaram até o fim contra a avalanche de golpes que rugia sobre eles, sendo os únicos poupados, Laustal e sua família, por serem parentes do capitão-mor do Forte Keullen, sendo então levados como prisioneiros.

Sabendo dos acontecidos na sesmaria do Cunhaú e na de Laustal, alguns moradores ilustres do Rio Grande se abrigaram no Forte Keullen, pela segurança dada aos portugueses, sejam eles católicos ou calvinistas, pelo capitão-mor do forte para com a vingança dos indígenas comandados por Rabe. Nessa hospedagem estavam o vigário Ambrósio Francisco Ferro, os Srs. Antônio Vilela, o Moço, Francisco de Bastos, Diogo Pereira e José do Porto e partes de suas famílias.

O forte não comportava tanta gente, assim seria necessário que os moradores mais simples assumissem a sua defesa por conta própria e resolveram edificar uma fortificação rude, próximo ao

rio Grande, distante cerca de cinco léguas do forte, ficando o local conhecido como a “Cerca de Potengi”, onde estavam 65 colonos com alguns escravos.

O alemão Rabe acreditava se tratar de uma tarefa fácil, pois não tinham como resistir por um longo tempo a Cerca e logo se entregaria devido terem suportado a situação difícil lá vivida por cerca de três meses com extrema dificuldade.

Eles, porém, resistiram por 16 dias heroicamente com suas 17 armas, sendo elas mosquetes, dardos, algumas espadas e paus tostados. Irritado, Rabe mandou sequestrar duas peças de artilharia, conseguindo assim, a rendição dos refugiados.

No dia 01 de outubro, renderam-se e fizeram um acordo, em que entregariam os seus líderes: Estevão Machado de Miranda, Vinte de Souza Pereira, Francisco Mendes Pereira, João de Silveira e Simão Correia, juntamente com as armas, e, em troca, teriam uma duvidosa garantia de vida em nome do príncipe de Orange, porém, não acreditavam nessa promessa. Após a prisão dos seus líderes, ficaram sob a vigia de 10 cíveis holandeses armados.

No dia seguinte, no Forte Keullen, houve uma notificação do Supremo Conselho Holandês com a vinda do conselheiro Adriaen van Bullestraten, na qual ordenava a liberação dos refugiados com mais de 10 anos do Forte Keullen e de outros locais do Rio Grande.

Ao chegar o dia de 03 de outubro, houve a liberação dos hospedados no Forte Keullen, que após a saída foram sequestrados pelos índios de Rabi, que levaram de barco até o Porto de Uruaçu⁹⁶, para lá serem massacrados.

96 Hoje em dia é possivelmente um riacho próximo a Fazenda Carnaubinha de propriedade da família Verissimo, localizado no município de São Gonçalo do Amarante/RN, sendo que aparentemente não é tombado pelo IPHAN, nem pela Fundação José Augusto, muito menos por lei municipal de São Gonçalo do Amarante/RN.

Enquanto isso na “Cerca de Potengi” os refugiados de alguma maneira compreenderam o triste fim que os esperavam, e, nessa hora começaram a rezar, pois os guardas começaram a dividir os colonos entre os barcos para de lá transportar para o desconhecido.

Foram trazidos, entre outros os Srs.: João Laustal, Estevão Miranda, Diogo Pereira, Francisco Pereira, Vicente Pereira, João da Silveira e Simão Correia, com alguns parentes.

O pelotão de 200 índios escondidos nas matas do Porto de Uruaçu já tinha sido avisado e esperava no local, sendo comando pelo chefe potiguar Antônio Paraupaba, que numa atitude ameaçadora e arrogante, se movimentava num cavalo, à frente do pelotão.

Logo que desceram do barco, os sequestrados do forte foram obrigados a se despir e se ajoelhar e diante de um sinal dado por Rabe, os índios saíram dos matos e cercaram os indefesos colonos.

Os indefesos colonos se despediram contentes porque morreriam heroicamente e assim foram massacrados com requintes de crueldades abomináveis.

Uma filha de Antônio Vilela teve uma morte desapiedada, a sua cabeça foi batida em um pau, que se abriu.

Estevão Miranda foi executado diante de uma filha que suplicava abraçada ao pai com grandes lamentações, implorando que a vida de seu genitor fosse poupada, que lhe dirigiu as últimas palavras:

–“Não esconda da sua mãe a minha morte, diga a todos o ocorrido”.

Depois de morto, a filha cobriu-lhe o rosto com a saia, chorando e pedindo que também a matassem, mas ao ver um barco se aproximando correu e contou sobre o ocorrido e todos puderam ter certeza do que suspeitavam. A expressão dramática junta com as palavras tristes e a margem com corpos ensanguentados espantou

a todos, pois era difícil acreditar em tamanha barbárie, após essa revelação a menina levou uma flechada de um índio.

O outro grupo trazido da Cerca, ao chegar ao porto, encontrou inúmeros pedaços dos corpos dos amigos que tinham sido executados há pouco tempo, e, ao ver isso perdeu as poucas forças que restavam.

O Sr. Antônio Barracho foi amarrado em uma árvore e depois teve a língua e a genitália arrancadas, em seguida foi açoitado e marcado a ferro em brasa, o cheiro adocicado empestou o ar com a fumaça que se despreendeu de seu corpo marcado pelo fogo, seu sofrimento só terminou quando faleceu. Na hora da morte de João Martins, este falou: *“Morro pelo meu rei, pátria e fé”*.

Mediante isso, os índios lhe fizeram em pedaços pequenos.

No assassinato de Mateus Moreira, ele foi aberto pelas costas e seu coração foi arrancado ainda pulsante, antes da morte declarou: “Louvado seja o Santíssimo Sacramento!”.

Em vingança aos massacrados nesses locais, em especial à família de sua mulher, o capitão-mor do Forte Keullen, George Garstman, convenceu Rabe a comparecer à casa de Dirk Mulden Van Mel, no dia 4 de abril de 1646, para um jantar, que estava sendo prestigiado pelos militares: Wilhelm Becke, Rolox Baro, Jacob de Bolan, Denys Baltesen, Johannes Hoeck e Wilhelm Tenberghe.

Garstman já tinha combinado antes do jantar com Rolox Baro para mata Rabe, e como recompensa pelo serviço poderia ficar com os seus despojos. O delegado Rabe chegara num corcel preto, seguido de um escravo, ele comeu e bebeu até altas horas da madrugada, ao que tudo indicava pensara que sairia impune das suas atitudes monstruosas cometidas ao simples colono nas mais diversas paragens da Nova Holanda.

Decorrido certo tempo, o capitão-mor Garstman se despediu dos convidados, pois estava farto da arrogância e petulância de Rabe

que se gabava dos assassinatos por eles concretizados, por isso, mais agora do que nunca queria concluir a vingança. Discretamente, quase ao amanhecer sai Bolon, pois Rabe, já estava a se despedir dos presentes.

De um local próximo à casa de Van Mel, estava escondido Bolon, que disparou vários tiros em Rabe, provocando duas perfurações nos peitos e não satisfeito, desferiu vários golpes de espada no seu rosto e no braço, desfigurando assim, a sua maléfica face, seus bolsos foram revirados, mas estavam vazios e lhe faltava o anel de ouro, que usara na reunião. Ao escutar os tiros, Van Mel correu ao local e se deparou com Rabe morto e totalmente desfigurado. Com alguns soldados montados em velozes cavalos, foi até Garstman, que relatou a morte de Rabe, e ao receber a notícia dissera Garstman:

– *“Antes ele do que eu. Que a morte desse tirano proporcione uma vingança ao menos honrosa aos massacrados por ele comandados”.*

Escutando com muita concentração disse Van Mel:

– “Você se livrou do seu pior inimigo e conseqüentemente da pior preocupação do conselho holandês, e com isso ganhou a admiração de todos os cidadãos de bem dessa terra, sejam eles calvinistas ou católicos, mas também conseguira a inimizade dos Janduíis, devido à sua ajuda para com os portugueses, a vingança deles será sua pior herança”.

OS MÁRTIRES DE CUNHAÚ: POESIA

Aldivan Honorato⁹⁷

Por vinte e quatro anos vindo de outro país
Holandeses protestantes fez nosso povo infeliz.
Logo se tornaram senhores de nossa bela região
Para quem era católico foi grande a perseguição.
No século dezessete (17) aconteceu a chacina feita por tribos
indígenas
Foi grande a carnificina eram todos comandados
Por Jacó Rabe, um alemão um homem.
Sanguinário que assolava a região.
Jacó foi o responsável junto com seus algozes
Com Tapuias e Potiguares tribo de índios ferozes
Insuflados pelos holandeses índios Tapuias e Potiguares
Invadiram a pequena igreja também pequenos lares
As comunidades católicas que começavam a se formar
Passaram a ser proibidas do seu culto de fê realizar.
No decorrer do processo trinta foram beatificados
Mas o número de mortos foi até mais elevados
O povoado de Cunhaú abençoado pela natureza
Tinha um engenho de cana a sua maior riqueza.
Eles entraram na igrejinha com seus semblantes cruéis
Encurralaram os presentes e foram matando os fiéis.
O Pe. André Soveral fazia a celebração
E a malta invadiu a igreja no momento da elevação.

97 Aldivan José da Costa Honorato, nascido a 07 de janeiro de 1944, em Martins/RN. Foi vereador em Mossoró em dois mandatos, além de político, foi professor e chegou a ser diretor do Colégio Estadual Jerônimo Rosado, radialista, na antiga Rádio Tapuyo, atual RPC e Bancário do Banco do Brasil, agência de Mossoró. Faleceu de falência múltipla dos órgãos, em 17 de junho de 2012 em Natal/RN.

Os índios da tribo tapuias deram os primeiros passos

Mas os índios potiguares cortaram o Pe. em pedaços

Nossa Senhora das Candeias padroeira do povoado

Viu nesse dia de domingo o seu povo massacrado.

DA CAPELINHA DO CUNHAÚ: ELEGIA⁹⁸

Stella Leonardos⁹⁹

Capelinha secular:

deixar-me vos relembrar
naqueles antanho rudos

Valha-me o céu potiguar,
Vosso solo, vosso mar,
O doído destempo, mudo.

E valha-me o sábio Luís,
valia de mestre em tudo,
do populário sem par
Mestre Câmara Cascado
e da História, sobretudo.

“Rio Grande em 1645. A notícia das
vitórias determina uma vibração
que é urgente conter e abafar. O

S. Francisco, rico em gadaria, está perdido. Rio Grande é o cural

98 Extraído de Barreto (1985, p. 135-142).

99 Stella Leonardos da Silva Lima Cabasa, nascida a 01 de agosto de 1923, no Rio de Janeiro/RJ, é uma poetisa, teatróloga e tradutora brasileira, foi intrigante da terceira geração do movimento modernista.

sem fim, fornecedor gratuito Jacó Rabe traz os Janduís.
Não há disciplina. Sopra um vento acre de ameaças.
Moradores recolhem-se ao Castelo de Keulen
porque os ofícios não podem conter os cariris famintos de saque”.

Porque varões valorosos
entre hereges holandeses
brasis norte-rio-grandenses
construtores do destino;
porque varões valorosos
lutando pelo seu solo
lua à lua, sol a sol,
oravam, a sós e insólitos,
uma antiga oração-forte
e a da Pedra Cristalina

“Minha Pedra Cristalina, que no mar foste achada
entre o cálix bento e a hóstia consagrada
Treme a terra, mas não treme Nosso Senhor Jesus Cristo
No altar
Assim tremam os corações dos meus amigos
Quando olharam para mim.
Eu te benzo em cruz e não tu a mim,
entre o sol, a lua e as estrelas
e as três pessoas distintas
da Santíssima Trindade”

Porque mulheres de brio
– velhas, moças e meninas
acompanhando os varões
construtores do destino
partilhavam orações

e de mesmo fervor forte
que há na Pedra Cristalina:

“...Salve fui, salvar serei
Com a chave do sacrário
eu me fecharei”.

Mas eis que pode a loucura
se transformar em maldade
ou maldade é já loucura? –
e, violência endomingada,
profanar o mais sagrado
no recinto mais puro

“A 15 de julho de 1645 apareceu
Jacó Rabe no engenho Cunhaú,
Seguido pela malta indígena. Anunciou
ter as instruções a comunicar
aos colonos e pediu que aguardassem a
leitura dessas ordens
depois da missa. No dia seguinte,
16, domingo, a Capelinha ficou repleta”.

Ó Rabe, Jacó Rabe,
ai que teu nome desmente
a tradição dos bons Rabes
entre os colonos tenentes.
Ó Rabe, Jacó Rabe
invasor passos da morte:
enlouqueceste , violento?
Ai Rio Grande do Norte!

“Os colonos, apesar do compromisso
De 1634, não tinham o direito de usar
armas defensivas.
Compareceram deixando à porta
seus bastões e varapaus. O Padre
André de Soveral,
paulista de São Vicente,
com 75 anos de idade,
iniciou a Missão. Estava desde de 1610
na Capitânia e fora Jesuíta. Súbito, a
um sinal de Rabe
Perverso Jacó: que fases?
Secou teu poço de dó
Os anjos fogem da escada
de tua visão, Jacó”.

“...Os Janduís entraram de roldão, tumultuosamente
guinchando de alegria. E mataram pessoas”.

_Che ajucá!

_Che ajucá!

_Ianéyajucá!¹⁰⁰

Tupã recê!

Tupã recê!

Por Deus! Quem os deterá?

Viaja a morte pela nave
e, confusa, á fé naufraga.

E tudo se desatina.

E tudo se torna turvo,
até as pedras cristalinas.

E a Senhora das Candeias,
meninas-dos-olhos cheias
d'água de sal que reluz,
soluçou à voz pequena

Do Céu chorou Nazareno
O dia perdera a luz
O próprio Padre, inserindo
viusangue na própria cruz.

“O bendita cruz
nossa cruz bendita
onde Jesus Cristo
foi crucificado:
sangue a vossos pés,
sangue derramado”.

“Soveral foi um dos primeiros a
cair, apunhalando por Jerereca, filho
do chefe Janduí. Durante séculos via-se z
mancha da mão ensanguentada do sacerdote
que se apoiara, ferido de morte, num
umbral do altar-mor. Nieuhof informa,
placidamente, que os mortos foram 36”.

Ah Cunhaú de tristural!
Quanta tristeza se escuta
nos sinos de bronze oculto,
nos dobres que o tempo enluta,
na História perene luto!

Doze excelências vos canto,
Cunhaú do Rio Grande

do Norte do coração
E canto de olhos aguados
-que era “aguada das cunhãs”-
aqueles lusos primeiros
tempo dos holandeses
-os da capela e do engenho-
Marcos ambos, ambos mártires,
daviolência desenfreada
E canto-vos doze vezes
 nofundo do pensamento
sem nenhuma interrupção
 que se interrompo a oração
Nossa Senhora ajoelhada
 e de olhos também aguados
há de sofrer aflição
 e devido ao desrespeito
-como reza o povo- o espírito
não achará salvação

 “Uma excelência que Nossa Senhora deu
 a Nosso Senhor esta excelência é de grande valor.
Rezai comigo, senhores,
 por almas dos que se foram
que setenta ao todo foram
 foram setenta pessoas
Senhores rezai comigo
Rezai pelos sempre vivos

 “...Saqueada a Capelinha, passaram
 para o engenho, incendiando entre urros
 de alegria. Gonçalo de Oliveira, outro proprietário, e dois

servos escaparam fugindo pelo telhado.
O sogro de Joris Garstman contou-se entre os defuntos.
Paul Linge insiste que o medo é o melhor
guardião. A Companhia perdeu o Ceará
desde 1644 e a Paraíba está
praticamente libertada.

Resta apenas Cabedelo liberdade...
Resta apenas Cabedelo liberdade...
Aos colonos dos arredores sabedores do
massacre do Cunhaú, refugiaram
na casa de João Lastau Navarro, no
desaguadouro da Lagoa de Papari,
barra do Camurupim.
Rabe cercou a casa, intimou
os sitiados à rendição sob
pena de metralha, prendeu-se
e levou-os para o Castelo Keulen”

Uma, duas, três e quatro,
cinco e seis, sete, oito e nove
e, por fim, dez, onze, doze
das excelências. Findadas.

Que posso rezar agora?

Hei de orar, em preces outras,
As excelências das Horas.

Que horas houve inconsolados

Do mais desaguado pranto,
e doze horas não bastaram
nem doze vezes doze
pares de olhos e de meses

e de inconsoláveis anos
nos dias do Rio Grande
do Norte de tantas dores
ao tempo dos holandeses.

“Já são doze horas que os anjos
vieram nos ver.

E eles vão, e eles vão, e eles vão
também
com vossa mercê.

Se crianças de lá se foram
Trucidadas sem perdão?
Por mais que sofressem todos
Ninguém choraria, então.

Que aquelas lagrimas vindas
podiam molhar as asas
do benvindo bando de anjos
levando os mortos meninos
Quando muito cantariam
Doze barquinhas aladas
no velório de algum anjo:

“Vão doze barquinhas de ouro
e um rosário de cordão
Seu filho chora no peito.
Sua mãe, no coração.
Do bojo
do Tempo
um coro
ecoa.

Ouçõ um coro instrumental.
(Quem saber um coro dos mortos,

Aqueles mortos privemos,
a uma só voz).

“Deus santo, Deus forte, Deus imortal!

Tende misericórdia de nós!”

“Deus santo, Deus forte, etc”, Invocação suprema, findando oração secular (“declamada nos concílios e gritada pela multidão nas horas das peste, fome e guerra” -Câmara Cascudo).

Ah, Cunhaú, quem nos dera
a voz grave de um Ladário
do patético Nordeste.
Quem dera abalar as almas
“tirar” ladainha eterna,
Trazer dos céus terno
Capelinha que merece
Este céu com que nos almas.

CTRL C, CTRL V MASSACRES DO PERÍODO HOLANDÊS¹⁰¹



Fonte: MARINHO e MAVIGNER DE NORONHA, [s.n.d.].

Figura 11- A invasão holandesa ao Nordeste.

Em 1631, os holandeses tentaram conquistar Natal, mas não conseguiram. Somente em 08 de dezembro de 1633, conquistaram a Fortaleza dos Reis Magos que estava sob o comando de Pero Mendes de Gouveia, com uma expedição composta de onze navios e 800 homens e a rendição dos portugueses, em 12 de dezembro de 1633. Assim, a capitania passou a ser dos holandeses.

A expulsão deles ocorreu em 26 de janeiro de 1654, após a assinatura do termo de rendição de Campina do Taborda, sendo então entregue aos portugueses todas as fortalezas do nordeste, após vinte um anos, um mês e quatorze dias de controle. Esse período ficou tão marcante na História do Rio Grande do Norte com alguns massacres de cunho “religioso”, cujos locais mais conhecidos seriam em:

“A capela de Nossa Senhora das Candeias, no antigo Engenho Cunhaú, em Canguaretama/RN, onde se localiza a Capela do Cunhaú que tem sua entrada permitida pela atual família proprietária, os Araújo Lima, até às 18h00min, contudo

101

Ensaio realizado pelo próprio autor, com base em referências conhecidas da área.

quando a grandes celebrações religiosas, o horário é prolongado. A comunidade de Uruaçu, atualmente pertence ao município de São Gonçalo do Amarante, tem como local do provável local do massacre o Porto do Flamengo ela se localiza na Fazenda Carnaubinha da Família Veríssimo. Os proprietários dela fizeram uma doação de significativa área para construção do Monumento Concha Acústica para celebrações religiosas [...]”. (LIMA, 2001, p. 23- 86).

A narrativa do massacre de Cunhaú, seria:

“No dia 15 de julho, chegou ao engenho Cunhaú, Jacob Rabe e só sua simples presença, dos soldados bem armados e indígenas davam a impressão que uma guerra havia começado. Estava com a justificativa que procurava por indígenas fugitivos infiltrados na capitania. Por isso, todos devem comparecer à reunião marcada para amanhã. [...] Na manhã seguinte, domingo dia 16 de julho de 1645, se aproveitando que os moradores estariam na missa. [...] Teria, então, os índios fechados às portas da igreja após a elevação da hóstia e deram início ao assassinato dos 70 colonos presentes na missa”. [...]

No dia 03 de outubro, no Porto de Uruaçu, houve:

Ao raiar de 03, eliminariam o vigário, o escabino e o sesmeiro no Porto de Uruaçu. Os índios já tinham sido avisados e lá estava

o chefe potiguar Antônio Paraopaba com os seus comandados. Este chefe indigna, educado na Holanda e, mais tarde, constituído pelos holandeses regedor dos índios da capitania do Rio Grande. Numa atitude ameaçadora e arrogante, Paraopaba escaramuçando num cavalo, estava à frente de um pelotão de mais de duzentos índios. Logo que desceram dos barcos, o grupo de Forte foram obrigados a se despirem e se ajoelharem. A um sinal dado por eles, os índios, que estavam emboscados, saíram dos matos e cercaram os indefesos colonos. [...] O Padre Ambrósio Francisco Ferro foi feito em pedaços ainda vivo e outras brutais anatomias. A mulher do escabino Manuel Pimentel, a Sra. Maria Laustal Casa Maior sobreviver ainda três dias, depois falecendo. Os índios mostraram compaixão e intercederam pelos oito jovens. João Martins respondeu: “Não me desamparei de Deus desta maneira, e irei sempre contra o tirano, e não contra minha Pátria, Fê e Rei. E suplico que me mate logo porque estou invejando as mortes de meus companheiros, pois desejo a glória que eles receberam, e se não quisessem me matar, vou lós persuadiria a que o fizessem”. Isso ocasionou a ira dos índios que lhe fizeram em pedaços. [...] O grupo da “Cerca de Potengi” chegou ao porto e viram os corpos dos amigos e parentes desfalecidos e assim compreenderam o triste que os esperavam”.

Mas pergunto, já leram a versão da realidade holandesa para com os colonos, em especial, os cristãos-romanos?

“No Brasil Holandês, a permanência de cristão-Romanos era garantida, não só de Júri, mas de fato. [...] A população católica romana, no auge da colônia (1640), deve ter sido no topo cerca de sessenta por cento. Embora a ocupação holandesa houvesse criado situações difíceis para os luso-brasileiros (culminando com o massacre de 25 portugueses na capela de Cunhaú, RN, pelos tapuias em represália à morte dos 23 brasilianos [índios] após a rendição de Sirinhaém), a população portuguesa foi protegida pela Lei e, às vezes também pela força, como quando os brasilianos [índios] quiseram matar todos os lusos em 1637, na conquista do Ceará”. (SCHALKWIJK, 1986, p. 401).

Contradizendo esse fato, diz Pereira (1999):

“Quando ocorreram os fatos de Cunhaú, a insurreição contra o domínio holandês mal tinha sido desencadeada e, mesmo assim, bem distante daquele local. O quartel-general, onde os governadores de guerra João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros comandavam as operações era em Recife. A data oficial do início da luta é dia 13 de junho de 1645, festa de Santo Antônio. O massacre de Cunhaú aconteceu no dia 16 de julho, tempo excessivamente curto para que a notícia do levante pudesse ter chegado à longínqua capitania do Rio Grande e possibilitado algum tipo de mobilização. Prova

de que não havia tempo para que a notícia tivesse sido já divulgada no Rio Grande, é que os próprios holandeses afirmam que os tapuias tiveram conhecimento da revolta dos portugueses, não por vias normais, mas através de “seus feiticeiros ou adivinhos”.

Em suma, existi discrepâncias acerca do real motivo dos atuais Protomártires do Brasil, mas devemos ser honestos com a História, não cedendo à pressão da Igreja Católica Apostólica Romana.

A grande massa desconhece tal justificativa, devido, que mesmo em pleno século XXI, há uma influência da Igreja Católica, que se aproveitou de um importante episódio histórico-cultural, ignorado por muitas pessoas e/ou entidades, enaltecendo o lado religioso/espiritual como também a fé incomensurável dos fiéis, fazendo até uma nova História que favorece o lado religioso, deixando por consequência a questão histórica em segundo plano.

Mas não acabei ainda de relatar alguns fatos ignorados pelos seus interesses, a saber, foi que ocorreram outros massacres, como: Batalha do Reduto, Rendição de Sirinhaém, Engenho Potengi, Fortim da Barra do Rio Cunhaú e Engenho São Tiago Maior.

A grande maioria da sociedade seja ela religiosa ou atea/agnóstica, norte-rio-grandense ou brasileira, desconhece esses massacres, por não interessar à Igreja Católica ou a outros grupos que os usam para que seus propósitos sejam pessoais e/ou corporativos.

Mas ateando a um único fato, vamos prosseguir com o real motivo dos massacres atualmente conhecidos, que na realidade não foram um massacre de cunho religioso, mas sim uma vingança dos indígenas para com os portugueses, devido às atrocidades por eles cometidas no início da colonização do nordeste brasileiro, sendo que não foram ajudados pelos invasores holandeses, mesmo estes sendo calvinistas, diz Lopes (1999, p.35):

“Os selvagens se guerreiam não é para conquistar países e terras uns dos outros, porquanto sobejam terras para todos; não pretendem tampouco enriquecer-se com os despojos dos vencidos ou resgate dos prisioneiros. Nada disso os move. Confessam eles próprios serem impelidos por outro motivo: o de vingar [...]”.

Endossando a tese de vingança, existe este quadro sobre a população indígena:

POPULAÇÃO INDÍGENA NO BRASIL HOLANDÊS									
ANO	1635			1639			1645		
Capitânia	Ald.	PT	Sold.	Ald.	PT	Sold.	Ald.	PT	Sold.
Rio Grande	6	1500	--	5	--	223	--	--	--
Paraíba	3	1500	800	7	--	620	--	--	--
Pernambuco	3	2500	880	5	--	843	--	--	--
Itamará	3	2400	770	4	--	237	--	--	--
Total	18	7900	2500	21	6000 (?)	1923	12 (?)	3588	1383

Ald = Aldeias, PT= população total, Sold. = soldados ou guerreiros

Fonte: SCHALKWIJK. 1986, p. 249

Como visto, a população indígena estava em baixo, devido às constantes batalhas com os portugueses que queriam as suas terras, o que ocasionava uma grande perda de guerreiros e por isso não viram nenhuma outra solução que não fosse a fixação próxima das fortalezas holandesas que eram difíceis de serem atacados. E depois do alojamento começaram a se organizar para a vingança contra os portugueses, que estava sob o comando do alemão Jacob Rabe.

Mas voltando ao tempo presente, mais precisamente no momento de beatificação dos Mártires de Cunhaú e Uruaçu, lembrados como Protomártires do Brasil, pelo Papa João Paulo II, na cidade do Vaticano, em 05 de março de 2000, que beatificou somente os

portugueses massacrados deixando de lado os indígenas mutilados pelos colonizadores lusos. Após esse fato, ocorreu um grande crescimento de turistas e/ou peregrinos aos locais dos massacres, mas ocorreu um fato contraditório a respeito disso: não houve um crescimento exponencial no Engenho Cunhaú; atual Fazenda Cunhaú e nem um investimento relativamente substancial na mesma, mas já, no Porto de Uruaçu; atual Porto do Flamengo houve um investimento substancialmente alto, o que levou a edificação do templo religioso “A Concha Acústica” e um intenso excursionismo.

Um benefício totalmente errado dessa equivocada interpretação dos massacres, foi o feriado estadual de 03 de outubro, ratificado pela Lei estadual Nº 8.913/2006, em lembrança dos Protomártires do Brasil, que possui caráter de feriado católico que contrairia veementemente a premissa da laicidade da República Federativa do Brasil, que prevê que nenhuma religião seria privilegiada em detrimento das outras.

Agravando essa situação, a então governadora Wilma Maria Faria (PSB), no momento da assinatura da lei em 06 de dezembro de 2006, disse: “Isso ajudará os fiéis a comparecem em massa aos lugares dos massacres” e complementando disse o então Arcebispo de Natal Dom Matias Patrício de Macêdo: “O feriado contemplou uma aspiração da Igreja e favorece a presença dos fiéis na festa dos mártires”. Numa reportagem posterior dada ao Jornal Tribuna do Norte, o Estado do RN, expôs:

“Que o Morticínio de Cunhaú se deu em 16 de julho de 1646, no engenho de Cunhaú, localizado na Capitania do Rio Grande, onde houve a morte de vários portugueses, inclusive alguns padres católicos, ocorrido dentro da pequena igreja de Cunhaú,

tendo como autores deste crime os índios tapuias a mando dos holandeses calvinistas, tudo por uma questão religiosa. Sendo assim este é um fato de grande importância para a história potiguar.”

(LIMA, 2009, p. 11).

Enfim, a tese de massacre religioso culminou numa imensa transformação histórica e cultural acerca dos massacres aqui realizados no Período Holandês, cuja narrativa somente enfatiza o lado religioso e deixa em segundo plano o contexto histórico.

Portanto o que realmente ocorreu não foi uma perseguição religiosa e nem comandada pelos holandeses, porque as suas leis protegiam os portugueses mesmo que estes fossem católicos e sim uma vingança dos indígenas comandados diretamente por Jacob Rabe, em retaliação às atrocidades cometidas pelos portugueses no início da colonização do Novo Mundo, em especial na Capitania do Rio Grande, Pernambuco e Paraíba.



CAPÍTULO 2
ENGENHOS

“Se o Papa soubesse! O gosto
que a Murim tem!

Deixava o papado em Roma!

E vinha beber aqui”!

(Autor desconhecido).

Inicialmente, o termo designava apenas o local de fabricação do açúcar, ou seja, a Casa da Moenda e a de Purgar, com o tempo passou a ser todo o complexo que envolvia a produção açucareira, sendo agora, canaviais, Casa Grande, senzala e as casas dos colonos, o engenho.

O primeiro engenho no Novo Mundo foi em 1532, edificado por Martin Afonso de Souza na Capitania de São Vicente, chamado Engenho do Senhor Governador, depois São Jorge dos Erasmos, e a cana que o abastecia vinha da ilha da Madeira.

Em 1542, surgiu o primeiro engenho no nordeste, na Capitania de Pernambuco, o engenho Nossa Senhora da Ajuda, depois Forno de Cal, fundado por Jerônimo de Albuquerque, o Torto.

Em 1580, eram 115 engenhos distribuídos pelo litoral brasileiro, que no auge, produziram juntos cerca de 300 mil arrobas, aproximadamente 4,5 toneladas de açúcar.

INSTALAÇÕES

Casa da moenda:

Local onde a cana era esmagada, sendo classificada em:

Real: acionada por um canal de água;

Trapiche ou almanjarra: movimentada pela tração animal;

Manual ou engenhoa: tracionada pela força de escravos.

Casa de purgar:

Espaço onde o caldo era fervido e purificado e depois de solidificado era quebrado e vendido.

ORGANOGRAMA DO ENGENHO





Fonte: <http://www.cerescaico.ufrrn.br/rmnaweb/historia/colonia/engenhos.htm>. Acesso em: 01.jul. 2015.

Figura 12 - Engenho Cunhaú.

Foi o primeiro engenho real construído na Capitania do Rio, em meados do século XV e edificado na ribeira de Piquery, no rio Cunhaú. (SOVERAL, [s.n,d.]).

Foi também o primeiro núcleo populacional da cidade de Canguaretama/RN e da região hoje conhecida por Microrregião do Litoral Sul.

Foi fundado por Jerônimo de Albuquerque Maranhão, “O Conquistador do Maranhão”, que nasceu a 1548, na Vila de Olinda, terceiro do fidalgo português Jerônimo de Albuquerque, o Torto, com Maria do Espírito Santo Arco Verde, antes a indígena, Tabira, filha do cacique Tuixaua Ubira Ubi. (WILSON, 2015).

Jerônimo de Albuquerque Maranhão casou-se com Catharina Pinheiro Feijó, com quem teve: Antônio e Matias de Albuquerque Maranhão.

Segundo Maranhão (2001),

“Em 17 de junho de 1614, Jerônimo foi nomeado capitão da conquista do Maranhão depois de obter uma vitória sobre a França que dominava a Capitania a quem derrotou em 19 de novembro de 1614, sendo então o “Conquistador do Maranhão”, acrescentado o agnome Maranhão ao de sua Casa transmissível aos seus filhos, depois foi nomeado capitão-mor de 1614 a 1618”

O engenho Cunhaú foi doado a seus filhos, de acordo com Ginani Filho (2014, p. 03): “Jerônimo doou em 02 de maio de 1604, em forma de sesmarias, terras que mediam pelo menos 12 mil hectares, ocupando o vale do rio Cunhaú, a seus filhos Antônio e Matias de Albuquerque Maranhão”.

Por algum tempo, pairaram dúvidas sobre o local da morte do guerreiro Jerônimo de Albuquerque Maranhão, enquanto o Barão do Rio Branco, em seu livro, “Efemérides Brasileiras”, afirmava que falecera, num sábado de 11 de fevereiro de 1618, em São Luís, Borges da Fonseca, em “Nobiliarquia Pernambucana”. Sustentava que morrera no Cunhaú, no mesmo dia. A dúvida persistiu até a descoberta de uma lápide, em que havia gravada a inscrição em latim: “QUIJA O DADO JNIMODE ALBUQ. MARANHÃO” e provavelmente a data descerrada inicialmente, “Sábado, 11 de setembro de 1618”, com a tradução feita pelo historiador Olavo de Medeiros Filhos: “Aqui jaz o fundador Jerônimo Albuquerque Maranhão”. (ARAÚJO LIMA, 2015).

Por sua posição estratégica a meio caminho da Paraíba o Cunhaú só foi conquistado em novembro de 1634, pelos holandeses, sendo que o engenho pertencia a Antônio e Matias, mas somente Antônio se encontrava na propriedade, que fugiu para Portugal depois.

De acordo com Medeiros Filhos (1993, p. 13):

“A sua propriedade foi confiscada e vendida ao sargento-mor George Garstman e ao seu conselheiro político Balthasar Wijntges; por 60.000 florins em 15 de junho de 1637, com 500 braças quadradas, 30 escravos e 20 juntas de boi”.

Depois foi comprado pelos flamengos Willem Beck e Hugo Graswinckel, só que em agosto de 1642, Matias Bequel, Coronel da burguesia do Recife, comprou a parte de Hugo, quando ocorreu o martírio de 16 de julho de 1645. Na época, o engenho pertencia ao português Gonçalo de Oliveira, que o adquiriu por ligações de amizades.

O engenho foi devolvido aos Albuquerque Maranhão em 1654, somente a Matias (Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Comendador da Comenda de São Vicente da Figueira na Ordem de Cristo, Cavaleiro Professor de São Bento de Aviz e Capitão-mor da Paraíba), que se encontrava na região, pois Antônio estava em Portugal, e, este por sua vez, passou uma procuração ao irmão para administrar a sua parte.

Matias reconstruiu o engenho e fez uma nova capela em frente à Casa Grande já que a anterior, que se encontrava ao lado da Casa Grande havia sido destruída pelas constantes batalhas lá ocorridas.

Em 1664, passou ao seu filho Afonso de Albuquerque Maranhão (Chefe da repressão dos indígenas do Rio Grande e Fidalgo Cavaleiro da Casa Real), que por sua vez, passou a Gaspar de Albuquerque Maranhão (Fidalgo Cavalheiro da Casa Real e Capitão-mor de Goianinha), que passou a André de Albuquerque Maranhão, o velho, (Coronel das ordenanças do Cunhaú, Tamatanduba, Arês e Vila flor), que passou ao seu filho, André de Albuquerque Maranhão, Andrezinho do Cunhaú, (Coronel das ordenanças de Cunhaú, Vila Flor, Arês e mártir da Revolução Pernambucana de 1817).

De acordo com Cascudo (2008), e Medeiros Filhos (1993): “André morreu entre 25 a 26 de abril de 1817, na pior cela da Fortaleza dos Reis Magos, por ter sido aliado da Revolução Pernambucana de 1817, na qual foi considerado mártir, por não ter tido filhos. Foi feito um inventário de seus bens que foram na época um dos maiores do Rio Grande. O inventário foi orçando em 173:592\$951 réis, as dívidas em 4:954\$258 réis, restando 168:638\$231 réis, repartindo entre os parentes, as suas 18 fazendas¹⁰², os Engenhos Cunhaú, na ribeira de Piquery do rio Cunhaú, o Graça¹⁰³, nos subúrbios da Cidade da Paraíba do Norte e o Tamatanduba, próximo da ribeira de Piquery do rio Cunhaú, foram repassadas aos seus parentes ou vendidos a terceiros.

O Cunhaú foi dividido entre os parentes, mas devido à cobiça de André de Albuquerque Maranhão Arco Verde (Coronel Dendê Arco Verde), todo o engenho foi conseguido por meio de assassinatos dos seus parentes. Ele se suicidou em 26 de julho de 1857, para evitar a humilhação de ser preso, pelo Chefe da Polícia da Província, devido aos 200 assassinatos por ele mandados, sendo assim, o Cunhaú, passado ao tutor dos seus filhos menores, ao Dr. Amaro Bezerra, esposo de sua irmã. (CASCUDO, 2008).

Devido a uma dívida contraída com o Parente Viana do Recife, o Dr. Amaro repassou o Cunhaú, em pagamento à dívida, nas mãos

102 Seriam: Timbaúba e Castelo em Malta/PB; Caiçara, Cipó, Poldrinho e Puxu em Condado/PB; Cirurgião em Frei Mulatino/PB; Luz em Caicó/RN; Trapuã e Mulungu em Currais Novos/RN; Cacimba de Cabras em Acari/RN; Pacô em Caraúbas/RN; Bom Jesus, Boa Esperança e Pituaçu em Campo Redondo/RN; Graça em Paraú/RN; Olho d’ Ilha, em Ipanema/RN; Santa Rosa em São Tomé/RN, mas não se sabe se continua com o mesmo nome da época de Andrezinho do Cunhaú. (MEDEIROS FILHO, 1993, pág. 44 a 55).

103 Atualmente na cidade de João Pessoa/PB, no Bairro do Índio Piragibe, atual Fazenda Graça, ainda existe a capela de Nossa Senhora da Graça, tombada pelo IPHAN em 30 de abril de 1938, e entre junho de 2009 a abril de 2011, foi restaurada pela Oficina-Escola de João Pessoa e pela fábrica de cimento Cimpor, num investimento da ordem de R\$ 977.576,42 reais.

de Viana, o qual passou a Francisco Bessa e Francisco Neri, que por sua vez, passou aos irmãos Fabrício e Alberto Maranhão. Em 1925, foram adquiridas por Manoel Ottoni Araújo Lima, a área em que ficaram as ruínas da majestosa Casa Grande e as da capela de 1654.

Próximo foi feito um engenho que produziu muito, mas em 11 de fevereiro de 1930, morreu Manoel Ottoni, passando o engenho a Octavio Lima, que o modernizou e acabou morrendo em abril de 1953.

Dessa forma, a propriedade foi subdividida entre os seus filhos, sendo um deles, Hugo Lima, o qual comprou as partes dos irmãos, tornando-se o único dono.

Em 03 de dezembro de 1969, moeu pela última vez e a safra de 500 sacas vendida em 1970, porque houve uma enchente no rio Cunhaú que desviou o seu leito, e, em 25 de agosto de 1996, morreu, Hugo Lima. Desde a sua morte, a fazenda é gerenciada pela sua esposa a D. Darcilia e os filhos, na fazenda viviam 08 famílias, cerca de 30 pessoas, que se dedicavam à produção de cana, ao gado e à agricultura.

Para se chegar ao antigo engenho é necessário ir para a RN 269 e depois seguir as indicações para a atual Fazenda Cunhaú.

ILHA DO MARANHÃO



Fonte: <http://museudoagreste.blogspot.com.br/2014/05/ilha-do-maranhao-canguaretama.html>. Acesso em: 01. Jul. 2015.

Figura 13- Ruínas da Casa Grande e do bueiro.

Ficava situada na atual BR 101, altura do KM 167, sentido Natal/RN-João Pessoa/PB e seu fundador, ao que tudo indica teria sido o Comendador Antônio Albuquerque Maranhão Cavalcanti, que o construiu na segunda metade do século XIX. (CASCUDO, 2008).

Em 1850, o Comendador Antonio era Sr. tanto da Ilha do Maranhão como de Tamatanduba.

Sobre o porquê do nome, diz, Silva (2014, p. 40):

“Devido a sua localização em área de paus, e por encontrar em constantemente ilha- do pelos alagamentos provenientes dos transbordos dos rios Outeiro e Cunhaú, o engenho recebeu o nome de Ilha do Maranhão, o seu acesso se dava através do rio Cunhaú.”.

Em 1857, esse engenho possuía uma capela, consagrada à Sagrada Família, onde ocorreu o casamento da D. Maria Umbelina

de Albuquerque Maranhão “A Ressuscitada do Cunhaú”, com o Capitão José Anacleto Matos, influente chefe político e autoridade municipal da Vila Flor.

Em 1896, a sua Casa de Moenda pegava a cana do Cunhaú, devido a moenda ter sido vendida pelo Dr. Amaro Bezerra, peça por peça, em Recife/PE.

Em 1910, foi instalada a Usina Maranhão, primeira no estado na produção em larga escala do açúcar refinado. A usina pertencia a Fabrício Maranhão & Companhia. Trabalharam 75 operários, mas em pouco mais de duas décadas, foi desativada, voltando a ser utilizado o engenho que continuou produzindo mel e açúcar, até 1940.

Nesse período, ao que tudo indica, foi plantado um cruzeiro de trilhos ferroviários, fincado por Pio Pães Barretos, após uma filha ter sonhando que acharia uma imagem de São Geraldo num local específico. No dia seguinte, foram eles a cavalos para o lugar onde estaria a imagem. A partir de então, esse local ficou conhecido como Alto de São Geraldo, e a imagem foi doada na década de 50 para a antiga capela do engenho Torre, que era consagrada ao santo. (SOVERAL; [s.n.d.]).

Em 1930, o engenho era administrado pelo sobrinho distante de Fabrício Maranhão, o Sr. José de Albuquerque Maranhão¹⁰⁴, “Zé Maranhão”.

Em meados de 1940, com o declínio do engenho, a propriedade foi vendida a Targino Pereira da Costa (Coronel Gino), que por sua vez, repassou para a filha que se casou com o Sr. Manuel Morais, como presente de casamento, que o vendeu em 1953, à um ignorado do Recife que por sua vez arredou a Usina Estivas. (SILVA; 2014).

104 O seu sobrenome ilustre não descende diretamente ou indiretamente da antiga Casa de Cunhaú, mas sim de um grau longínquo do tronco de Amaro Barreto.

Atualmente, a Usina Estivas usa essas terras para o plantio de cana de açúcar, e, da época áurea da Usina, só restam as ruínas¹⁰⁵ do armazém, do bueiro e da casa da moenda, que segundo muitos historiadores e fotógrafos, estão entre as mais belas de todo o estado do Rio Grande do Norte.

105 Aparentemente não é tombada pelo IPHAN, nem pela Fundação José Augusto, muito menos por lei municipal de Canguaretama/RN, atual.



Fonte: <http://muscudoagreste.blogspot.com.br/2014/05/murim-canguaretama-rn.html>. Acesso em: 01 jul. 2015.

Figura 14 - Atual feição do engenho.

Inicialmente erguido por José Inácio do Largo em data ignorada do século XIX, o engenho produzia açúcar e mel, mas o produto mais famoso foi a cachaça Murim. Um poema dizia: “Se o Papa soubesse! O gosto que a Murim tem! Deixava o papado em Roma! E vinha beber aqui!”.

Alexandre Mulatino reconstituiu o engenho na margem direita do rio Galondi, além da margem do rio Murim, passando a sua margem direita em 1919.

Segundo Câmara Cascudo, a sua grafia não está correta sendo o verdadeiro topônimo Monim de mo-mim, o enrugado, encrespado, ondedado.

Em 1991, João Moreira Cordeiro Castelo Branco possuiu sobras de terras em Vila Flor desse engenho ou do Jiqui. (SOVERAL; [s.n,d]).

Nos dias de hoje é conhecido por Fazenda Murim, pertencente à atual vice-prefeita da cidade de Canguaretama/RN, a Sra. Fátima Moreira, que utiliza essas terras para agricultura de subsistência e comercial, aliada à criação de animais domésticos.

Para se chegar ao antigo engenho, é necessário ir em direção à Rua Lindolfo Sales, que fica próxima ao centro de Canguaretama/RN e depois seguir as orientações da comunidade local.



Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/94898066>. Acesso em: 01 jul. 2015.

Figura 15 - Tacho da antiga Casa de purgar.

Lugar do junco, erguido por Sebastião Policarpo de Oliveira,¹⁰⁶ na primeira metade do século XIX, na margem direita do rio Gramació, distante meia légua do centro da Vila Flor.

Era reconhecido pela qualidade de seu mel e açúcar, resultado de uma combinação de solo e cana, que era comercializado diretamente em Recife/PE, onde tinha reputação invejável.

As negociações eram feitas no Porto¹⁰⁷ da Barra do Rio Cunhaú, onde era embarcado.

Depois da morte de seu fundador, em 1886, o engenho passou pra seu filho Joaquim Adolfo de Oliveira e depois pro seu neto Francisco Adolfo de Oliveira.

Por volta dos anos 50 e 60, o engenho passou para as mãos do capitão Juvêncio Cordeiro dos Santos, já que ele se casou com a herdeira do engenho, a D. Maria Rosário.

106 Pertencente ao partido conservador, nasceu no engenho Paul em 1812 e por estar descontente com a política, rasgou o título de eleitor, falecendo em 1886, em Vila Flor. (BARRETO; 1985).

107 O Porto do Francês era muito utilizado pelos engenhos da região do antigo Vale do Cunhaú para o escoamento de seus produtos e neste local foram enterradas muitas botijas.

Já nos 70, o engenho foi comprado por Luiz Antônio Barbosa, mas já estava de “fogo morto” desde algum tempo.

Porém, foi feita em 1975, uma última tentativa para voltar à fábrica o mel e o açúcar. Um mestre de açúcar foi trazido de Pernambuco e toda produção foi embalada e estocada, mas por um problema não explicado, o mel fermentou e toda a produção foi perdida, e desde então, o engenho parou definitivamente de funcionar e suas peças foram vendidas como sucata. (SOVERAL; [s.n,d]).

Atualmente, o engenho é conhecido por Fazenda Juncal, pertencente a Luiz Antônio Barbosa, quanto à finalidade econômica atual, é utilizada para a pecuária e a agricultura de subsistência.

Para se chegar ao antigo engenho, é necessário ir para a RN 269, e ao chegar no centro de Vila Flor/RN, é conveniente depois seguir as orientações dos moradores locais.



Fonte: <http://museudoagreste.blogspot.com.br/2014/05/engenh0pituaçu-em-canguaretamario.html>. Acesso em: 01 jul. 2015

Figura 16 - Casa Grande do engenho..

Construído na margem direita do rio Pituaçu¹⁰⁹, fundado pelo português Manoel Antônio de Medeiros, em 1870, nesta mesma época foram fundados vários outros engenhos na Vila de Canguaretama.

Em 1918, o português Manoel Luiz Gomes¹¹⁰ comprou o Pituaçu¹¹¹, por 100 contos¹¹² de reis a José Parente Viana e depois, por herança, foi passado para Joaquim Gomes Sobrinho, casado com a sua filha Ana Augusta Gomes (Donana), sua prima direita.

Entre os anos de 1926 a 1927, houve a construção da Casa Grande, a única na região que possui um sobrado, e que não possui uma capela ou um cruzeiro.

Nas décadas de 40 a 50, surge nas redondezas a Usina Estivas, decretando assim, a falência de vários engenhos nos municípios de Canguaretama, Goianinha e Arês. Contudo, o engenho Pituaçu

108 De acordo com Carvalho (2014).

109 Na língua geral, tupi, Camarão Grande.

110 Chegado a Vila de Canguaretama, possivelmente em 05 de novembro de 1877.

111 Aparentemente não é tombada pelo IPHAN, nem pela Fundação José Augusto, muito menos por lei municipal de Canguaretama/RN, atual.

112 Em valores atuais seria a quantia aproximada de R\$ 12.000,00 reais.

ainda consegue sobreviver a essa situação devido à excelente administração de Joaquim.

Entretanto, no início dos anos 60, já sob a administração do José Luiz Gomes, filho de Joaquim e Donana, a crise do açúcar mascavo se instala definitivamente e em 1966 o Pituauçu passa a ficar de fogo morto, ocasião em que nasce Eduardo H. Gomes de Carvalho, filho de José Geraldo de Carvalho e Marília Gomes de Carvalho, representante da quinta geração da família Gomes no engenho Pituauçu.

Após esse período, o prédio em que se produzia açúcar bruto e aguardente é esquecido e na década de 70 a moenda é vendida. Dessa forma, durante a administração de José Luiz Gomes, a produção de cana-de-açúcar da propriedade passa a ser vendida para a Usina Monte Alegre, no estado da Paraíba e para compensar a renda anteriormente advinda da produção dos típicos produtos dos engenhos, entra assim, em maior intensidade a produção de coco, a agricultura de subsistência e a criação de bovinos e equinos.

Após mais de três décadas de decadência física da sede do engenho como um todo - prédio do engenho, casa de purgar e casa-grande - em janeiro de 1989, ao se formar em agronomia, Eduardo Gomes de Carvalho inicia um processo de resgate da história das cinco gerações anteriores da sua família materna (Gomes), ou seja, desde a vinda de Portugal do seu trisavô, Manoel Luiz Gomes, até a sua geração, escrevendo o livro “Pituauçu: minha vida”, que resgatou toda a saga do engenho Pituauçu e da família Gomes na formação do município de Canguaretama, sendo o referido livro distribuído somente para a família e amigos do autor.

No ano de 2000, sob a administração de Eduardo Gomes de Carvalho, juntamente com seus pais, Jose Geraldo de Carvalho e Marília Gomes de Carvalho, foi instalada novamente uma moenda no engenho Pituauçu, tendo o prédio do engenho sido restaurado

e mantidas todas as suas características originais, assim como a casa de purgar e casa-grande, voltando o antigo engenho a possuir seu conjunto arquitetônico com a mesma beleza que sempre o caracterizou.

Atualmente, vinte e cinco anos tendo se passado após o início da detalhada restauração do engenho Pituaçu, por meio de seus atuais proprietários Eduardo e Marília Gomes de Carvalho, o velho engenho segue de fogo aceso, fabricando mel e simbolizando um passado de opulência e se apresentando como o único exemplar sobrevivente no estado do Rio grande do Norte a possuir o conjunto casa-grande, engenho e casa de purgar mantendo todas as suas características originais e em plena produção.

A sua principal entrada é na BR 101, sentido João Pessoa/PB-Natal/RN, altura do KM 164.



Fonte: <http://www.consciencia.org/producao-de-acucar-no-nordeste-geografia-brasilera>. Acesso em: 01 jul. 2015.

Figura 17 - Insinuação artística de uma Casa de purgar.

Essas terras pertenciam aos índios da aldeia anterior a Missão de Gramació, a localização se dava na margem direita do rio Gramació, sendo que a terra foi aflorada por Dom Pedro II no século XIX.

Provavelmente pertenceu ao Padre José de Matos Silva, no século XIX, que poderá ter sido o fundador.

O engenho teria produzido açúcar e mel em uma fase muito remota do passado do século XIX, e seu principal produto foi a aguardente Angelim.

Posteriormente foi vendido a Severino Elias que passou a seu filho André Elias. Já em 1969, foi herdado por Abel Manoel Vieira.

Nos anos 80, foi herdado por Manoel Vieira Silva Filho (Maneco). (SOVERAL; [s.n.d]).

Hoje essa terra pertence à Usina Estivas, que usa para o plantio de cana de açúcar. Sua localização é na RN 269, em direção à cidade de Vila Flor/RN.



Fonte: http://impressoesmundanas.blogspot.com.br/2013_02_01_archive.html. Acesso em: 01 jul. 2015.

Figura 18 - Idealização artística de uma Casa Grande.

Localizava-se a três quilômetros a sudoeste da confluência dos rios Cunhaú e Pituacú. Por ser de pequeno porte, já no século XX, se encontrava de “fogo morto”.

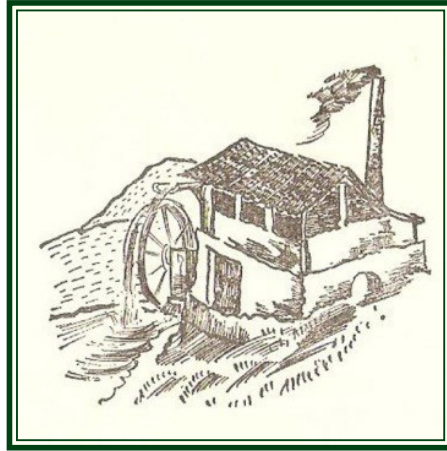
Foi nesse engenho que nasceu Sebastião Policarpo de Oliveira, ilustre deputado liberal da Vila Flor e representante da família Fagundes.

Em 09 de dezembro de 1896, nasceu nesse engenho, Antônio Gomes Rocha Fagundes, o “Professor Fagundes”, filho de Pedro Regalado da Rocha Fagundes e de Leonor Miguelina Rocha Fagundes, que foi um dos fundadores da Academia Nortério-grandense de Letras, ocupando a cadeira de nº14, cujo patrono da cadeira é Joaquim Fagundes, também jornalista, médico, escritor.

Há quem diga que nessa região após um massacre desconhecido, foram enterradas 100 pessoas, ou, que no próprio engenho existe um cemitério soterrado atualmente. (BARRETO; 1985).

Sua atual localização é contraditória, pois há possibilidades que poderia ser na atual bifurcação da estrada do município de Vila Flor/RN com o distrito de Barra do Cunhaú-Canguaretama/RN, na RN 269, terra atualmente pertence à Usina Estivas que a usa para conservação da Mata Atlântica.

A outra possibilidade é que poderia ter sido edificado próximo ao atual distrito de Piquiri-Canguaretama/RN, na confluência dos rios Cunhaú e Pituaçu.



Fonte: <http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopedi-a/Nordeste/>. Acesso em: 01 jul. 2015.

Figura 19 -Alusão a uma Casa da moenda.

Fundado por Joaquim Homem de Siqueira Cavalcanti Filho,¹¹³ em um ano ignorado dos séculos XIX a XX, sua moenda era movimentada por um canal de água, sendo assim um engenho real.

Foi nele que nasceu Homero Homem de Siqueira Cavalcanti a 05 de Janeiro de 1921, um escritor¹¹⁴, poeta e jornalista premiado fora do país e dentro do Brasil. (SOARES; 2014)

Entre 1968 e 1976, foi professor da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Como jornalista, deu seus primeiros passos ainda no Rio Grande do Norte, para, em seguida, vir a atuar intensamente na imprensa carioca bem como em jornais de quase todo o país. Foi redator

113 Foi o décimo Juiz de direito e Promotor da Comarca de Canguaretama, no período de 1897 a 1913, entre 1923 a 1924, foi intendente de Canguaretama, sendo o sexto, de ter sido dono da Salina Conceição de Soledade no início do século XX. (BARRETO; 1985).

114 Autor de *Cabra das Rocas* (1966); *Menino de Asas* (1989), entre outros, livros e poesias. (CID; 2015).

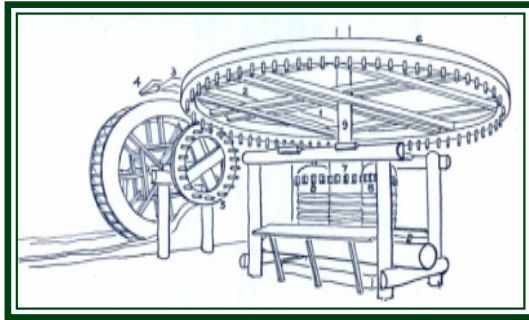
político e repórter especial do Diário de Notícias, além de colaborador literário desse matutino.

Trabalhou no Estado de São Paulo, Manchete, Última Hora, Revista do Globo e Leitura, etapas posteriores de sua atividade na imprensa. Estreou na literatura em 1954, com um longo poema em prosa intitulada: A cidade, suíte de amor e secreta esperança. Alternando-se depois entre a poesia, o romance, o ensaio e o conto, percorreu caminhos de uma carreira muito bem-sucedida, louvada pela crítica e valorizada por expressivos prêmios literários.

Entre, eles, destacam-se: Prêmio Alphonsus de Guimaraens, do INL-MEC, entre outros. Faleceu em 17 de julho de 1991 no Rio de Janeiro. (CID; 2015).

Atualmente é uma comunidade administrativamente pertencente à Canguaretama/RN e territorialmente à Goianinha/RN.

Para se chegar ao antigo engenho é necessário ir para a Comunidade do Catuzinho, localizada entre os municípios de Canguaretama e Goianinha/RN e pedir informações aos moradores.



Fonte: (A; [s.n.d.]).

Figura 20 – Representação de uma moenda real.

Localizava-se há um quilometro ao sul do atual povoado de Piquiri e a metade deste da margem esquerda do rio de mesmo, do qual recebia água por meio de um canal artificial, portanto, um engenho real.

Provavelmente seu fundador foi José Clementino de Holanda, que passou de herança para seu filho Ozório Chaves de Holanda. (SOVERAL; [s.n.d.])

Próxima a essa terra em 1882, foi construída uma estação¹¹⁵ ferroviária, pertencente à Companhia Ferroviária Brazil Rail Way Campany. Essa estação foi muito útil para o traslado de açúcar da região. (SILVA; 2014)

Em algum momento da segunda metade do século XX, Ozório Chaves tentou cobrar uma taxa de ocupação pelas terras, pois estava sendo ocupada desde 1930, pelos trabalhadores dispensados dos engenhos da região, entretanto, os moradores não aceitarem tal disparate.

115 Da sua estrutura original, só resta uma caixa d'água que está se deteriorando, devido à ineficiência da conservação dos órgãos de preservação histórico-cultural do país, pois aparentemente não é tombada pelo IPHAN, nem pela Fundação José Augusto, muito menos por lei municipal de Canguaretama/RN, atual.

Em 1954, foi vendida a Usina Estivas, mas as terras foram doadas aos moradores ali alocados devido à resistência de deixar o povoado e assim fundando, o atual povoado de Piquiri. (GALVÃO NETO; 2005).

Nos dias de hoje, o engenho já não se encontra intacto, mas, para se chegar a ele é necessário ir para a RN 269 até chegar ao distrito de Piquiri-Canguaretama/RN e depois seguir as orientações dos moradores.



Fonte: <http://franciscoquiaca.blogspot.com.br/2013/12/casagrande-do-engenho-cruzeiro-em.html>. Acesso em: 01 jul. 2015.

Figura 21 - Atual feição da Casa grande.

Talvez tenha sido edificado pelo Coronel Avelino Alves Freire, numa data desconhecida entre o fim do século XIX para XX, ao lado do Engenho Cunhaú.

Pelo que se parece, a escola, a capela e o cruzeiro foram pedido por seu filho João Emilio Freire, que para isso teve que demolir o engenho que era movido por água, para usar os tijolos nas construções.

Em aproximadamente 09 de abril de 1961, o Dr. Hermano Augusto de Almeida, ex-prefeito de João Pessoa/PB, comprou o engenho por 05 milhões de cruzados¹¹⁷ de João Emilio Freire.

A capela se encontrava em ruínas só com duas paredes e após algumas escavações foram descobertas duas ossadas humanas, uma delas poderia ser a do próprio Coronel Avelino Alves Freire¹¹⁸, que foi entregue aos descendentes do fundador do engenho, residentes no Rio de Janeiro/RJ.

116 De acordo com Almeida (2014).

117 Aproximadamente em valores atuais: R\$ 18.182 reais.

118 Não se sabe se era realmente o Coronel Avelino, pois a família não fez um teste de DNA.

Neste período, a família Almeida morava na casa em que era a escola feita por João Emilio, que já não se encontrava em funcionamento há certo tempo, mas ali próximo foi edificada outra escola¹¹⁹.

Nos anos de 1980, necessitando nivelar a área onde anteriormente era a capela, mandou aterrâ-la onde construiu um jardim e a sua atual Casa Grande, cuja estrutura interna foi feita em forma de um cruzeiro e do antigo dono, se aproveitou o rico mobiliário inglês, que era um espelho de cristal com detalhes de javali e uma mesa de madeira sólida com outros tipos de detalhes.

A capela da época do engenho foi soterrada, sendo atualmente embaixo da piscina, mas próximo a ela se fez outra capela, agora com uma arquitetura do século XXI, ainda consagrada a São Francisco de Assis.

Sobre o cruzeiro, foi por causa deste que se deu o nome de Cruzeiro, ao engenho e agora fazenda, se encontra ainda com o de madeira, mas devido à deterioração natural, se encontra agora apoiada numa estrutura de concreto em formato piramidal.

Atualmente, a terra ainda pertence ao Dr. Hermano Almeida que a usa para agricultura aliada à pecuária e outra parte para um parque de vaquejada.

Para se chegar à fazenda, é necessário ir para a RN 269.

119 Escola Municipal “Eulina Pragano de Almeida”. Eulina Almeida nasceu em Guaratiba /PB a 06 de julho de 1892, filha de José Álvares Pragano e Tereza Toscano Pragano, fez o antigo curso primário na própria cidade depois foi nomeada como professora. Casou-se, no dia 6 de junho de 1912, com Augusto Almeida, e teve com ele: Ney Almeida, Daura Brayver, Carmem Ferreira, Vanda Ferreira, Mirtes de Sobreira, casada com Ivan Bichara Sobreira (ex-governador da Paraíba), Hermano Augusto (ex-prefeito de João Pessoa /PB e advogado), Alba Lúcia Marques e Augusto Filho. Eulina Pragano faleceu em 29 de julho de 1980. (JACOME BARRETO; 2015).



CAPÍTULO 3
CAPELAS

“QUIJA O DADO JNIMODE
ALBUQ. MARANHÃO:
Aqui jaz o fundador Jerônimo
de Albuquerque Maranhão”.
(Autor desconhecido)

Ca hierarquia dos templos católicos existem três edificações sagradas: as catedrais que são as principais das dioceses, as igrejas que são as principais das Paróquias, sendo uma delas a Igreja Matriz, e as capelas, que habitualmente não há missas, mas festividades.

Normalmente, as capelas são espaços para atendimento religiosos de grupos específicos de pessoas ou de comunidades [religiosas](#) e tradicionalmente são encontradas em aldeias, colégios, universidades, presídios, conventos, quartéis, castelos e fazendas.

ETIMOLOGIA DA PALAVRA

A palavra “capela” provém da cappella (ou manto) de São Martinho, a relíquia mais sagrada dos reis francos, sobre o qual se faziam os juramentos e que era levado à frente das tropas em batalhas.

Os seus guardiões eram os cappellani e o santuário no qual se guardava era a cappella, por isso, veio a ser designação de um prédio religioso, inclusive o seu mobiliário, isto é, tudo o que fosse necessário para o culto de um rei ou nobre.



Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/90034121>. Acesso em: 01 jul. 2015.

Figura 22 - Capela de São Geraldo.

Construída em 1912, por Joaquim Manoel de Carvalho, dono do Engenho Torre, para ser a capela do seu engenho, ela foi consagrada a São Geraldo.


A capela¹²⁰ possivelmente foi concluída em 1920, pois há na sua fachada a inscrição “920”, concluída por Francisco Olímpio de Carvalho e Silva, dono do Engenho Torre.

Em 1945, durante o I Congresso Eucarístico Paroquial, foi doada por José de Carvalho e Silva, em favor da Paróquia de Canguaretama, assim foi escolhida como símbolo do I Congresso Paroquial da Paróquia de Canguaretama. (JACOME BARRETO; 2015).

Na década de 50, a imagem do padroeiro foi doada por Pio Pães Barreto, após ter sido encontrada pela filha em um sonho, na Usina Maranhão, no alto de São Geraldo.

O seu cruzeiro foi plantado em 1957, por um missionário de nome ignorado, e nos anos de 1980, foi substituído por um de concreto. (SOVERAL; [s.n,d]).

120 Aparentemente não é tombada pelo IPHAN, nem pela Fundação José Augusto, muito menos por lei municipal de Canguaretama/RN, atual.



Atualmente, se encontra no bairro da Lagoa de São João, e a sua manutenção é feita pela Paróquia de Nossa Senhora da Conceição.

NOSSA SENHORA DAS CANDEIAS



Fonte: <http://historiarn.blogspot.com.br/>. Acesso em: 01 jul. 2015.

Figura 23 - Capela do massacre de 1645.

Está encravada na atual Fazenda Cunhaú, antigo engenho de mesmo nome.

A capela que se possui na atual Fazenda Cunhaú, ao que tudo indica não é a do massacre de 16 de julho de 1645, mas sim outra edificada por Matias de Albuquerque Maranhão, de frente à Casa Grande, em 1654, já que a anterior havia sido destruída na reconquista do engenho.

Acredita-se que a capela onde ocorrera o massacre está atualmente soterrada do lado esquerdo da extinta Casa Grande.

Durante quase 300 anos, os arredores da atual capela do Cunhaú serviram como cemitério aristocrático dos Albuquerque Maranhão e de alguns moradores de estima da mesma. (SILVA; 2014).

Nas palavras de Cascudo (2008, p. 90):

A capela do Cunhaú tem 18,75 de comprimento por 7,36 de largura e 5,97 de altura. Na face posterior mede 9,15. As paredes vão de 60 a 75 centímetros de espessura. Há uma janela alta, a oeste, uma seteira na capela-mor, três portas, a principal ao

sul, a da sacristia a oeste e uma a leste, defronte da primitiva casa-grande.

O sino de ouro e o cruzeiro de ferro dela foram transferidos para o Engenho Outeiro, em 1877, pelos freis Guardioso e Herculano, na intenção de espantar um demônio reclamado pelos colonos.

Em 1890, o seu telhado foi vendido em Recife, para cobrir uma estribilha no Engenho Outeiro, e em 1896, foi quase totalmente destruída pelos filhos do Coronel Dendê Arco Verde, que estavam à procura das suas botijas¹²¹. Dessa procura, sobraram só as paredes e o fronte totalmente destruída da capela tricentenária.

O historiador Câmara Cascudo em fevereiro de 1934, após visitar o engenho, levantou a voz em prol do tombamento das ruínas da capela, que foi homologado pelo IPHAN trinta anos depois, no dia 17 de dezembro de 1964. (CASCUDO; 2008).

Em meados de 1980, os Drs. Paulo Fernando de Albuquerque Maranhão e Luiz Emygdio de Melo Filho, descendentes diretos da antiga Casa de Cunhaú zelaram pela restauração da capela. Sobre isso fala Oliveira (2003, p. 49):

Foi organizado um convênio entre o Ministério da Cultura, a Fundação Nacional Pró-Memória, a Fundação Roberto Marinho e o Governo do estado em 1980 para a restauração, a sua entrada para o público foi em 15 de fevereiro de 1986.

De acordo com Galvão Neto (2013, p. 50): “A Revista Veja, em sua edição de 09 de dezembro de 1998, criticou a restauração da capela que apagou as marcas: ‘foi como apagar o Santo Sudário’”.

121 Recipientes onde eram colocados moedas de ouro, prata, cobre ou qualquer outro objeto valioso, para que depois fossem enterrados em locais escondidos, afim de evitar roubos.

Encontra-se no pé do retábulo¹²² dela, a Lápide do Letreiro de Jerônimo de Albuquerque Maranhão “O conquistador do Maranhão”, onde havia gravada a inscrição em latim: “QUIJA O DADO JNIMODE ALBUQ. MARANHÃO” e provavelmente a data que foi descerrada, “Sábado, 11 de setembro de 1618”. A tradução foi feita por Olavo de Medeiros Filho: “Aqui jaz o fundador Jerônimo de Albuquerque Maranhão”, que para desvendar os dizeres usará giz branco. (ARAÚJO LIMA; 2015)

Sobre a imagem de Nossa Senhora das Candeias¹²³, que afirmam ter presenciado o massacre de 16 de julho de 1645, é uma imagem contraditória, pois alguns moradores mais velhos dizem que essa imagem foi trazida de Mamanguape/PB, por um Padre¹²⁴, e depois divulgada como se fosse a que presenciou o massacre. (CÂMARA; 2012).

Por se encontra numa propriedade privada, a entrada na capela é permitida pela atual família proprietária, os Araújo Lima, até as 18h00min, entretanto, quando há grandes eventos religiosos o horário é estendido.

A sua manutenção é feita pelos donos da fazenda, aliada às doações feitas pelos visitantes ao adentrar na capela, e quando chega a data de 16 de julho, a Prefeitura de Canguaretama/RN disponibiliza alguns recursos para a sua manutenção, todo domingo dos meses correntes do ano, a partir das 10h30min, ocorre uma missão no seu interior.

Para se chegar à capela é necessário ir para a RN 269 e depois seguir as indicações para a Capela dos Mártires.

122 Construção de mármore ou de outro material que fica embaixo do altar-mor tradicionalmente e encerra-se em baixo-relevo.

123 Está atualmente na Casa Paroquial da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.

124 Provavelmente o vigário Leôncio Fernandes da Costa ou um outro pároco ignorado. (CÂMARA; 2012)

NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES



Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/109906173>. Acesso em: 01. jul. 2015.

Figura 24 - Fachada da capela.

Não há registros sobre sua fundação, mas acredita-se que foi feita antes de 1822, pelo fato de haver “escola rudimentar”, quando existia no distrito uma escola organizada pelos jesuítas. (SOVERAL; [s.n,d]).

O cruzeiro, assim como a capela, não há data conhecida, mas este poderá ter sido plantado antes de 1822, mas em 1988, foi trocado por um de concreto.

Poucos dias antes do I Congresso Eucarístico Paroquial, realizado entre 01 a 03 de outubro de 1945, a imagem da padroeira de Canguaretama foi levada de barco até o porto da Barra, depois levada em procissão até a capela da comunidade da Barra. Segundo alguns moradores, ela teria sido levada para a capela devido ao pedido de um tal Sr. Emídio.

Essa capela possui uma imagem sacra rara que deveria ser tombada e restaurada pelo IPHAN, a imagem da Madona da Conceição¹²⁵, que mede cerca de 90 centímetros, esculpida em madeira que apesar da estética grosseira é uma imagem sacra de expressiva beleza e de valor artístico imprescindível. (BARRETO; 1985)

125 Originária possivelmente do século XVIII. (BARRETO; 1985).

A capela fica no atual distrito de Barra do Cunhaú-Canguaretama/RN, na RN 267, e a sua manutenção é feita pela Paróquia da Sede.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2015.

Figura 25 - Atual fachada da capela.

Encontra-se no bairro Sertãozinho, próximo à Escola Estadual Guiomar de Vasconcelos, uma capela que levou 80 anos para chegar à forma que é hoje.

Mas a própria Paróquia de Canguaretama nunca tomou alguma posição a respeito dela. O maior exemplo disso é que a colocação da cruz, a sua substituição por uma de concreto e a construção da capela, foram atitudes que partiram da própria comunidade próxima.

No início, era somente uma cruz de madeira colocada para sinalizar a morte ocorrida em 1912, do jovem José Lucas da Silva¹²⁷, que foi atropelado pelos troles da Companhia Ferro Carril de Canguaretama¹²⁸. Este foi o único acidente da História da Companhia ferroviária em Canguaretama/RN.

¹²⁶ De acordo com ATA (2000) e Maia (2003).

¹²⁷ Nascido em 1897, filho primogênito de Joana Lucas, começou a trabalhar cedo para ajudar num orçamento para sete pessoas. Quando morreu não houve nenhum documento no cartório falando sobre o acontecido, sendo contada oralmente a sua estória.

¹²⁸ Iniciou suas atividades em 1908, para escoar sal, açúcar, aguardente e outros produtos da região, a área a qual estava inserido era do Engenho Pituaçú, portanto, pertencia

O jovem José Lucas da Silva tinha 15 anos de idade, quando foi atropelado depois de ter saltado de seu trole para chegar logo em casa para almoçar. Ao saltar, escorregou e teve sua cabeça esmagada por outro trole que vinha.

O tempo passou e essa cruz foi trocada por uma de concreto pelo rico comerciante Abel Vieira, pela cura de sua mulher, depois de dada a sobrinha do jovem a D. Maria do Carmo, mais conhecida por Maria Lucas, depois foi erguida uma pequena cobertura para a cruz, em 1950, por Antônia Lopes da Silva, conhecida por Dona Dondon, por recomendação da comunidade que queria preservar o local sagrado.

Anos mais tarde, Josefa Herculano Quaresma, após ter alcançado sua graça arrecadou fundos para a construção de uma capela maior, mas não alcançou a quantia necessária, recorrendo assim ao seu marido, que não dispunha da quantia necessária.

Mais tarde houve outra tentativa, que deixou a estrutura original intacta dentro da nova construção, como forma de preservar a estória, infelizmente, não foi possível porque a pequena cobertura não aguentou, desmanchando-se com o início da reforma, apenas a cruz foi salva.

Em 1999, foi iniciada a construção de uma maior, consagrada a São Lucas, já que jovem lá falecido não era santo, a construção foi organizada pelas louvadoras: Diva Viana Francelina e Joselita Maria de Lima e paga pela comunidade ali residente. A nova capela foi inaugurada em 27 de julho de 2000, na missa do Padre Gilvan

ao Sr. Manoel Luiz Gomes, o transporte das mercadorias era inicialmente feito pelos trilhos da estação ferroviária por troles e bondes movidos por tração animal, mas devido às constantes quedas de faturamentos, seus trilhos foram retirados e levados para Recife, e a partir de então, os produtos eram levados sobre cambitos no lombos dos burros, e posteriormente foi substituído por dois caminhões e/ou camionetes pertencentes possivelmente ao Sr. Fernando da Barra do Cunhaú. (SILVA; 2014).

Miguel Pereira, o mesmo juntamente com a comunidade escolheram para a capela¹²⁹ recém-inaugurada o nome de Santa Cruz.

Durante a cerimônia, o Padre Gilvan, expurgou a construção sagrada com a água benta e benzeu a réplica da primeira cruz de José Lucas, que foi colocada no local do atropelamento, sendo atualmente no altar-mor da capela.

Entre os presentes nessa celebração estavam, além das Srs. Diva Francelina e Joselita Lima, a Sra. Zenilde Pereira Macena, que sempre zelou com dedicação pelo local, a D. Maria Lucas, sobrinha do jovem Lucas, o Sr. João Batista, sobrinho-neto e o prof. Francisco Galvão que fez uma explanação do acontecimento lá ocorrido, entre outros.

O jovem José Lucas atualmente é autor de milagres concedidos a inúmeras pessoas, como a graça de Romualdo Francisco Ambrósio, que teria levado um tiro na perna e nenhum médico poderia tratar desse ferimento, sua mulher devota de São Lucas, o orientou a fazer uma promessa a José Lucas, na hora não fez, mas devido às suas dores terem aumentando, fez a promessa, que trocaria a cruz de concreto colocada por Abel Vieira por uma nova. Decorrido certo tempo teve sua graça alcançada e assim a cruz foi trocada e devolvida à mãe de José Lucas, que não acreditou no milagre.

Outra graça atribuída a ele seria a cura do menino Elvis de Nascimento de 11 anos, um dos seis filhos da D. Maria das Graças Nascimento. A doença de seu filho seria um problema para respirar por causa de uma adenóide. Sua mãe o levou a um médico, que explicou que a solução seria uma cirurgia, mas por não ter recursos financeiros para tal, não fez e por isso recorreu a José Lucas, dias após, houve a cura.

129 Aparentemente não é tombada pelo IPHAN, nem pela Fundação José Augusto, muito menos por lei municipal de Canguaretama/RN, atual

Sobre a provável beatificação e canonização¹³⁰ de José Lucas, falam:

Que o processo não é algo impossível, mas não agora, por se tratar de um fato muito recente, já que os seus milagres são muitos localizadas e também por não existir conhecimento do assunto em outras cidades.

O sobrinho-neto de José Lucas, João Batista da Silva, garante que a família auxiliará no que for possível para o resgate da estória do jovem Lucas, mas não se envolveriam em nenhum tipo de processo beatificatório ou canônico, alegando duas coisas: a primeira seria que na família existe uma velha tradição que lembra que qualquer membro da família que se envolvesse diretamente no assunto teria a sua alma perdida, a segunda está ligada a uma questão de ética, pelo fato de ser da família do menino e não achar correto se envolver, entretanto estará à disposição de quem o procurar, mas não vai se envolver diretamente, pois seguiu a tradição da sua família.

Atualmente, a capela é utilizada pela Ordem dos Franciscanos para as suas celebrações religiosas e algumas vezes a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição a usar para missa.

Já a sua manutenção é feita por Diva Viana, Joselita Lima, Cleone Inácio e comunidade local.

130 Atualmente, ainda não houve nenhuma mobilização da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e nem dos fiéis visando tais processos.

SÃO CAETANO



Figura 26 - Imagem de São Caetano.

Fica do lado direito da Casa Grande da Fazenda Outeiro, é consagrada a São Caetano, sendo uma capela simples, cuja fundação ocorrerá nos anos de 1980, após as constantes enchentes dos rios ali próximos.

Foi edificada para abrigar o cruzeiro de ferro e o sino de ouro¹³¹ da capela do Cunhaú, trazida em 1877, pelos freis Guardioso e Herculano para espantar um demônio que amedrontava os trabalhadores do engenho a vapor ali instalador. (SOVERAL; [s.n,d]).

Anteriormente, o cruzeiro e o sino ficavam na base do bueiro, e nesse local, os freis faziam missas e novenas para espantar o demônio que os trabalhadores reclamavam. O cruzeiro ficou conhecido pelos colonos como “Santa Cruz” os quais levavam fitas e velas para pagar promessas e o sino era utilizado para chamar os colonos.

¹³¹ O sino foi doado à Igreja de Santa Julia, em João Pessoa/PB, pela graça alcançada da Sra. Maria Luiza Targino, após esta ter sido salvo de um naufrágio em Paris/FRA. Já o cruzeiro ficará na fazenda, mas não se sabe qual fim levou.

A procissão que trouxe os objetos sacros do Cunhaú foi a primeira na História do Outeiro. Ela foi animada pelas irmãs do Sr. Francisco Leopoldino¹³², o “Mestre Padre”, pois o mesmo foi alfabetizado pelos freis e a partir disso, tornou-se músico e devoto fiel nas celebrações religiosas locais. Depois a vida voltou ao normal, nenhuma assombração apareceu desde então. (SILVA; 2014).

A cultura popular, em especial nas músicas do Coco de Roda: ao narrar sobre o demônio do outeiro, diz: “Eu vi o negro sentado no bueiro, o danado fumaçou e o diabo caiu de cima”.

Sua manutenção é feita pela família Morais Targino, proprietária atual da fazenda.

A sua entrada é feita pela BR 101, altura do km 167, sentido Natal/RN-João Pessoa/PB, em seguida é necessário adentar no meio dos canaviais, até chegar à majestosa e antiga Casa Grande¹³³ do Engenho Outeiro.

132 Por ser negro, seu nome foi excluído dos registros oficiais da Paróquia de Canguaretama, mas na tradição popular ficou preservado, mas deixou desentendes, entre os quais, o Sr. Luís Leopoldino de Andrade, residente ainda na área.

133 Aparentemente não é tombada pelo IPHAN, nem pela Fundação José Augusto, muito menos por lei municipal de Canguaretama/RN, atual.



CAPÍTULO 4

FOLCLORE

Para conhecer um povo conheça seu folclore, pois, ele revela muito sobre aquela nação.

(Autor desconhecido)

É o conjunto de lendas, mitos entre outras alegorias populares, que são transmitidos de geração em geração. A sua origem vem do inglês “folk”: povo e “lore”: conhecimento, portanto: sabedoria popular.

LENDAS

Do latim *legenda* (aquilo que deve ser lido), as lendas inicialmente contavam histórias de santos, mas ao longo do tempo, o conceito se transformou em histórias que falam sobre a tradição de um povo e que fazem parte de sua cultura. São narrativas transmitidas oralmente pelas pessoas com o objetivo de explicar acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais, e, para isso, misturam a história e a fantasia.

As lendas vão sendo contadas ao longo do tempo e modificadas por meio da imaginação do povo. Ao se tornarem conhecidas, são registradas na linguagem escrita.

As características de uma lenda são:

1. Utiliza-se da fantasia e ficção, para explicar a realidade. Portanto, não são necessariamente verdade.
2. Sofrem alterações ao longo do tempo, por serem repassadas oralmente e receberem a impressão e a interpretação daqueles que a propagam.

MITOS

Por sua vez, são narrativas utilizadas pelos povos antigos para explicar fatos da realidade e fenômenos da natureza que não eram compreendidos por eles. Os mitos se utilizam de muita simbologia, personagens sobrenaturais, deuses e heróis. Todos estes componentes

são misturados a fatos reais, características humanas e pessoas que realmente existiram.

Um dos objetivos do mito é transmitir conhecimento e explicar fatos que a ciência ainda não havia explicado.

As características de um mito são:

1. Tem caráter explicativo e simbólico, portanto querem explicar algo.
2. Alguns acontecimentos históricos podem se tornar mitos, desde que as pessoas de determinada cultura agreguem uma simbologia que tornem o fato relevante para as suas vidas.

DEMÔNIO DO OUTEIRO



Fonte: <http://foziberpecoranera2.no.sapo.pt/>. Acesso em: 01 jul. 2015.

Figura 27 - Tradução artística de um demônio.

O engenho Outeiro, depois que foi adaptado para funcionar com um motor a vapor, os seus trabalhadores passaram a reclamar de acontecimentos sobrenaturais.

Queixavam-se principalmente de um negro que aparecia fumando nas bordas do bueiro e de berros que ouviam quando era acionada a caldeira.

Amedrontados, os trabalhadores não iam ao serviço ou não completavam as tarefas. Diziam que viam um demônio no engenho e ficavam assustados.

O dono do engenho, possivelmente o Sr. José Parente Viana, para solucionar o problema, procurou os freis Herculano e Guardioso, que pregavam na região. Eles disseram que para desaparecer com as aparições sobrenaturais do engenho, seria necessário que tocassem o sino de ouro e o cruzeiro de ferro da capela do Cunhaú, que já não eram utilizados a certo tempo, pois a capela tricentenária estava fechada.

Para tanto, organizaram a primeira procissão da História do Outeiro, para trazer os objetos sacros da capela de Cunhaú, animada por Francisco Leopoldino, o “Mestre Padre” e as suas irmãs, possuidoras da mesma alcunha.

Na base do bueiro, foi feito um nicho para abrigar a imagem de São Caetano e foi plantado o cruzeiro que ficou conhecido por Santa Cruz e o sino foi usado para chamar os colonos para realizarem as missas e as novenas de expulsão do demônio. Depois, a vida voltou ao normal, nenhuma assombração apareceu.

Na cultura popular, em especial nas músicas do Coco de Roda, relatam:

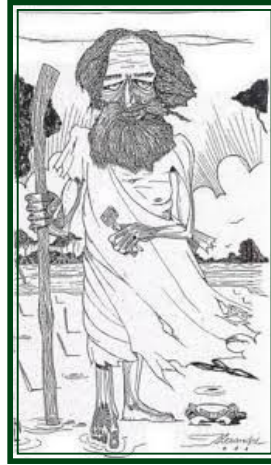
“Eu vi o negro

Sentado no bueiro

O danado fumaçou

E o diabo caiu de cima...”

PAI DO MANGUE



Fonte: <http://diocesedepapoca.org.br/igreja-matriz-de-al-mofala-completa-300-anos/>. Acesso em: 01 jul. 2015.

Figura 28 - Ideia artística do pai do mangue.

O Pai do Mangue é uma entidade que cuida dos mangues e dos rios. Acredita-se que antes da pesca e até mesmo durante, é necessário realizar certos ritos para ele, como presenteá-lo com fumo, e, assim, o pescador recebe ajuda e seu trabalho se torna mais farto e seguro.

É um ser místico que assume a forma humana e cuida do manguezal. Surge para castigar quem pesca nos domingos e dias santificados, quem mata animais sem necessidade e quem pronuncia palavrões dentro do manguezal. Dizem que aquele que o encarasse não viveria mais que um ano.

Se contrariar os “Mandamentos” do Pai do Mangue, que seriam a não explanação de palavrões no mangue, a destruição da flora do mangue e os maus-tratos da vida animal, o delinquente podia sofrer diversas punições, como ataques de animais, defeitos na canoa, pesca ruim ou perda total do que já havia pescado.

COMADRE FULOZINHA



Fonte: <http://ohistoriadoreotempo.blogspot.com.br/2012/06/comadre-fulozinha-dona-das-matas>. Acesso em: 01.jul.2015.

Figura 29 - Interpretação artística da comadre.

A Comadre Fulozinha é o espírito de uma cabocla que tem longos cabelos negros, que lhe cobrem o corpo.

Há quem diga que a Comadre era uma criança que se perdeu na mata quando ainda era pequena. Tentou procurar o caminho de volta para sua casa, mas não achou e acabou morrendo. Assim, o seu espírito passou a vagar pela floresta em busca do caminho de volta para casa.

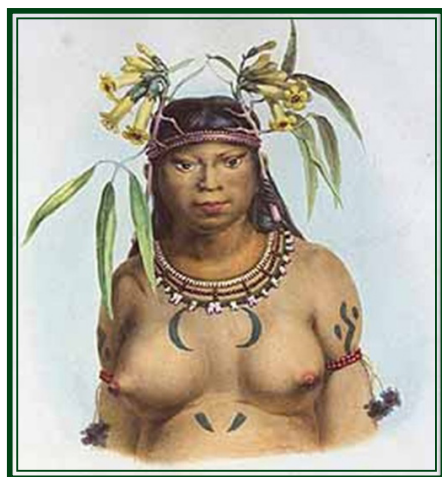
Possui uma personalidade zombeteira, algumas vezes malvada, outras prestimosa. Gosta de ser presenteada com mingau, confeitos, fumo e mel. Vive na mata defendendo animais e plantas contra as investidas dos homens.

Diz-se que corta violentamente o cabelo e lhes enrola a língua daqueles que adentram na mata sem levar uma quantidade de fumo como oferenda a ela.

Gosta também de fazer tranças e nós em crina e rabo de cavalo, que ninguém consegue desfazer, somente ela, se for agradada com fumo e mel.

Quando se ouve o seu assovio baixo, ela está próxima, e quando se escuta alto, está longe.

ÍNDIA DO CATU



Fonte: <https://amacaca.wordpress.com/tag/artes-plasticas/>. Acesso em: 01 jul. 2015.

Figura 30 - Representação de uma índia.

Nas matas próximas da aldeia do Catu teria vivido uma índia arredia que era acompanhada de um filho, que vagavam pela solidão das capoeiras e dos tabuleiros dos atuais municípios de Canguaretama/RN, Goianinha/RN e Pedro Velho/RN.

Dizem que a índia teria cometido incesto com o próprio filho e que durante a gestação, não era muito vista. Depois do parto, o recém-nascido foi devorado pela mãe e pelo irmão. Logo em seguida, desapareceram e ninguém mais os viu vagar pela região.

O grupo, principalmente as mães, tinham um costume para com os bebês mortos, que em vez de serem enterrados em covas rasas, eram devorados, para se manterem unidos com o ancestral, pois o melhor túmulo para eles seria o próprio ventre de onde vieram.

A RESSUSCITADA DO CUNHAÚ



Fonte: (<http://ormuzsimonetti.blogspot.com.br/2011/11/acta-diurna-ressuscitada-do-Cunhaú.html>). Acesso em: 01 jul. 2015.

Figura 31 - Representação de um capitão.

No ano de 1857, o influente político e autoridade municipal da Vila Flor, o Capitão Anacleto José de Matos se casara novamente, agora com D. Maria Umbelina de Albuquerque Maranhão, filha do Comendador Antônio de Albuquerque Maranhão Cavalcanti e de D. Joana de Albuquerque Maranhão, pertencentes à família do Cunhaú.

O casamento ocorreu na capela do Engenho Ilha do Maranhão, propriedade do Comendador Antônio, e um ano após o casamento, a D. Maria Umbelina morreu, ao dar à luz o seu único filho sadio de nome ignorado.

Seu sepultamento foi junto da porta da sacristia da capela do Cunhaú, como pedido do pai e do esposo, o enterro foi muito prestigiado devido à influência da família Matos, em Vila Flor e da Albuquerque Maranhão, no Povoado do Uruá e ainda mais pelo comparecimento do frei Serafim de Catânia, que estava pregando na região e que convidou o povo a participar do triste ato.

O corpo estava já em decomposição e cheirava mal, mas ninguém reclamou diante da pregação do frei. Na missa de sétimo dia, houve as cantorias fúnebres da Banda de Música de São José de Mipibú, que estava sendo acompanhada, novamente pela celebração do Frei Catânia.

Já em 1862, na província da Paraíba, vivia uma mulher de vida alegre e que morava numa pensão suspeita. Ela estava doente por isso foi chamar um médico, que após o exame, disse a sua esposa:

– *“Se eu não tivesse assistido em Cunhaú ao enterro da filha do comendador diria que se tratava da mesma”.*

A doente que estava no cômodo ao lado, escutando disse:

– *E o doutor não está enganado. Eu sou a D. Maria Umbelina, mulher de José Anacleto de Matos e filha do comendador.*

E começou a relatar sua estória.

Que teria se casado por uma imposição dos pais, pois seu predileto seria um português, que por ali trabalhava, depois de casada tivera encontros secretos com ele, num dos quais foi surpreendida pelo marido, sendo assim o Conselho da Família, convocado em Cunhaú, para discutir sobre o assunto e evitar problemas, já que não era aceitável naquele clã uma atitude como essa, que maculava o sobrenome da família, a sentença para a infratora foi a morte e assim abafar o escândalo.

Recolhida em um dos vários quartos do sombrio casarão de taipa dos senhores do Cunhaú e incomunicável com o mundo externo, ficou sob a vigilância constante de um escravo de confiança, mas uma escrava amiga da sinhazinha rompeu o cerco e levou notícias suas até seu amante.

Com um plano infalível, o português conseguiu interceptar o portador do veneno e trocá-lo por um forte narcótico. Avisada da

troca, a sinhazinha tomou o líquido sem maiores problemas, caindo em sono profundo.

Sua fuga se deu na calada da noite, quando foi retirada do caixão e levada em possantes cavalos até o rio Piquiri, onde acordou nos braços do amante. De lá foi transportada em uma canoa puxada pelo rio Pituaçú até o Meral, na barraca do mestre Pantalião, e ali esperou um barco que os levou pela Barra de Cunhaú até a Baía da Traição. De lá passaram para uma barcaça e foram para o Ceará, longe da influência da poderosa família Albuquerque Maranhão e Matos.

Viveram um tempo no Ceará, em Missão Velha, onde o seu amado morreu, não podendo voltar mais para casa, resolveu juntar-se a outro homem, agora não era mais o elegante português de trato fino e delicado, mas sim um soldado da polícia cearense de Missa Velha, tão rude quanto o seu marido oficial. Desse modo continuou morando em Fortaleza, levando uma vida simples e sofrida.

Durante uma novena na Igreja de São José de Piranhas, na província da Paraíba, apaixonou-se por outro soldado com o qual, decidiu fugir para a capital paraibana, e depois ficou desamparada e doente e mandou chamar o médico.

Essa era a sua estória até então.

O médico após escutar o caso, o levou ao Dr. José Nicolau Requeira Costa, chefe da polícia da capital paraibana, que por sua vez passou a estória ao presidente da província, o Dr. Francisco de Araújo Lima que ficou interessado no assunto.

A tal “Ressurreição” impressionou tanto as autoridades, que o chefe da polícia requisitou a presença do Capitão Anacleto, que foi acompanhado pelo comendador Antônio e pela D. Joana.

Durante o acareamento na Paraíba, repetindo ela todas as acusações, face a face com o suposto marido e pais.

O comendador se recusou a reconhecê-la por filha, tendo como argumentos que o enterro foi seguido por uma multidão de pessoas e que estava sendo realizado pelo Frei Catânia e por isso teria testemunhas do fato, a sua suposta mãe também não a reconheceria.

A “Ressuscitada” se defendeu, dizendo que a sua mãe tinha uma nódoa roxa na coxa direita e que o capitão tinha uma cicatriz de mordida no peito esquerdo, que ela própria fez.

O Dr. Requeira Costa, desejando averiguar a afirmação, queria fazer uma vistoria na perna da D. Joana, e no peito do Capitão Anacleto, ambos se negaram.

O Comendador Antonio disse que a vistoria na coxa da Sra. da Ilha do Maranhão e Tamantanduba, só seria feita depois que passasse por cima do seu cadáver.

Por isso os amigos mais íntimos da Casa de Cunhaú foram então convocados a ajudar, para tal foram convidados o Tenente-coronel Manoel Salustiano de Medeiros, o deputado liberal Sebastião Policarpo de Oliveira e o presidente da Câmara da Vila Flor, o Dr. Felix Antônio Ferreira de Albuquerque, para reconhecer a “Ressuscitada”, em vez da vistoria na perna da Sra. da Ilha do Maranhão e Tamantanduba.

Mediante tal situação, a “Ressuscitada” se mostrou ainda mais verdadeira, tratando a todos pelos nomes, postos, títulos e outras peculiaridades dos próprios, causando nos presentes uma grande confusão, e ninguém mais tinha convicções de quem falava a verdade.

O próprio chefe de polícia chegou a se convencer da autenticidade da “Ressuscitada” e já dispunha-se na instauração de um processo de indução ao suicídio por envenenamento contra o Capitão Anacleto.

Essa estória já tomava proporções de grande gravidade e já se formava num escândalo, quando surgiu então, o Dr. Amaro Carneiro Bezerra Cavalcanti, chefe liberal na região, e que era casado com

Dona Maria Cândida de Albuquerque Maranhão, dona do Engenho Outeiro.

Ele usou de seu prestígio para conseguir a transferência do chefe de polícia para o sul do país.

Para esfriar o fato, o próprio comendador Antônio mandou divulgar a notícia que ele abriu a cova da filha, onde vira os ossos e ainda a cabeleira intacta de sua filha, por onde a reconheceu.

Certa paz reinou sobre o boato e o caso foi sendo esquecido pela população.

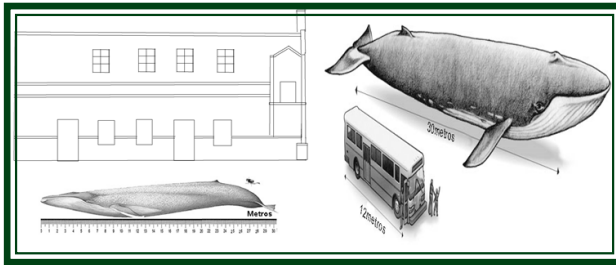
Entretanto, na Paraíba, ainda corria o processo e dessa vez, estava sendo ouvido o Sr. Joaquim de Araújo Lima, pertencente à Casa de Cunhaú, que disse ao chefe da polícia agora encarregado, que foi o responsável pela colocação da fidalga no caixão, e que na cabeleira do lado esquerdo dela havia uma marrafa de ouro e pedrarias e o vestido que estava usando.

Em seguida, foram feitas vistorias no local em que foi enterrada a D. Maria Umbelina e foram localizados os detalhes descritos.

A falsa ressuscitada foi descoberta. Era uma mulher do povo, moradora do “Bujari”, que foi identificada mais tarde pelos pais e que devido à grande semelhança com a finada D. Maria Umbelina, foi convencida pelo alto valor oferecido pelos irmãos Francisco, Antônio e Manoel Cavalcanti a fazer isso, em vingança contra o Capitão Anacleto, devido os irmãos Cavalcanti terem sido expulsos de Vila Flor, por serem ladrões de cavalo e gado, o que não aceitavam.

Após a confissão da jovem do “Bujari”, ela foi presa e depois sumiu. Dizem que o Dr. Amaro Cavalcanti a levou para a capital do Império, o Rio de Janeiro, e depois disso, não souberam de mais nada.

BALEIA ENCANTADA



Fonte: <http://historiadecanguaretama.blogspot.com.br/2013/04/lenda-da-baleia-da-igreja-matriz-de.html>. Acesso em: 01 jul. 2015.

Figura 32 - A idealização artística da baleia.

Dizem os antigos que embaixo da Matriz de Canguaretama/RN há uma baleia encantada que dormiria até o dia em que alguém tentasse evadir com a imagem de Nossa Senhora da Conceição de seu altar-mor. Caso alguém fizesse, ela inundaria o “vale de Canguaretama”.

Ao acordar, faria uma fenda na estrutura da igreja e depois trataria de abocanhar o ímpio e para isso usaria os seus 30 metros de comprimento, que inundaria toda a cidade de Canguaretama/RN até o pegar.

Se alguém ainda tiver em dúvida só resta uma opção: o descrente deve entrar sozinho na Matriz numa noite silenciosa e por o ouvido no Altar-mor para escutar o coração pulsante da baleia, outros dizem que podem escutá-la a qualquer hora do dia, simplesmente encostando a orelha no patamar da igreja.

Alguns menos crédulos afirmam que os transportes pesados ao passarem pelas ruas próximas à igreja machucam a baleia, que se irrita se mexendo, fazendo rachaduras no patamar da igreja. Hoje mesmo com todos os reparos periodicamente, ela está rachada.

CORONEL DENDÊ ARCO VERDE



Fonte: <http://historiadecanguaretama.blogspot.com.br/2013/02/a-lenda-da-lagoa-do-tacho.html>. Acesso em: 01. jul. 2015.

Figura 33- Lagoa do tacho.

O temido André de Albuquerque Maranhão Arco Verde, (Coronel Dendê Arco Verde), foi o último dono da linhagem do fundador do Engenho Cunhaú, propriedade que conseguiu por completo a terra, por meio de assassinatos de seus próprios parentes.

Ele teria feito tantas coisas boas e ruins que a sua figura se tornou alvo de inúmeros mitos.

A sua primeira esposa, a prima Antônia Josefa do Espírito Santo Ribeiro d'Albuquerque Maranhão, filha de João de Albuquerque Maranhão e de dona Antônia Josefa de Albuquerque Maranhão, irmã de sua mãe, foi por ele envenenada depois de persuadida a perfumar sua linda cabeleira, falecendo com violenta dor de cabeça, em 07 de outubro de 1835. Teve com ela, o pequeno André de Albuquerque Maranhão Arco Verde Junior que morreu de forma semelhante à mãe em 25 de novembro de 1835, aos 13 anos.

Ao seu irmão mais velho, José Ignácio d'Albuquerque Maranhão, influente, solteiro, rico e por muitas vezes presidente da câmara de Vila Flor, que residira em “Belém”, tivera com ele desavenças durante a partilha de 1846, dos bens de sua mãe.

O Coronel mandou matá-lo com tamanha maturidade, que se compara ao pedido da morte de uma vaca para o jantar. Com medo, Ignácio, vendeu todas as propriedades e com o seu homem de confiança, Joaquim Cardoso, enterraram no Engenho Bosque¹³⁴, em Goianinha uma mala com moedas de ouros. José Ignácio queria viajar para Europa, mas antes hospedou, em “Estivas”, na casa do primo André d’Albuquerque Maranhão Junior, coronel das ordenanças de Vila Flor e Arês. Devido ao hospede ilustre André Junior mandou vigiar os arredores, para a segurança dele. Próximo estava uns jagunços de Dendê, que atiraram em José que estava na varanda da Casa Grande, assim Dendê ficou com a herança da mulher e do irmão.

Sobre a vingança sobre seu tio herói reza a estória que pediu a um cabra e um escravo a morte do Coronel Antônio José

Leite do Pinho, o assassino que deferiu uma espadada mortal na virilha de seu tio, dizendo:

– *“Eu não quero saber dos outros acusados. Ferissem ou não, certamente ficaram com medo da vingança. O que eu desejo saber é quem pregou uma medalha no peito e cercou as mangas de galões por ter assassinado um Cunhaúzeiro”.*

Prometeu a estes dois que nunca mais teriam necessidade de coisa alguma na vida. Entregou-os facas de prata que estavam envenenadas para o serviço. Os dois mandatários espreitaram o Coronel Antônio José Leite do Pinho durante horas, numa tarde de procissão depois de terminada, o coronel deitou-se num tapete diante da casa, na atual Praça 07 de setembro, para brincar com um neto. Os dois assassinos caíram sobre ele numa luta feroz e rápida, mas não puderam cortar a orelha, mas deixaram as facas enterradas no coronel e correram para o Cunhaú.

134 Atual Fazenda Engenho Bosque, onde se localiza a Cerâmica Santana.

O Coronel faleceu na madrugada de 15 de março de 1834, e por isso Dendê recompensou seriamente os dois asseclas, como o prometera. O negro foi sepultado vivo próximo à Casa Grande e sobre ele plantaram um coqueiro, maior já existente na região. Ao cabra foi empalhado na Mata das Varas, até poucos anos, o corpo mumificado, espantava os lenhadores, portanto, cumprira a promessa, e nunca mais tiveram necessidade de coisa alguma...

Rendera-se ao Frei Serafim de Catânia, em 1856, o ano-da-cólera da peste negra que quase dizimou a província do RN, aproveitando a situação o frade, que usou arma diferente para convencê-lo de seus erros e provocar sua conversão, quando deixara o Cunhaú. Dendê Arco Verde mudou completamente seus hábitos, pois dizia que estava preparado para morrer. Dispensou todos os seus capangas e ditou seu testamento, mencionando as duas esposas que pertenciam a seu harém de 06 mulheres: Felicidade Flora Brasileira e Costa, com que teve Amélia Coralina Albuquerque Maranhão¹³⁵, em 1842, Afonso Albuquerque Maranhão, em 1843 e Carolina Amélia Albuquerque Maranhão, em 1847, a segunda foi Constância Maria Espírito Santo, com quem teve as gêmeas, Emilia Idalina e Idalina Emilia Albuquerque Maranhão, em 1848.

O seu testamento foi redigido em 12 de março de 1856, pelo Dr. Amaro Bezerra Cavalcanti, marido de sua irmã Maria Cândida Albuquerque Maranhão, dona do Engenho Outeiro. Nesse documento legitimou seus 06 filhos menores de idade, depois foi entregue ao Dr. Felix Antônio Ferreira de Albuquerque, que levou a São José de Mipibu, que foi aceito pelo juiz Miguel Ribeiro Dantas. A principal

135 Foi casada com Antonio Jeronimo Pinheiro, com que teve, João Pinheiro Albuquerque Maranhão Arco Verde, unido com Luiza Buxton, que tiveram, entre outros, Paulo Arco Verde Albuquerque Maranhão, ligado com D. Rosa de Castro, que por sua vez tiveram, entre outros, Paulo Fernando Albuquerque Maranhão, residente atualmente no Rio de Janeiro/RJ, sendo então um dos últimos descendentes diretos da antiga Casa de Cunhaú.

beneficiária do testamento foi a sua segunda esposa que recebeu 23.927\$43 réis.

Entre 01 de junho a 10 de outubro de 1857, o Chefe da Polícia da Província era o Dr. Luís José de Medeiros.

Este foi parar no Cunhaú, devido as mais de 200 mortes atribuídas ao Coronel Dendê Arco Verde. Ele ficou na Casa Grande do Cunhaú, onde Dendê abdicou de todo conforto, pela manhã, pretextando fadiga, abandonou o Dr. na Casa Grande, com que no dia anterior passou pelos canaviais, analisando a roda d'água do engenho que o rio Piquiri movia. Os dois almoçaram, jantaram, cearam e dormiram próximos. O segundo dia ainda se passou sem que os soldados viessem ao Cunhaú. À tardinha, compreendeu a situação e depois da ceia, disse ao Dr. Medeiros:

–“Senhor Chefe de Polícia! Eu já não sou o Coronel Dendê Arco Verde, sou uma sombra dele. Se o senhor tivesse vindo o ano passado teria outra recepção. Mas eu não sou mais nada. Não passou resistir. Amanhã pela manhã o senhor me verá... E recolheu-se. Vestiu a sua farda de grande gala, com dragonas de ouro e ramalhetes enfiados na casaca, deitou-se e bebeu cianureto”.

Pela manhã de 26 de julho de 1857, estava morto, pois bebera cianureto, para não ser preso em suas terras, sepultaram-no em Cunhaú, na mesma cova de sua primeira mulher, conforme pedido em testamento, num local agora desconhecido.

Sobre a sua riqueza conseguida principalmente com os crimes contra seus próprios familiares sujos de sangue inocente, mandou enterrar em pontos distantes da propriedade que começava na praia, entre a foz do rio Cunhaú e Guajú e se estendia por 40 léguas pelo interior. Enterrou parte no próprio engenho, dentro da capela do engenho e no ano de 1896, os seus filhos querendo essas riquezas

quase destruíram a capela tricentenária, só deixando as paredes e o fronte totalmente acabado.

Mandou com parte de seu ouro fazer um tacho, para ser colocado numa lagoa¹³⁶ próximo ao engenho, outra parte de suas riquezas foram enterradas na Croa da Negra, Porto do Francês, Camboa do Cotovelo e outras partes do mangue.

136 Atualmente é conhecida por Lagoa do Tacho, que se encontra entre as Fazendas Cruzeiro e Cunhaú e aparentemente não é tombada pelo IPHAN, nem pela Fundação José Augusto, muito menos por lei municipal de Canguaretama/RN, atual.

TESOURO DO HOLANDÊS



Fonte: (http://marinhadeguerraportuguesa.blogspot.com.br/2012_07_01_archive.html).
Acesso em: 01 jul. 2015.

Figura 34 - Barcos holandeses.

Existira na Barra do Cunhaú, próximo ao Fortim da Barra do Rio Cunhaú, desde a madrugada de 21 para 22 de outubro de 1634, a alma penada do Coronel Cristóforos Arciszewshi, militar brilhantíssimo que possuía 228 soldados e 50 índios na tomada do fortim que vinha por terra.

Na tomada do fortim, houve crueldades abomináveis, “levando tudo a ferro e fogo” e os despojos foram levados a um barco. Morreram o capitão do fortim Álvaro Fragoso de Albuquerque, um frade capuchinho e mais 11 homens, capturando 12 homens e escapando 03 soldados.

Após a tomada do fortim, o barco a cargo do Coronel Arciszewshi saiu aos brandos da Barra para tomar o rumo do Forte Keullen, mas naufragou pouco depois e no desespero de perder tudo quanto tinha saqueado, resolveu juntar os objetos de maior valor e se jogar ao mar.

Ao nadar em direção à praia, o comandante foi ficando cada vez mais fraco e os objetos caíam de suas mãos, um a um. O último lhe caiu da mão a poucos metros da areia, e pouco depois seu corpo

foi jogado para fora da água, pois estaria condenado a não entrar na água e viver como um zumbi até o dia que devolver o que roubou.

Depois disto poderia voltar ao seu navio e descansar em paz. Ele oferece o tesouro até hoje para se redimir, porém sua oferta só é feita a mulheres, pois os homens não o veem, nem o escutam.

Ao abordar as mulheres, mostra seu tesouro e lhes aconselha a não falarem com ninguém sobre o caso por três dias, mas as moças descuidadas sempre deixam escapar que viram o holandês, e, por isso, ele continua a sua penúria até o dia que devolver todo o seu tesouro. Depois poderá ir para o seu barco e descansar em paz.

GRUTA DO BODE



Fonte: OLIVEIRA, 2015.

Figura 35 - Entrada da gruta.

Existe na atual BR 101, altura do KM 158, sentido João Pessoa/PB-Natal/RN, distante duzentos metros da margem, uma gruta, conhecida por “Gruta do bode¹³⁷”. O nome é atribuído por ter vivido um bode selvagem na região que se acostumou a pular num vagão vazio do trem que passava nas proximidades, indo até a estação de Canguaretama, depois voltava.

Outra denominação para a área é que se ouviam berros deste animal vindo do interior dos túneis, escutados a qualquer hora do dia ou da noite e tal barulho era estranho, pois não se criava caprinos na área.

Como se achava que os holandeses ao fugirem, teriam deixado tesouros escondidos no interior dos túneis, um deles seria um bode maciço de ouro. O chamado do animal era um convite para os incautos se perderem nos labirintos da gruta.

Na tentativa de encontrar esse tesouro, conheceu-se um jovem que teve a sua façanha contada até hoje não pelo achado do bode, mas sim, pelo fracasso.

137 Atualmente encontra-se “ao Deus dará”, com a principal entrada parcialmente bloqueada, alguns suspiros praticamente soterrados, por não ser tombada pelo IPHAN, nem pela Fundação José Augusto, muito menos por lei municipal de Canguaretama/RN, atual.

Não se sabe quem foi, apenas que era um forasteiro muito jovem e ganancioso, que após algum tempo percorrendo a área tentando encontrar o tesouro, se perdeu no labirinto interior da gruta.

Seus gritos ao soarem pelos suspiros atraíram a atenção de algumas pessoas próximas, que tentaram orientá-lo até a saída. Ao final da tarde, quando a luz diminuía e o interior dos túneis se escurcia, a hora dos morcegos saírem tinha chegado, com os bandos de sombrias figuras brotando pelos suspiros de maneira aterradora.

A lua cheia já subindo ao alto, tinha como fundo musical os gritos desesperados do forasteiro, cada vez mais fracos e distantes, até que, ao chegar a hora do retorno dos senhores da escuridão, nada mais se ouviu do forasteiro.

Perdeu um tesouro mais valioso que tinha na vida: a sua liberdade e a própria vida, por um tesouro que talvez nem existisse.

Hoje, seus gritos desesperados são ouvidos em noites de lua cheia como um aviso e um convite aos mais incrédulos.

Essa gruta faz parte também de outro mito conhecido por “Sete Buracos”, que seria um complexo de túneis, que chegaria à Casa de Câmara e Cadeia da Vila Flor, na atual cidade de Vila Flor/RN, ao Engenho Cunhaú, em Canguaretama/RN, à Ilha do Flamengo, em Arês/RN, ao Fortim da Barra do Rio Cunhaú, no distrito da Barra do Cunhaú-Canguaretama/RN, no Buraco do Holandês, na Mata da Estrela-Baia Formosa/RN e ao Forte dos Reis Magos, em Nata/RN e o último, na própria Gruta do Bode.



CAPÍTULO 5

SALINAS

“Ele já foi um artigo precioso, motivou guerras, ergueu impérios e estimulou o comércio entre os povos. Hoje, tempera - e salva - nossas vidas”.

(Revista Super Interessante)

Ama salina é uma área de produção de sal marinho pela evaporação da água do mar ou de lagos de água salgada. O sal é uma rocha sedimentar química que tem origem na precipitação da água do mar, quando esta sofre evaporação.

As salinas, embora seja um habitat artificial elaborado pelo Homem, há milhares de anos, constituem verdadeiros santuários de biodiversidade, permitindo um equilíbrio notável entre o aproveitamento econômico e a conservação de recursos naturais.

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

No Brasil, as primeiras salinas localizam-se no litoral norte do Rio Grande do Norte, notoriamente nas cidades de Galinhos, Macau e Areia Branca, onde existe o Porto da Ilha de Areia Branca, principal terminal para suprir a demanda de sal marinho no mercado interno brasileiro.

As salinas da Lagoa de Araruama, localizadas a leste do estado do Rio de Janeiro, foram no início dos anos 40 e 50 as maiores produtoras de sal do país, perdendo apenas para as salinas do Rio Grande do Norte.

A existência das salinas de Araruama data do século XVI, meados de 1797, onde se tinha 09 salinas sendo exploradas naturalmente, nas cavidades e reentrâncias da lagoa.

Somente com a chegada dos europeus que a extração de sal passa a ter maior importância por meio das técnicas trazidas pelos portugueses de Figueira da Foz e Aveiro, e franceses, que se instalaram na Região dos Lagos, entre Cabo Frio e Saquarema.



Fonte: http://macauhistorica.zip.net/arch2007-10-01_2007-10-31.html. Acesso em: 01 jul. 2015.

Figura 36- As pirâmides de sal, o símbolo das salinas.

No solo naturalmente impermeabilizado de Canguaretama/RN, no final do século XIX e início do século XX, foram construídas várias salinas nas margens dos rios que formam o manguezal, notadamente o rio Pituaçu.

Essa atividade foi de extrema importância econômica para o município de Canguaretama/RN. (GALVÃO NETO, 2005, p. 43).

Segundo Andrade (1987, p. 88):

As salinas eram pequenas empresas que construíram diques, separando determinadas áreas da planície do leito maior dos rios, e também tanques que serviam para a evaporação da água e cristalização do cloreto de sódio, tais áreas eram denominadas de Balde com cerca de 30 cm de água. Utilizavam cata-ventos para fazer o levantamento da água do leito do rio para os tanques e de um tanque para outro. Empregavam os Marnoto, trabalhador que efetua tarefas de arranjo de salinas

e de recolha do sal. A ferramenta utilizada nesse trabalho era um rodo ou pá, cada marnoto recebia por Povoado de 60 kg, essa mão-de-obra era sazonal, pois a atividade de produção do sal se realizava apenas na estação seca (junho/julho a dezembro/janeiro), enquanto os trabalhadores braçais, no período das chuvas, transformavam-se em pequenos agricultores, proprietários ou não nas áreas vizinhas. Após o tratamento, o sal retirado dos cristalizadores era empilhado sobre os diques, onde permanecia certo tempo a fim de perder as impurezas, sendo daí transportado em carros de mão - quando estes tinham acesso aos diques- os empresários de salinas que dispunham de maior capital, possuíam barcos a vela intitulados por Batelões¹³⁸, que transportavam o produto para o mercado consumidor ou para os centros de distribuição da mercadoria.

Para transportar o sal da cidade de Canguaretama/RN, usava-se um Batelão até Porto do Francês, que levava até o ponto de encontro com os burros, pertencentes à Companhia de Ferro Carril de Canguaretama, localizada na Estação Ferroviária da Penha, mas que devido à excessiva carga de trabalho, se dividia em dois turnos, separados por um sinal sonoro emitido por um búzio, que era ouvido até 100 metros de distância. Seu melhor soprador foi Zé de Sindona.

138 São embarcações robustas, construídas em madeira ou em aço com fundo chato, empregadas para desembarque ou transbordo de carga nos portos.

Esse sal era vendido em seu todo para a entidade denominada Sociedade Distribuidora de Sal Limitada¹³⁹, que fazia a distribuição do sal, que no seu auge no ano de 1941, teve uma produção de 6.492 toneladas. (SILVA; 2014).

No território de Canguaretama/RN, em meados de julho de 1947, existiam as seguintes salinas:

Meral de propriedade de Geraldo Pio Barreto, cuja extensão era de 52, 100 m², tem uma produção desconhecida, tinha um total de 33 cristalizadores. São Felix possuía 34.502m² de extensão, pertencia a Manoel Gomes, que abastecia a região com um total 2.353.320 kg de sal, em 33 cristalizadores. Possuía Manoel Galvão & CIA, a salina São Luiz, com área de 27.541 m², em 24 cristalizadores que produzia 519.870 kg de sal. A salina Pedra Fina, possuía 20.936 m², e com produção de cerca de 1.944.750 kg de sal com os seus 36 cristalizadores, na administração de Lindolfo Sales. Geraldo Villarim possuía a salina São Francisco, possuidora de 15 cristalizadores, numa área de 20.006 m² e produção de 642.190 kg de sal. A salina de Joaquim Homem de Siqueira Cavalcanti, era a Conceição de Soledade, possuidora de uma extensão de 19.719 m², com 14 cristalizadores e de uma produção de 315.000 kg de sal. A propriedade que abrangia a salina São José de extensão de 16.566, era de Francisco Oliveira de

139 Localizada na esquina da Estação Ferroviária, atualmente é uma loja de material de construção, conhecida por Revendedora Santo Antônio.

Carvalho e Silva, produtora de 583.420 kg de sal em 13 cristalizadores. A companhia Calafange & Irmãos, abastecia o antigo Vale de Cunhaú com as salinas Cana Brava e São Pedro, com respectivamente, 1.900.010 kg de sal, produzida nos seus 32 cristalizadores numa área de 27.541 m² e com 787.910 kg de sal, com 15 cristalizadores, numa área de 11.293 m². (ANDRADE, 1987, p. 91), apud, (SOUZA, 1985, p. 42)”

Vale salientar que as salinas não remontam necessariamente da primeira metade do século XX, há referências que falam desde meados do século XVII.

Como falado numa carta de Jerônimo Maranhão ao seu filho Matias, datada de 05 de agosto de 1605, que dizia: “que a 40 léguas para o norte do Cunhaú, existiria ‘baldes’ naturais”, que nunca foram utilizados nem feitos benfeitorias substâncias para seu uso, essas terras seriam atualmente as salinas de Macau/RN”. (SILVA, 2014, p. 51).

Diferentemente dos antigos engenhos de açúcar do período colonial e imperial, que eram desde núcleos populacionais a cultural, as salinas, foram simplesmente localidades de onde proviam uma fonte de renda para famílias que anteriormente plantavam cana de açúcar, que depois do declínio dos ciclos de cana de açúcar, aproveitaram as terras que possuíam próximo do Manguezal, e assim construíram as salinas.

Esses locais não tinham a necessidade da instalação permanente de famílias operárias, conseqüentemente, era simplesmente um local de serviço, portanto, não se julgavam necessário a conservação

dos costumes e/ou tradições que porventura ali eram realizados. (CÂMARA; 2012 e CALAZANS; 2014).

Na época em que as salinas de Canguaretama/RN produziam sal, entre 1914 a 1978, é possível perceber um fato muito comum feito pelos senhores de engenhos, que seria a direção dos territórios nos quais as suas propriedades estavam, nesse sentido é possível mencionar que o município de Canguaretama/RN, entre 1914 a 1978, houve vários prefeitos que eram donos de salinas. (SILVA; 2014).

As condições de trabalho nas salinas eram das mais difíceis, e os trabalhadores não tinham qualquer garantia nem proteção em um trabalho tão insalubre.

Desenvolviam-se moléstias profissionais que atacavam os pés e as pernas dos que trabalhavam dentro de tanques com águas salgadas de elevado teor, e a luminosidade provocada pela grande extensão das salinas provocava, muitas vezes, a cegueira.

Esses trabalhadores do sal, premidos por condições desumanas de exploração do trabalho, reagiram e se organizaram em sindicatos que foram dos mais combativos nos meados do século XX e organizaram cooperativas a fim de conseguir diminuir a exploração em que viviam. Reivindicaram, sem grande sucesso, o acesso à propriedade da terra, a fim de terem uma garantia de fixação e de complementação salarial.

Mediante tamanha desvalorização dos salineiros, se formou o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Extrativa Salineira de Canguaretama, como fala, Barreto (1985, p. 104):

Esse sindicato teve marcante atividade durante o período de prosperidade salineira de Canguaretama/RN. Com a desativação das salinas do município cessaram suas atividades como entidade

da classe. Prestava assistência médica, odontológica, farmacêutica e social aos trabalhadores no sal e defendia as reivindicações da classe junto aos órgãos competentes. Era vinculado ao Sindicato dos Salineiros de Mossoró, construindo a 4ª Delegacia Regional do Estado. O seu primeiro presidente foi Sr. Anacleto Pereira do Nascimento, depois foi passada ao Sr. Luís da Cruz. Existiu em 1931, segundo informações fidedignas¹⁴⁰, um Sindicato dos Salineiros que defendia os interesses das classes patronais do município promovendo a comercialização e embarque do sal através da Estrada de Ferro e do Porto do Francês, existentes naquele período. Teve como um dos seus presidentes o Sr. José Maranhão.

167

Uma das maiores marcas das antigas salinas, em todo mundo é que o nome salário originasse do **latim** “*salariu margentum*”, que significa **pagamento em sal**.

O pagamento em sal vem dos primeiros tempos dos romanos, que pagavam os legionários com este produto que era muito caro no período, mas necessário para a alimentação diária, só que depois da invenção da moeda, o sal foi excluído como salário, mas se persistiu o termo *salarim*, que seria atualmente o salário.

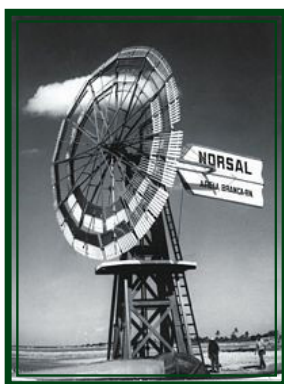
140 Fontes confiáveis.

A PRODUÇÃO DO SAL ATRAVÉS DE FOTOGRAFIAS



Os baldes. Foto: Autor desconhecido.

Fonte: <http://rio-maior-cidadania.blogspot.com.br/2010/11/1011-rio-maior-antigoactual-salinas.html>. Acesso em: 01 jul. 2015



O cata-vento. Foto: Antônio do Vale.

Fonte: <https://areiabrancia.wordpress.com/2011/04/> Acesso em: 01 jul. 2015.



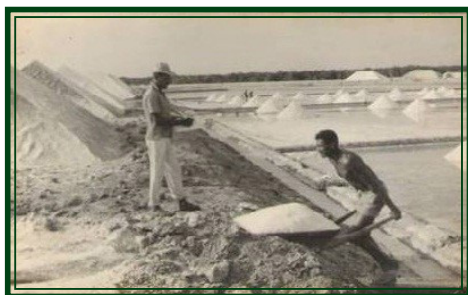
Os marnotos tralhando no sal. Foto: A.D. arquivo Miranda.

Fonte: <https://areiabrancia.wordpress.com/2011/04/> Acesso em: 01 jul. 2015.



Fonte: http://www.obaudemacau.com/?page_id=24330. Acesso em: 01 jul. 2015.

O sal sendo tratado. Foto: Autor desconhecido.



Fonte: http://www.obaudemacau.com/?page_id=15815. Acesso em: 01 jul. 2015.

O traslado do sal. Foto: Benito Barros.



Fonte: http://www.obaudemacau.com/?page_id=24523. Acesso em: 01 jul. 2015.

Os batelões. Foto: Autor desconhecido.



Fonte: <https://fauiupa.files.wordpress.com/2014/04/corel839.jpg>. Acesso em: 01 jul. 2015.

Mercado consumidor. Foto: Robert Swanton Platt.



Fonte: http://www.obaudemacau.com/?page_id=10062. Acesso em: 01 jul. 2015.

Empresa distribuidora de sal. Foto:Autor desconhecido.



CAPÍTULO 6

CONSIDERAÇÕES FINAIS



ortanto, a presente obra traz uma significativa coletânea de curiosidades históricas, bem como informações pesquisadas mais a fundo sobre fatos marcantes na construção da verdejante Canguaretama. Fatos que levam o leitor a entender melhor a relação religiosa dessa cidade, alicerçada em marcas de disputas territoriais e de poder num período colonial, no qual quem mandava era quem tinha o ouro branco e vastas terras agricultáveis e férteis.

A obra traz, minuciosamente, fatos que nos remetem aos engenhos, às capelas e à força bruta e cruel que se fez presente no momento de escravizar nosso povo. A obra revela a importância geográfica de Canguaretama/RN, ao ser disputada pelos povos de além-mar. Não somente devido à sua localização, mas sim, também pela a presença de rios e solos bons para o desenvolvimento da matéria prima para os engenhos, a tão disputada cana de açúcar. Os engenhos, que seguravam a base econômica dos detentores do poder da época. Revela ainda, fatos lamentáveis de massacres que deixaram marcas lembradas na religiosidade do povo local.

Sendo assim, muitos fatos ainda não foram bem esclarecidos sobre o momento de desmembramento e consolidação territorial dessa cidade. Muitas curiosidades estão guardadas a sete chaves nessa verdejante Canguaretama/RN, talvez na memória dos anciões, talvez nos remanescentes dos engenhos, na sabedoria popular, o certo é que essa pesquisa, tenta aproximar a história, do povo local.

Este livro traz um resgate de valorização da força dos que enfrentaram a dominação de povos europeus e um resgate de memórias perdidas, apagadas pelo tempo e por novos ciclos econômicos, e, pelo surgimento de cidades ao redor, as quais antes, se conectavam de forma mais real.

Contudo, a presente obra, ainda pede um segundo momento, aquele em que um olhar ainda mais crítico e contemporâneo desvenda o passado, nos moldes do presente.

Sem atingir, negativamente, a religiosidade e nem ofender as memórias de nosso povo, mas talvez aprofundando-se ainda mais na temática, pois o Rio Grande do Norte como um todo, carece de mais pesquisas históricas e geográficas na referida área.

Nosso povo não sabe ao certo suas origens, não conhece particularidades de povos indígenas que aqui viviam e não enxergam, muitas vezes, as alianças oligárquicas que massacraram essas terras, feitas em momentos de invasão.

O nosso estado foi de grande importância, em contexto nacional, por ter sido palco de desejo de muitos povos exploradores, por ter sido palco de gente forte e guerreira, porém muitas dessas informações não são divulgadas nem a nível local.

Deste modo, a obra tenta somar as escritas desse estado, trazendo a junção de teorias, pesquisadas em bibliografias confiáveis, bem como fatos desvendados no conhecimento mais informal, mas que não deixa de conter verdades relevantes para os futuros leitores, e principalmente para os Canguaretamenses, que muitas vezes não sabem da riqueza cultural, histórica, econômica e geográfica de seu município.



REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS

A, Zakon, A Engenharia Química desde os tempos do Brasil Colonial. [s.n.d.]

ALMEIDA, Hermano Augusto de. **Hermano Augusto Almeida.** Depoimento [dez. 2014]. Entrevistador: Thiago Antonio de Oliveira. Canguaretama/RN. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida para o livro: Abundância de vale com matas à verdejante Canguaretama/RN.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Mineração no nordeste:** depoimentos e experiências. - Brasília: CNPq, Assessoria Editorial e Divulgação Científica, 1987.

ANÔNIMO. **Bem vindo ao Cunhaú:** Terra de Mártires. Pedro Velho: JDHB DE FARIAS ME DH4-Serviços, 2013, 17 p.

ANÔNIMO. **O que eram os engenhos reais?** Disponível em: <http://www.klickeducacao.com.br/bcoresp/bcoresp_mostra/0,6674,POR-971-7636,00.html>. Acesso em: 04 jul. 2015.

ANÔNIMO. **Dia -3 de Outubro.** Disponível em: <<http://xa.yimg.com/kq/groups/1286751/1608203233/name/Rio+Grande+do+Norte.docx>>. Acesso em: 05 jun. 2014.

ARAÚJO, Daniel Flavio Carvalho de. **Rio Formoso.** Disponível em: <<http://desbravandopernambuco.blogspot.com.br/2013/01/rio-formoso.html>>. Acesso em: 28 maio 2015.

_____. **Tinha chegado à vez do forte do Rio Formoso.** Disponível em: <<http://sirinhaemsite.xpg.uol.com.br/redutohtm>>. Acesso em: 28 maio 2015.

ARAÚJO LIMA, Otavio de. **Otavio de Araújo Lima**. Depoimento [maio 2015]. Entrevistador: Thiago Antonio de Oliveira. Canguaretama/RN. 01 cassete sonoro. Entrevista concedida para o livro: Abundância de vale com matas a verdejante Canguaretama/RN.

ASSIS, Joílson. **Breve resumo histórico da invasão holandesa no Brasil parte 01**. Disponível em: <http://baiadosholandeses.blogspot.com.br/2010/01/breve-resumo-historico-da-invasao_19.html>. Acesso em: 28 maio 2015.

ATA, Livro de registro da. **Inauguração da Capela de Santa Cruz**. Canguaretama. 2000, 100 p.

BAIA FORMOSA, Prefeitura Municipal de. **História**. Disponível em: <<http://www.baiaformosa.rn.gov.br/portall1/municipio/historia.asp?IdMun=100124015>>. Acesso em: 05 dez. 2014.

176

BARRETO, José Jácome. **Canguaretama Centenária**. Natal, Fundação José Augusto, 1985. 149 p.

BENEVIDAS COSTA, Gilmara. **Engenho Cunhaú: Um lugar de memória e transformação histórica**. Paraíba, UFPB, 2008, 159-167 p.

BRANDÃO, Marlúcia Galvão. **Rio Grande do Norte “Nossas raízes... Nossas Histórias”** (da recolonização da Capitania do Rio Grande do Norte ao Golpe de 30/Marlúcia Galvão Brandão-João Pessoa, 1999, 89 p. il color.

BRASIL, Jus. **Pág. 22. Seção 1. Diário Oficial da União (DOU) de 02 de Julho de 1946**. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com>.

br/diarios/2450619/pg-22-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-02-07-1946>. Acesso em: 06 jan. 2015.

_____. **Pág. 41. Seção 1. Diário Oficial da União (DOU) de 01 de Julho de 1947.** Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2410996/pg-41-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-01-07-1947/pdfView>>. Acesso em: 06 jan. 2015.

C737. **Compartilhar memórias, interligar saberes:** reflexões sobre linguagens, identidades e práticas educacionais / Moyses de Souza Filho, organizador. – Natal: Editora do IFRN, 2012.

CALAZANS, Elias Bartolomeu. **Elias Bartolomeu Calazans** Depoimento [nov. 2014]. Entrevistador: Thiago Antonio de Oliveira. Meira Lima-Canguaretama/RN. 01 cassete sonoro. Entrevista concedida para o livro: Abundância de vale com matas à verdejante Canguaretama/RN.

177

CÂMARA, Dagoberto Pinheiro. **Dagoberto Pinheiro da Câmara** Depoimento [ago. 2012] Entrevistador: Thiago Antonio de Oliveira. Canguaretama/RN. 10 cassetes sonoros. Entrevista concedida para o livro: Abundância de vale com matas à verdejante Canguaretama/RN.

CANELLA, Ricardo Elias Ieker. **Poéticas de um saber brincar: O Fandango de Canguaretama-RN.** / Ricardo Elias Ieker Canella. – Natal(RN): Fundação José Augusto, 2014. 383 p :il. (Coleção Cultura Potiguar, 52).

CARVALHO, Eduardo Henrique Gomes de. **Eduardo Henrique Gomes de Carvalho.** Depoimento [dez. 2014]. Entrevistador: Thiago Antonio

de Oliveira. Canguaretama/RN. 01 cassete sonoro. Entrevista concedida para o livro: Abundância de vale com matas à verdejante Canguaretama/RN.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **A Casa de Cunhaú**: história e genealogia/ Luiz da Câmara Cascudo; prefácio, notas, quadro genealógico glossário de Paulo Fernando Albuquerque Maranhão. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008. 182 p. – (Edições do Senado Federal; v. 45).

CC: **Pedro Velho/RN**. Disponível em: <http://cidadesdomeubrasil.com.br/rn/pedro_velho>. Acesso em: 01 jan. 2015.

CID. Walter, **Homero Homem de Siqueira Cavalcanti**. Biografia. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/hsiqueira01.html>>. Acesso em: 27 jan. 2015.

178

CORREIA, Antônio Marques. **Antônio Marques Correia**. Depoimento [dez. 2014]. Entrevistador: Thiago Antonio de Oliveira. Montanhas/RN. 01cassete sonoro. Entrevista concedida para o livro: Abundância de vale com matas à verdejante Canguaretama/RN.

FJA, Fundação José Augusto. **Patrimônio Estadual Tombado**. Disponível em: <http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/secretaria_extraordinaria_de_cultura/DOC/DOC000000000010572.PDF>. Acesso em: 24 maio 2015.

FONSECA, Marcos Tavares da. **Memória e História da Antiga Vila de Cuitezeiras**. Pedro Velho/RN (1861-1936) / Marcos Tavares da Fonseca. – João Pessoa, 2006. 119 p.

GALVÃO NETO, Francisco Alves. **Elementos da história, geografia e cultura do município de Canguaretama.** Natal: Sevgrafica, 2005, 79 p.

_____. **O Martírio do Rio Grande do Norte**/ Francisco Alves Galvão Neto. – Natal, (Projeto das Sementes) 2013. 68 p.

_____. **Povo dessa terra**/Francisco Alves Galvão Neto. – Natal volume 1. Natal; (Projeto das Sementes), 2008. 78 p.

GINANI FILHO, Jonas Floripe. **A mina de ferro do Cunhaú.** Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/Jonasblog/mina-de-ferro-ina-de-ferro-de-Cunhaú>>. Acesso em: 02 abr. 2015.

GOP. Grupo Onça Pintada, **39ª Excursão: fomos conhecer a casa de pedra de pium em Nísia Floresta, Rio Grande do Norte.** Disponível em: <<http://goprn.blogspot.com.br/2011/12/39-excursao-fomos-conhecer-casa-de.html>>. Acesso em: 03 jul. 2015.

HONORATO, Aldivan. **Os mártires de Cunhaú e Uruaçu.** Disponível em:<https://www.google.com.br/search?q=colde&oq=colde&aqs=-chrome..69i57j0l5.4335j0j7&sourceid=chrome&espv=210&es_sm=93&ie=UTF8#q=cordel+sobre+o+Cunhaú>. Acesso em: 28 jan. 2014.

IBGE. Conselho Nacional de Estatística: **Sinopse Estatística do município de Canguaretama, Estado do Rio Grande do Norte.** Rio de Janeiro. Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1948, 13 p.

JÁCOME BARRETO, Francisco de França. **Primórdios do Engenho Cunhaú**. Disponível em: <<http://www.culturapindorama.com.br/2012/07/primordios-do-engenho-Cunhaú.html>>. Acesso em: 16 jan. 2015.

_____. **Biografias dos patronos das escolas municipais e estaduais de Canguaretama**. Disponível em: <<http://www.culturapindorama.com.br/2009/08/biografias-dos-patronos-das-escolas.html>>. Acesso em: 16 jan. 2015.

LELLO, José e Edgar. **Dicionário prático ilustrado Lello de 1964**. Editado por LELLO & IRMÃOS, 1381 p.

LIMA, Auricéia Antunes de. **Terras de Mártires**. 2. ed. Natal: Ed. da autora, 2001, 268 p.

LIMA, Heitor Rodrigues de. **Os nativos e o massacre de Cunhaú, Canguaretama**. 2009. UVA.

LOPES, Fátima Martins. **Missões religiosas: índio, colonos, missionários na colonização da Capitania do Rio Grande do Norte**. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 1999.

LYRA. Anderson Tavares. **O Porto de João Laustal Navarro**. Disponível em: <<http://www.historiaegenealogia.com/2009/10/o-porto-de-joao-lostao-navarro.html>>. Acesso em: 03 jul. 2015.

MAIA, Eduardo. **Fé chega: Um novo santo em Canguaretama**. Diário de Natal. Natal/RN, 30 de julho de 2000. Folha de cidades, p. 17.

MARANHÃO, Paulo Frederico Lobo. **A família Maranhão:** do Cunhaú a Matary. Recife: Comunigraf, 2001.

MARINHO, Aleuda Wanderley; MAVIGNER DE NORONHA, Carlos Henrique Moura. **Rio Grande do Norte:** Meu estado; Estudos sociais. [s.n.d].

MEDEILHOS, Genival, **Montanhas a Suíça do Agreste.** Disponível em: <<http://progenie-genival.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 30 maio 2015.

_____. **História de Montanhas.** Disponível em: <<https://montanhasrn.wordpress.com/historia-de-montanhas/>>. Acesso em: 30 maio 2015.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **O Engenho Cunhaú à luz de um inventário.** Natal: Fundação José Augusto, 1993, 86 pág.

MHN. **Biblioteca Virtual** Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=mhn&pagfis=10382&pesq=>>. Acesso em: 16 jan. 2015.

MONTANHAS, Prefeitura Municipal de. **História.** Disponível em: <<http://www.montanhas.rn.gov.br/historia.html>>. Acesso em: 05 dez. 2014.

NORTE, Tribuna do. **Historia dos Mártires:** O C a m i n h o a t é a B e a t i f i c a ç ã o. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/especial/martires/caminho.htm>>. Acesso em: 05 jun. 2014.

OLIVEIRA, Luís Antônio de. **O martírio encenado:** memória narrativa a teatralização do passado no litoral sul do Rio Grande do Norte/Luís Antônio de Oliveira. -Recife: Edit. do autor, 2003. 153 p.: il. tab. fotos.

OLIVEIRA, Thiago A. **Beatificação dos Mártires de Cunhaú e Uruaçu.** Disponível em: <<http://solarlogos14.blogspot.com.br/2014/11/beatificacao-dos-martires-de-Cunhaú-e.html>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

_____. **Gruta do bode: 1º mina de ferro do RN.** Disponível em: <http://solarlogos14.blogspot.com.br/2014/08/gruta-do-bode-1-mina-de-ferro-do-rn.html> Acesso: em: 18 de abr. de 2015.

PAIVA, Lúcia Bezerra de. **Actas Diurnas:** Dendê Arcoverde. Disponível em: <<http://dacadeirinhadearruar.blogspot.com.br/2011/06/actas-diurnas-dende-arcoverde-i.html>>. Acesso em: 08 jan. 2015.

PEREIRA, Francisco de Assis. **Protomártires do Brasil.** Natal: Clima, 1999.

PEREIRA, Levy. **Prefeitura do Rio Grande - a presença indígena nos entes geográficos do mapa de George Marcgrave,** palestra no MUSEU CÂMARA CASCUDO/UFRN, Natal, RN, 22/04/2010.

RIO FORMOSO, Prefeitura Municipal. **História do município de Rio Formoso.** Disponível em: <<http://www.rioformoso.pe.gov.br/?pag=historia>>. Acesso em: 28 maio 2015.

SALETE, Pousada Maria. **História de criação da cidade de Montanhas (RN).** Disponível em: <http://www.pousadamariasalete.com.br/historia-montanhas.html>>. Acesso em: 05 dez. 2014.

SCHALKWIJK, Frans Leonard. **Igreja e Estado no Brasil Holandês**, Pref. de José Antônio Gonçalves de Melo, Recife: FUNDARPE. Diretoria de Assuntos Culturais, 1986, il (coleção Pernambucana 2ª fase).

SEIXAS, Rebeqa Caroça. Olhares sobre a região do Mato Grande/ RebeqaCaroça Seixas, Matheus Augusto Avelino Tavares. – Natal: IFRN, 2011. 141 p.: il.

SILVA, Erivan Oliveira Ferreira. **Memórias de Canguaretama**. vol.1. Canguaretama: Projeto Vale das Matas. 2014. 66 p.

SOARES, José Luís. **José Luís Soares**. Depoimento [nov. 2014]. Entrevistador: Thiago Antonio de Oliveira. Canguaretama/RN. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida para o livro: Abundância de vale com matas a verdejante Canguaretama/RN.

183

SOVERAL, o.[s.n,d].

TRINDADE. João Felipe, **João Lostau e as ruínas de Pirangi (ou Pium)** Disponível em: <<https://utinga.wordpress.com/2009/03/03/joao-lostau-e-as-ruinas-de-pirangi-ou-pium/>>. Acesso em: 03 de jul. de 2015.

TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra. **História do Rio Grande do Norte** / Sérgio Luiz Bezerra Trindade. – Natal: Editora do IFRN, 2010. 281 p.

UNIÃO, Jornal. **Cruz do Espírito Santo Cem anos de História**. Disponível em: <<http://www.betomendonca.com/news/cruz-do-espirito-santo-1996-cem-anos-de-historia-/>>. Acesso em: 28 maio 2015.

VELOSO MARANHÃO, Maria Nilza. **Maria Nilza Veloso Maranhão.** Depoimento [abr. 2015]. Entrevistador: Thiago Antonio de Oliveira. Canguaretama/RN. 01 cassete sonoro. Entrevista concedida para o livro: Abundância de vale com matas a verdejante Canguaretama/RN.

VIRGÍNIO, Darlyne Fontes; TRIGUEIRO, Renata Paula Costa. **INVTUR:** Canguaretama/RN. / Darlyne Fontes, Renata Trigueiro – Natal: IFRN, 2014. 88 p.; il. color.

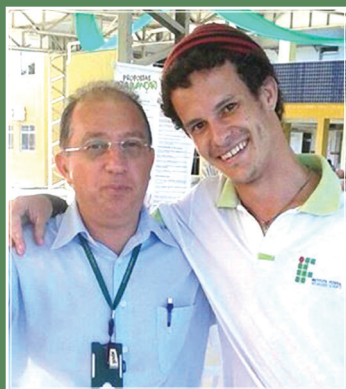
WILSON. Luís, **Família Arco Verde.** Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/163471-Familia-Arcoverde/>>. Acesso em: 31 jan. 2015.

As atividades editoriais do que hoje denominamos Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN iniciaram em 1985, no contexto de funcionamento da ETFRN. Nesse período, essas atividades limitavam-se a publicações de revistas científicas, como a revista ETFRN, que em 1999 tornou-se a revista Holos.

Em 2004, foi criada a Diretoria de Pesquisa, atual Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação, que fundou, em 2005, a Editora do IFRN. A Editora nasceu do anseio dos pesquisadores da Instituição que necessitavam de um espaço mais amplo para divulgar suas pesquisas à comunidade em geral.

Com financiamento próprio ou captado junto a projetos apresentados pelos núcleos de pesquisa, seu objetivo é publicar livros das mais diversas áreas de atuação institucional bem como títulos de outras instituições de comprovada relevância para o desenvolvimento da ciência e da cultura universal, buscando, sempre, consolidar uma política editorial cuja prioridade é a qualidade.





Thiago Antonio de Oliveira, vulgo Alemão, é um ex-aluno do curso técnico integrado em administração do IFRN-Campus Nova Cruz, hoje, aluno de informática no IFRN-Campus Canguaretama, futuro discente de História. Atualmente é bolsista voluntário dos projetos de pesquisa: Dançares Étnicos: Patrimônio Imaterial no Vale do Cunhaú e Vale do Cunhaú: Uma Análise do seu Patrimônio Cultural Material e é também militante do Coletivo Mestre Padre, pesquisador, poeta e radialista. Discente do curso Técnico de Nível Médio em Informática, na Forma Integrado.

E-mail: thiagooliveirarn@gmail.com
facebook.com/OliveirThiago

Tenho o prazer de conhecer e conviver com o autor Thiago Oliveira. Quem o conhece bem, distante de estigmas e este-reótipos, entende sua paixão pelos fatos históricos ocorridos em Canguaretama-RN, o legado material e patrimonial, visto ainda hoje sob ruínas mal preservadas, ora esquecidas.

Esta obra traduz o sentimento do autor enquanto pes-quisador, que tenta construir a História local, baseada num olhar ao mesmo tempo científico e de morador local, curioso sobre o tema dos engenhos, capelas, ruínas, lendas e demais locais de importância histórica.

Materializa em palavras a importância geográfica de Can-guaretama-RN, não somente devido a sua localização, tam-bém pela presença de sua natureza rica, formada por rios e solos excelentes para o plantio da cana de açúcar e sua rentabilidade econômica no período colonial. Bem como trata de forma inovadora, os massacres ocorridos em decorrência de disputas de interesses os mais diversos e presentes na me-mória coletiva, através do resgate simbólico religioso, como a Capela do Engenho Cunhaú.

O leitor que se aventurar por estas linhas, vivenciará um tempo que antecede o atual do município, como o polêmico enredo dos Massacres do Período Holandês, os mistérios so-bre a edificação da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Concei-ção, o planejamento e a construção da Praça Augusto Severo, a força social e religiosa das capelas, encontrando ainda, as-pectos pouco conhecidos do município, como a força econô-mica das salinas.

Uma obra de prospecção histórica, reveladora da impor-tância e manutenção do patrimônio cultural local, de sua história para as atuais e próximas gerações, fortalecendo as suas identidades.

Prof. Dr. Marcio Monteiro Maia – Docente
IFRN CAMPUS CANGUARETAMA.

